

O sítio Ateneu Artístico Vilafranquense (Vila Franca de Xira): contributo para o conhecimento do quotidiano nos séculos XV e XVI

Eva Miriam Antunes Grilo Pires

**Dissertação de Mestrado em Arqueologia
Vol. 1**

(Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública)

Nota: Eva Miriam Antunes Grilo Pires
O sítio Ateneu Artístico Vilafranquense
(Vila Franca de Xira): contributo para o
conhecimento do quotidiano nos
séculos XV e XVI
Setembro 2019

Setembro 2019

**O sítio Ateneu Artístico Vilafranquense (Vila Franca de Xira):
contributo para o conhecimento do quotidiano nos séculos XV e XVI**

Eva Miriam Antunes Grilo Pires

**Dissertação de Mestrado em Arqueologia
Vol. 1**

Setembro 2019

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica de André Teixeira, professor de arqueologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e Sónia Gabriel, arqueozoóloga da Direcção Geral do Património Cultural.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que me apoiaram ao longo deste processo. Em primeiro lugar agradeço aos meus orientadores André Teixeira e Sónia Gabriel, que guiaram o meu trabalho.

Em segundo lugar, agradeço à Câmara Municipal de Vila Franca de Xira pela disponibilização dos materiais arqueológicos e das suas instalações, nomeadamente o Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX) e o Núcleo Museológico do Mártir Santo, onde o espólio foi estudado. Um enorme agradecimento aos arqueólogos municipais João Pimenta e Henrique Mendes, que me acolheram no CEAX e se mostraram sempre disponíveis para auxiliar o meu trabalho. Agradeço também a Inês Conde, por todas as explicações de desenho.

Agradeço ao Laboratório de Arqueociências (LARC) da Direcção Geral do Património Cultural por disponibilizar a utilização da sua colecção de referência. Neste ponto, devo um grande agradecimento à equipa do LARC, particularmente a Carlos Pimenta pelo auxílio na análise dos restos de aves, a Simon Davis pela ajuda com os mamíferos, e a Patrícia Mendes que graciosamente identificou as sementes provenientes deste contexto arqueológico.

Queria ainda agradecer a Joana Torres, sem quem eu não saberia reconstituir cerâmicas.

Por fim, um obrigada à minha família e amigos, pela paciência que têm tido.

**O sítio Ateneu Artístico Vilafranquense (Vila Franca de Xira): contributo para o
conhecimento do quotidiano nos séculos XV e XVI
Dissertação de Mestrado em Arqueologia**

Eva Pires

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Urbana. Arqueozoologia. Cerâmica. Idade Moderna. Vila Franca de Xira.

A intervenção arqueológica efectuada no sítio do Ateneu Artístico Vilafranquense em 2007, no âmbito da arqueologia preventiva, revelou dados acerca do aglomerado urbano de Vila Franca de Xira durante a Baixa Idade Média e o início da Idade Moderna.

A integração urbanística do sítio arqueológico, situado em pleno centro histórico, permitiu depreender que durante a Baixa Idade Média este local era um espaço aberto, possivelmente uma zona de quintal anexo a uma habitação. A presença de um silo indica que este sítio funcionou como área de armazenamento, sendo desactivado e aterrado em inícios da Idade Moderna.

O estudo realizado sobre a totalidade do espólio proveniente desta intervenção, constituído por um conjunto de cerâmicas, faunas, vidros, metais e líticos, permitiu inferir o cariz doméstico deste contexto composto por restos de consumo da população urbana. A análise dos materiais realizou-se com o objectivo de compreender hábitos de consumo, questões socioeconómicas e dinâmicas comerciais, de forma a desenvolver o conhecimento sobre o quotidiano da população vilafranquense durante os séculos XV e XVI. Este conjunto revelou uma grande diversidade de cerâmica, destacando-se produções regionais, bem como importações. A análise do conjunto de faunas, composto por mamíferos, aves, moluscos e peixes permitiu identificar as espécies, domésticas e selvagens, que integraram a alimentação dos habitantes.

ABSTRACT

KEYWORDS: Urban Archaeology. Zooarchaeology. Ceramics. Modern Age. Vila Franca de Xira

The archaeological intervention in the Ateneu Artísticu Vilafranquense site in 2007, in the context of preventive archaeology, revealed data about the urban center of Vila Franca de Xira during the Late Middle Ages and Early Modern Age.

The integration of the archaeological site in the urban landscape allowed us to understand that, during the Late Middle Ages, this area situated in the town's historical center was an open space, possibly a household's backyard. The presence of a silo indicates that it functioned as a storage area, before being deactivated and landfilled in the beginnings of the Modern Age.

The study of the entire set of materials from the intervention, made up of ceramics, faunal remains, glass, metals and lithic materials, allowed us to infer the domestic nature of this context comprised of the urban population's consumption remains. The analysis of the materials was accomplished with the aim of understanding consumption habits, socio-economic issues and commercial dynamics, in order to improve the knowledge of Vila Franca de Xira's inhabitants daily life during the 15th and 16th century. This set revealed a great ceramic diversity, highlighting regional productions, as well as imports. The analysis of the faunal remains, comprised of mammals, birds, mollusks and fishes, allowed us to identify the species, domestic and wild, that composed the habitants' food.

ÍNDICE

Introdução	1
1. Metodologia.....	4
2. Estruturas e estratigrafia	10
3. Cerâmica.....	14
3.1 Fabricos e formas	14
3.1.1 <i>Cerâmica fosca e brunida</i>	15
3.1.2 <i>Cerâmica Vidrada</i>	45
3.1.3 <i>Cerâmica Esmaltada</i>	56
3.2 Integração estratigráfica	63
4. Vidro.....	79
4.1 Fabricos e formas	79
4.2 Integração estratigráfica	81
5. Metais	82
5.1 Integração estratigráfica	85
6. Líticos	87
6.1 Integração estratigráfica	88
7. Fauna	89
7.1 UE 104.....	90
7.2 UE 107.....	91
7.3 UE 109.....	100
7.4 UE 112.....	101
7.5 UE 304.....	101
7.6 UE 101/201, 105 e Recolha de Superfície.....	103
8. Urbanismo	107
9. Quotidiano: recursos, produção e comércio	116
10. Considerações Finais	125
Bibliografia.....	128

LISTA DE ABREVIATURAS

AAV – Ateneu Artístico Vilafranquense

CEAX – Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira

DGPC – Direcção Geral do Património Cultural

ENP – Elementos Não Plásticos

LARC – Laboratório de Arqueociências

MNR – Museu do Neo-realismo

NR – Número de Restos

NMI – Número Mínimo de Indivíduos

NISP – Número de restos identificados por táxon

UE – Unidade(s) Estratigráfica(s)

Introdução

Este trabalho de dissertação realiza-se no âmbito da componente não lectiva do mestrado em arqueologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, sendo co-orientado por André Teixeira, professor de arqueologia na UNL, e por Sónia Gabriel, arqueozoóloga da DGPC.

O mestrado é realizado em colaboração com a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e o Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX) que disponibilizaram o espólio para estudo. Contámos com o apoio dos arqueólogos municipais João Pimenta e Henrique Mendes e do Núcleo Museológico do Mártir Santo, local onde os materiais foram estudados, assim como o Laboratório de Arqueociências (LARC) da Direcção Geral do Património Cultural (DGPC) onde o conjunto de faunas foi analisado sob a orientação da arqueozoóloga Sónia Gabriel.

O nosso trabalho consiste numa aproximação ao estudo dos quotidianos dos séculos XV e XVI em Vila Franca de Xira, através da análise do contexto arqueológico do Ateneu Artístico Vilafranquense (AAV). Neste sítio arqueológico foi recolhido espólio diversificado, incluindo cerâmica, fauna, vidro, metal e líticos. Através da análise dos materiais e dados recolhidos durante a intervenção arqueológica, este estudo de caso tem como objectivo principal o desenvolvimento de conhecimento sobre o quotidiano da população vilafranquense durante a Baixa Idade Média e o início da Idade Moderna. Para tal, procuramos abordar diversos temas tais como hábitos de consumo, questões socioeconómicas, relações entre as comunidades e o meio ambiente, assim como as dinâmicas comerciais com os espaços vizinhos, principalmente a cidade de Lisboa. Pretendemos ainda fazer a integração urbanística do sítio arqueológico, esclarecendo a sua função e cronologia de ocupação, assim como algumas características do modo de vida dos seus habitantes. Por não ser viável tratar todos os aspectos da vila e suas ligações com as comunidades circundantes, procurámos centrar o nosso estudo nos hábitos de consumo, questões socioeconómicas e relações comerciais que foi possível depreender através da análise do espólio recolhido na intervenção arqueológica realizada no AAV.

As intervenções arqueológicas urbanas efectuadas em Vila Franca de Xira têm revelado alguns contextos medievais e modernos que constituem fontes de informação

essenciais para o estudo da antiga vila (Ferreira, Macedo, 1999a, 1999b, 1999c, 2000; Ferreira, 2000; Mendes, 2017; Pimenta, Mendes, 2006, 2010; Pinto, 2005, 2007; Pinto, Ferreira, 2001). Contudo, a reduzida dimensão das áreas escavadas e o mau estado de conservação de certos contextos dificultam a sua interpretação. Destacam-se as escavações no Museu do Neo-realismo (MNR) (Pimenta, Mendes, 2006) e Rua José Dias da Silva (Mendes, 2017), sítios que contêm paralelos relevantes com o sítio do AAV. O contexto do MNR encontra-se actualmente em estudo e algumas análises preliminares já foram objecto de publicação (Detry, Pimenta, 2016-17; Mendes, Pimenta, 2007, 2015; Pimenta, Mendes, 2007). Outros trabalhos de investigação, focados no estudo de faianças (Casimiro, Sequeira, 2016/2017; Cruz, 2018) e porcelanas (Casimiro, Henriques, 2016/2017, 2018) provenientes de contextos vilafranquenses são também de salientar. Sobre o contexto do AAV ainda não existem publicações para além do relatório da intervenção arqueológica (Pinto, 2007).

As fontes históricas documentais conhecidas e com relevância para o estudo do antigo aglomerado urbano de Vila Franca de Xira são escassas. Destas destacamos as cartas de foral (Camacho, 1985a: 147-175) por conterem dados acerca da fundação desta vila, referências ao comércio realizado na região, assim como alguma legislação elucidativa sobre o funcionamento do aglomerado urbano no início do século XVI. Outros documentos do século XVIII, tais como as Memórias Paroquiais de 1758 (Vargas, 1989/1990), contêm também informação sobre a vila. Em todo o caso, destaque-se a ausência de aturada investigação documental, que não cabe no nosso trabalho.

Salientam-se ainda as obras de João Amaral (1991a, 1991b) e Lino de Macedo (1992) redigidas durante o século XIX e que oferecem informações diversas acerca de Vila Franca de Xira, desde questões históricas até biografias de alguns habitantes ilustres. Embora estes autores nem sempre refiram as fontes que consultaram na sua recolha de informação, as suas obras são o primeiro esforço de investigação sobre a história desta vila. Em relação às fontes cartográficas e iconográficas, a mais antiga planta conhecida de Vila Franca de Xira data de 1786 (Pimenta, Mendes, 2016: 190-191) e a mais antiga representação gráfica à qual podemos ter acesso foi realizada entre 1668 e 1669 (Baldi, 1668-69: 60).

Os estudos historiográficos efectuados sobre Vila Franca de Xira, com foco na Idade Média e Moderna, são igualmente pouco numerosos e a informação neles apresentada é limitada, focando-se maioritariamente no processo de fundação do

aglomerado urbano e em dados demográficos (Barbosa, 1995; Camacho, 1985b, 1994; Guerra, 1998; Nunes, Silva, 2013). Apenas um trabalho aborda a evolução urbanística de Vila Franca de Xira, embora baseado na extrapolação de modelos urbanísticos de outros aglomerados vizinhos a Vila Franca de Xira, sem fundamentação em dados arqueológicos (Lucas, 2003: 109).

A escassa investigação científica sobre Vila Franca de Xira resulta num conhecimento ainda limitado sobre a antiga vila. Contudo, os estudos existentes, bem como as intervenções arqueológicas realizadas até agora, constituem fontes de informação essenciais acerca deste aglomerado urbano, permitindo uma comparação entre sítios e espólios. Devemos também sublinhar a importância da *Carta Arqueológica de Vila Franca de Xira* (Pimenta, Mendes, 2016), documento imprescindível para o estudo desta região, visto que reúne todos os achados e sítios arqueológicos conhecidos do concelho e respeitante bibliografia.

Assim, a importância deste trabalho de mestrado prende-se com a escassez de conhecimento sobre Vila Franca de Xira entre a Baixa Idade Média e a Idade Moderna, pretendendo contribuir para o seu alargamento. Este estudo de caso procura perceber melhor a antiga vila e os seus habitantes, mas também a região na qual se insere.

Esta dissertação organiza-se essencialmente por tipos de materiais. Depois de um apartado metodológico (capítulo 1) e da descrição do contexto arqueológico em estudo (capítulo 2), com indicação das estruturas e estratigrafia identificadas (Anexos I a III), expõe-se os diferentes grupos de espólio arqueológico recolhidos no sítio, entre os capítulos 3 a 7. O capítulo 3, onde se expõe a cerâmica, começa por abordar os fabricos e (Anexo IV), dentro de cada um deles, as respectivas formas (Anexos V e VI), analisando depois a sua integração estratigráfica, de forma a caracterizar os depósitos e estruturas deste contexto arqueológico. O capítulo 4, que aborda o vidro, organiza-se de forma idêntica (Anexos IV a VI). Os capítulos 5 a 7, que abordam respectivamente os metais, os líticos e as faunas, expõem os materiais identificados e a sua integração estratigráfica (Anexos V e VI). Seguem-se capítulos mais interpretativos: um primeiro (capítulo 8), procurando integrar um estudo do urbanismo de Vila Franca de Xira na transição da Idade Média para a Idade Moderna; um segundo (capítulo 9), que pretende reflectir sobre o quotidiano de Vila Franca de Xira nesta época, com o foco nos recursos e produção desta vila, assim como nas suas relações comerciais com outros territórios. Os anexos I a VI compõem o segundo volume desta dissertação.

1. Metodologia

Dada a escassez de estruturas identificadas, o principal trabalho realizado no âmbito desta dissertação consistiu no estudo dos materiais arqueológicos recolhidos no AAV. Assim, tendo em consideração os objectivos acima descritos, foi efectuado um estudo o mais exaustivo possível dos vários tipos de espólio, nomeadamente cerâmica, fauna, vidro, metal e líticos. Trata-se de material muito diverso, que requereu naturalmente a adopção de metodologias, também elas, muito distintas. Refira-se que, de forma a retirarmos o maior número de informação possível deste sítio todos os materiais arqueológicos foram considerados.

O espólio em estudo encontra-se depositado nas reservas do CEAX, localizado em Cachoeiras. O estudo dos materiais cerâmicos, vítreos, metálicos e líticos processou-se maioritariamente nas instalações do Núcleo Museológico do Mártir Santo, em Vila Franca de Xira, entre Fevereiro de 2018 e Janeiro de 2019. A fauna foi analisada no LARC da Direcção-Geral do Património Cultural, no Palácio Nacional da Ajuda, entre Fevereiro e Março de 2019.

A lavagem, marcação e inventariação do espólio do AAV foi efectuada pela Crivarque Lda., na sequência da intervenção arqueológica (Pinto, 2007: 26). Contudo, o trabalho de marcação encontrava-se incompleto, tendo sido realizado apenas em cerca de metade dos materiais e contendo alguns erros que foi possível identificar. No conjunto de cerâmica, assim como no material lítico, foram detectados casos em que a informação presente na etiqueta não correspondia à marcação dos fragmentos¹. Após a análise dos materiais verificou-se que esta situação deve-se provavelmente a um erro na marcação dos fragmentos e não na etiquetagem dos sacos². Além disso, refira-se ainda que algumas peças de cerâmica já tinham sido reconstituídas e coladas por João Pimenta e Henrique Mendes, enquanto arqueólogos municipais.

O tratamento da cerâmica, realizado no âmbito deste trabalho, consistiu na colagem dos fragmentos, reconstituição, desenho, fotografia, quantificação e inventariação das peças. A colagem dos fragmentos e reconstituição das peças efectuou-se inicialmente por unidades estratigráficas (UE) e posteriormente entre estas, procurando verificar se existe ligação entre elas. Nesta fase a cerâmica foi separada por

¹ Esta situação verificou-se em sacos cuja etiqueta indica proveniência das UE 104, 101/201 e 304, enquanto os fragmentos no seu interior estão marcados como pertencentes à UE 107.

² Não se verificaram colagens entre os fragmentos com marcação incorrecta e o espólio da UE 107. Estes fragmentos apenas colaram com o espólio da UE indicada na etiqueta.

grandes categorias (cerâmica fosca, brunida, vidrada e esmaltada), dentro das quais foram definidos os diversos fabricos e, por fim, foram reconhecidas as diversas formas.

A identificação de grupos de fabrico no conjunto de cerâmica efectuou-se através da análise macroscópica das pastas, tendo em conta a frequência e tipo de elementos não plásticos (ENP) presentes, nível de compactação, coloração e tratamento das superfícies. Porém, a coloração das pastas não foi um factor decisivo nesta distinção, visto ser muito variável em função da cozedura. A observação das pastas, realizada a olho nu e através de uma lupa, permitiu identificar diversos grupos de fabrico, sendo cada um descrito e representado através de fotografia. Para facilitar a distinção destes fabricos criou-se um código através do qual estes são designados: fabrico F1 a F11 para cerâmica fosca, B1 a B6 para brunida, V1 a V10 para vidrada e E1 a E7 para esmaltada. No seio de cada fabrico foram identificadas diversas formas e subtipos formais, cujas características foram descritas e representadas através de desenho.

Por não existir ainda uma tipologia unanimemente definida para as formas de cerâmica moderna, a terminologia aqui utilizada baseia-se em Fernandes (2012) e em Bugalhão e Coelho (2017). As formas identificadas foram enquadradas em grupos funcionais (cozinha, mesa, armazenamento, higiene, iluminação e outros³). Contudo, O nível de fragmentação do material dificultou a colagem e consequente identificação das formas, não permitindo diferenciar alguns objectos. Os perfis completos são raros, encontrando-se maioritariamente fragmentos de bordos, asas e fundos que não pertencem aos mesmos objectos e individualmente podem corresponder a diversas formas, assim como peças das quais se conserva apenas uma metade.

Deve ainda considerar-se que a mesma forma pode servir diversas funções, pelo que neste trabalho cada forma foi enquadrada na função principal à qual habitualmente serve⁴. Não se incluem descrições das funções dos objectos por estas se poderem encontrar em Fernandes (2012), que seguimos. Divergiu-se apenas na classificação dos potes, que foram considerados recipientes morfologicamente semelhantes às panelas mas que não possuem marcas de fogo, sendo a sua função provável o armazenamento de alimentos. Os recipientes de ir ao fogo foram distinguidos através da identificação de marcas de fogo presentes apenas na superfície exterior, nomeadamente nas bases,

³ Esta categoria engloba cerâmica de construção, objectos lúdicos tais como malhas de jogo e peças de forma indeterminada.

⁴ Por exemplo, as tigelas foram enquadradas na cerâmica de mesa, utilizada para servir e/ou consumir os alimentos, embora estes objectos possam também ser utilizados na sua confecção.

diferenciando-se assim de peças que sofreram combustão pós-deposicional e que se encontram queimadas em ambas as superfícies, incluindo nas fracturas.

Para o registo através de desenho foram seleccionadas peças representativas de cada subtipo identificado por forma. Estes desenhos foram posteriormente vectorizados e organizados em estampas através do software *Inkscape*. As peças foram descritas tendo em conta a sua morfologia, dimensões e pasta. Esta informação apresenta-se sob a forma de catálogo (Anexo V). Algumas peças vidradas e esmaltadas, assim como as que possuem alguma marca ou decoração distintiva, foram registadas também através de fotografia. Por a marcação do espólio se encontrar incompleta, foi necessário marcar algumas destas peças, atribuindo-lhes um número de inventário.

A quantificação da cerâmica realizou-se por UE, com base no modelo Número de Restos (NR) e Número Mínimo de Indivíduos (NMI) definido em Arcelin e Tuffreau-Libre (1998). O NMI foi definido através do número de bordos, fundos e perfis completos presentes em cada forma e fabrico – ao número de perfis completos adicionou-se o número de bordos ou de fundos, dependendo qual se encontrava em superioridade numérica. Nos casos em que apenas existiam fragmentos de parede foi utilizada a compensação por um, valor sempre apresentado entre parênteses. Este método aplicou-se igualmente à quantificação de grupos de fabricos representados apenas por fragmentos de forma indeterminada. Nesses casos, a compensação por um foi considerada apenas na quantificação do NMI dos fabricos e não no NMI do conjunto de formas identificadas. Por a incidência de decorações presentes nestes materiais ser reduzida, esse critério não foi tido em consideração aquando da definição do NMI. A quantificação é apresentada sob forma de tabelas (Anexo VI) e gráficos.

A utilização da morfologia das peças no processo de datação do espólio cerâmico não é ideal por estas serem idênticas, ou muito semelhantes, durante um longo período de tempo, podendo abranger vários séculos. Devemos ainda ter em conta as diferenças de produção regionais e mesmo locais durante a mesma época, assim como o tempo de vida útil dos objectos. Deve destacar-se que a maioria dos fabricos identificados não tem ainda uma caracterização detalhada, baseada em contextos de produção devidamente enquadrados cronologicamente. Por essas razões, as datações finais deste contexto apoiam-se maioritariamente nos numismas identificados e em alguns objectos, tais como as importações, cuja cronologia de produção é mais limitada no tempo.

O espólio vítreo, metálico e lítico foi igualmente quantificado e inventariado segundo o método enunciado (Anexo VI). O registo destes materiais realizou-se apenas através de fotografia, à excepção dos vidros que foram também desenhados (Anexo V). À semelhança da cerâmica, os objectos em vidro foram enquadrados em grupos de fabrico definidos através da observação da sua coloração e características (Anexo IV). A identificação dos subtipos destes objectos e terminologia utilizada baseia-se na tese de Teresa Medici (2014). O conjunto de metais foi repartido pela sua matéria-prima de fabrico (ferro, liga de cobre e chumbo) e formas. Também os objectos líticos foram inventariados segundo esse método.

O conjunto faunístico recuperado documenta a presença de mamíferos, aves, moluscos e peixes. A única amostra de sedimento recolhida (~ 200 ml) provém da UE 107. Esta foi lavada através de crivos com 1 mm e 0,5 mm e triada macroscopicamente.

A análise das faunas recuperadas realizou-se com três objectivos centrais: 1) identificar e quantificar as espécies presentes; 2) caracterizar as populações exploradas e 3) averiguar-se sobre a eventual utilização secundária dos produtos animais, nomeadamente das matérias duras para o fabrico de objectos.

A identificação anatómica e taxonómica dos restos foi feita por comparação com as colecções osteológicas de referência do LARC (Moreno-García *et al.*, 2003). Todos os restos foram estudados individualmente utilizando um atlas de identificação específica e seguindo os procedimentos preconizados em Hillson (1992), Reitz e Wing (2008) e Driesch (1976) para os mamíferos, em Casteel (1976) e Wheeler e Jones (1989) para a ictiofauna, e em Claassen (1998), Dupont (2006), Gutiérrez-Zugasti (2009) e Fischer *et al.* (1987) para os moluscos.

Ainda que existam vários critérios para a distinção entre ovelhas (*Ovis aries*) e cabras (*Capra hircus*), como os preconizados em Boessneck (1969), tal separação não foi possível para a totalidade dos vestígios de ovicaprinos. O mesmo se verificou com o porco (*Sus domesticus*) e javali (*Sus scrofa*), bem como com o coelho (*Oryctolagus cuniculus*) e a lebre (*Lepus granatensis*), cujos restos documentados no AAV não puderam ser distinguidos com segurança.

Todos os restos e fragmentos foram analisados e incluídos nas contagens (NR). O número de espécies identificadas (NISP) foi definido considerando-se as zonas diagnósticas de cada osso, adaptando o procedimento proposto por Münzel (1988), de forma a evitar duplicações nas contagens. Assim, uma mandíbula fragmentada em três (NR), por exemplo, conta como um elemento esquelético identificado (NISP).

A fracção não determinada (ND) pode ser comparada com a das espécies identificadas (NISP), contribuindo para a compreensão de problemas tafonómicos relacionados com a fracturação dos restos ocorrida pré e pós-deposicionalmente, assim como durante a intervenção arqueológica. Os ossos registados nesta categoria (ND) incluem fragmentos (de osso longo, dentes, costelas, vértebras e conchas) cuja identificação a nível específico não pode ser feita com certeza. A fracção não determinada inclui as categorias *mamífero de tamanho médio* (MM, ex. ovelha, porco); *mamífero de grande tamanho* (MG, ex. cavalo, vaca); *mamífero de tamanho médio/grande* (MMG, no caso de fragmentos de osso cuja atribuição a um dos grupos anteriores não seja possível); e *mamífero de pequeno tamanho* (MP, ex. coelho, gato). Porém, registam-se casos em que a observação da espessura da tábua óssea apenas permitiu a integração do vestígio no grupo dos indeterminados.

O número mínimo de indivíduos (NMI) considera a frequência esquelética e, sempre que possível, a idade individual e os dados osteométricos. Não foi possível determinar o sexo dos animais devido à ausência de elementos que permitam efectuar essa distinção.

A estimativa da idade à morte dos mamíferos baseou-se no estado de fusão das epífises dos ossos longos (Barone 1976; Schmid 1972; Silver 1966) e no desgaste e substituição dentária (Grant 1982; Levine 1982; Payne 1973, 1987). A idade à morte foi estimada apenas para a UE 107, sendo esse o contexto mais abundante e que permite uma análise mais compreensiva. No caso das aves apenas foi possível determinar se os indivíduos eram juvenis ou adultos, baseado na observação do estado de fusão das epífises dos ossos longos.

Todos os vestígios faunísticos foram avaliados seguindo os critérios preconizados em Gautier (1987). As marcas de percussão seguiram os critérios definidos por Blumenschine e Selvaggio (1988) e White (1992), as marcas de corte, incisão e de carnívoro seguiram a metodologia de análise de Binford (1981). Os elementos alterados termicamente foram registados com base na sua coloração, seguindo o trabalho de Nicholson (1993).

As marcas de corte, assim como os vestígios de fogo, presentes em alguns fragmentos foram registados através de fotografia.

Sempre que possível, a medição dos ossos de mamíferos segue os critérios preconizados em Driesch (1976). Para as conchas que se encontram completas ou quase completas seguem-se os critérios métricos preconizados em Fischer, Schneider e Bauchot (1987). Os dados osteométricos encontram-se listados no Anexo VI (Tabelas 100 a 102).

2. Estruturas e estratigrafia

Vila Franca de Xira situa-se na margem direita do Rio Tejo, enquadrando-se na freguesia e concelho de Vila Franca de Xira, distrito de Lisboa. O núcleo urbano insere-se numa faixa de terra situada entre o Monte Gordo, a Noroeste, e a margem do Rio Tejo, a Sudeste. Este situa-se numa vertente com cotas absolutas entre cerca de 20 a 30 metros na zona mais interior a Noroeste, e entre 3 a 4 metros na zona ribeirinha a Sudeste (Figura 1, Anexo I). A Nordeste estendem-se as lezírias do Tejo e os núcleos urbanos de Povos e Castanheira do Ribatejo, enquanto a Sudoeste localiza-se o vale da ribeira de Santa Sofia e a vila de Alhandra. Em termos geológicos, a cidade encontra-se maioritariamente implantada sobre formações do Holocénico compostas por areias, cascalheiras, siltes e argilas. A zona Norte da cidade, nomeadamente a área do bairro do Bom Retiro, encontra-se implantada sobre formações do Jurássico Superior compostas por calcários, margas e arenitos (Figura 2, Anexo I). Este núcleo urbano é ainda atravessado pela Ribeira de Santa Sofia, afluente do Tejo, que actualmente se encontra encanada (Pimenta, Mendes, 2016: 26).

O conselho de Vila Franca de Xira é constituído por áreas urbanas implantadas maioritariamente na margem direita do Rio Tejo, encaixadas entre este e a zona dominada por montes e serras a Oeste, bem como áreas agrícolas localizadas na Lezíria, a Sudeste, e no interior do concelho, em zonas de meia encosta e na proximidade dos diversos ribeiros que atravessam a paisagem (Pimenta, Mendes, 2016: 26). Os núcleos urbanos do concelho, localizados maioritariamente na margem Norte do rio Tejo, como é o caso de Vila Franca de Xira, encontram-se em posições privilegiadas de acesso às vias de comunicação terrestres e fluviais do Vale do Tejo, utilizadas pelo menos desde a Antiguidade (Pimenta, Mendes, 2016: 271-282). A antiga via romana *Olisipo-Scallabis*, transformada em época medieval e moderna na Estrada Real, corresponde sensivelmente ao traçado da actual Estrada Nacional 10 que ainda hoje atravessa a cidade (Pimenta, Mendes, 2006: 67-79).

O sítio do Ateneu Artístico Vilafranquense (CNS 30449; coord. 38.9555 - 8.99002) localiza-se no centro do núcleo histórico da cidade de Vila Franca de Xira, a uma cota absoluta de 9 metros, na intersecção entre a Rua do Grémio Artístico e a Travessa do Hospital. A zona de intervenção corresponde a duas áreas situadas no interior dos edifícios anteriormente implantados na esquina entre estas duas ruas, sendo

esses o antigo Ateneu Artístico Vilafranquense (Área 2) e um edifício contíguo (Área 1), construído no século XX (Figura 3, Anexo I).

O AAV foi identificado como arqueosítio pelos arqueólogos da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira após o início de trabalhos de terraplanagem levados a cabo no âmbito da construção de um edifício de habitação e que puseram à vista materiais arqueológicos. Nesta altura foi efectuada uma recolha de espólio que se encontrava à superfície. É de salientar que as terraplanagens removeram uma camada de sedimento de cerca de 1 metro em relação à cota da rua (Pinto, 2007: 15). A descoberta de materiais arqueológicos, bem como a localização do sítio no centro histórico de Vila Franca de Xira, levou a execução de uma intervenção arqueológica no local, com vista à minimização de impactes, motivada pela continuidade daquela construção. Os trabalhos arqueológicos incluíram escavação e acompanhamento arqueológico. Esta intervenção foi efectuada pela empresa Crivarque, Lda. sob a direcção de Maria Adelaide Pinto e Cláudia Costa, entre 13 e 22 de Setembro de 2007 (Pinto, 2007: 4-15).

As duas áreas intervencionadas continham três sondagens (Sondagem 1 e 2 na Área 1 e Sondagem 3 na Área 2), cada uma de 2x2m inicialmente, tendo sido posteriormente alargadas, correspondendo a área escavada total a 37,5m². A Área 1 foi ainda dividida em cinco ambientes. A escavação realizou-se por UE, segundo o princípio de Harris, com recurso a ferramentas manuais pesadas (picareta e pá) e ligeiras (pico e colherim). O registo efectuou-se através de desenho e fotografia abrangendo UE, estruturas e perfis das sondagens (Pinto, 2007: 10-17).

O sítio revelou uma reduzida potência estratigráfica, sendo apenas identificados níveis arqueológicos preservados no interior de estruturas, na sua maioria negativas (Figuras 17 a 18, Anexo III). A camada de superfície UE 101=201 (Área 1), afectada pelos trabalhos de terraplanagem, assenta directamente sobre o depósito geológico UE 102=202=302, sendo composta por um sedimento de cor escura e um conjunto de cerâmica, vidro, metal e fauna. Foram ainda identificadas duas camadas correspondentes a níveis de sedimento revolvido associado a entulhos provenientes da demolição dos edifícios, as UE 105 (Área 1, Ambiente 4) e UE 301 (Área 2), nas quais não foi identificado espólio arqueológico à excepção de um fragmento de fauna na UE 105. As restantes UE correspondem às estruturas identificadas e seus preenchimentos (Pinto, 2007: 17-23).

Na Área 1 reconheceram-se diversas estruturas negativas: um silo (UE 108), três estruturas negativas de pequena dimensão (UE 106, 110 e 111) e um poço (UE 203). Nesta área foram ainda identificados os vestígios de um pavimento (UE 103=204) composto por argamassa e lajes.

O silo UE 108 (Ambiente 5), de perfil interno troncocónico com um raio máximo registado de 1 m, encontrava-se preenchido pela UE 107, composta por um sedimento de cor escura com a presença de carvões, assim como uma bolsa de sedimento queimado que não foi individualizada (Figura 10, Anexo II; Figura 21, Anexo III). O espólio identificado no seu interior é diversificado, incluindo cerâmica, vidro, metal, líticos e fauna. Infelizmente, esta estrutura não foi escavada na sua totalidade. A área intervencionada corresponderá a cerca de metade do perímetro da estrutura, estando a restante localizada no exterior da área de escavação definida. Além disso, este silo foi afectado pelas terraplanagens efectuadas em 2007, situação evidenciada pelos negativos dos dentes de uma retroescavadora nos seus limites (Figura 18, Anexo III), indicando que este foi cortado no topo. A estrutura foi escavada até à base, sendo a profundidade conservada de 1,10 m.

As restantes estruturas negativas encontravam-se preenchidas com materiais arqueológicos semelhantes aos que foram identificados no interior do silo. A UE 106 (Ambiente 4) apresenta um corte de perfil rectangular com uma largura de 70 cm e profundidade de 40 cm (Figura 8, Anexo II; Figura 20, Anexo III). Esta estava preenchida pela UE 104, composta por sedimento de cor escura com a presença de carvões e um conjunto de cerâmica e fauna. A UE 110 (Ambiente 5), de forma semicircular, possuía uma largura de 40 cm e profundidade de 21 cm (Figura 11, Anexo II). No seu interior encontrava-se a UE 109, composta por um sedimento areno-argiloso de cor escura e um pequeno conjunto de cerâmica, metal e fauna. A UE 111 (Ambiente 5), de formato circular e perfil troncocónico com uma largura de 40 cm e profundidade de 15 cm, encontrava-se preenchida por um sedimento areno-argiloso de cor escura e um conjunto de cerâmica, metal e fauna (Figura 12, Anexo II). Todas estas estruturas negativas terão sido afectadas pelos trabalhos de construção civil, à semelhança do silo.

O poço circular UE 203 (Ambiente 2), construído em pedra seca e com um diâmetro de 1,80, encontrava-se preenchido pela UE 205 composta por fragmentos de argamassa, estuque e tijolo (Figuras 13-14, Anexo II). A presença de um esgoto impossibilitou a sua escavação em profundidade (Pinto, 2007: 18-19). Além disso, este poço encontrava-se cortado no topo, à semelhança das restantes estruturas negativas,

calculando-se contudo que a sua altura “não ultrapassaria os 2 metros” (Pinto, 2007: 18-19).

Ainda na Área 1, foram identificados os vestígios de um pavimento UE 103=204 (Ambiente 3) composto por lajes em pedra calcária assentes sobre um nível de argamassa, com um comprimento de 2,40 m e uma largura de 1,65 m (Figura 9, Anexo II; Figura 19, Anexo III). Este, implantado entre o poço e as estruturas negativas, possuía uma orientação Nordeste-Sudoeste, sendo paralelo à Travessa do Hospital. Segundo os responsáveis pela intervenção arqueológica, este pavimento cobria parcialmente a estrutura negativa UE 106 (Pinto, 2007: 19). Contudo, a observação do registo gráfico do perfil deste local deixa dúvidas sobre essa afirmação (Figura 20, Anexo III).

Na Área 2 foi encontrada uma estrutura rectangular UE 303, construída em pedra, argamassa e tijolo, sendo identificada como tanque (Figuras 15-16, Anexo II; Figuras 22-23, Anexo III). Este, com um comprimento de 2,45 m e uma largura de 1,25m, estava revestido exteriormente por um reboco em cal e interiormente por argamassa compacta. A sua orientação é paralela à Rua do Grémio Artístico. O interior do tanque encontrava-se preenchido pela UE 304, composta por sedimento de cor escura e um conjunto de cerâmica, líticos, metal e fauna. Também esta estrutura se encontrava cortada, conservando-se apenas a sua base numa altura máxima de 25 cm.

O facto de as estruturas terem sido descobertas com a sua parte superior cortada e do silo, de onde provém a maioria do material, ter sido escavado apenas parcialmente, condicionou o conjunto de espólio recuperado. Por essa razão, é possível que o espólio descontextualizado, proveniente do estrato superficial UE 101/201 e da Recolha de Superfície, corresponda a materiais originalmente depositados em qualquer uma das estruturas identificadas no AAV.

3. Cerâmica

3.1 Fabricos e formas

O conjunto de materiais cerâmicos recuperado no AAV é composto por 3361 fragmentos (NR) que correspondem a 492 peças identificáveis (NMI) de cerâmica fosca, brunida, vidrada e esmaltada. A cerâmica fosca é o grupo mais abundante, representando 67% do NMI, enquanto a cerâmica brunida corresponde a 18% (Gráfico 1; Tabela 1, Anexo VI). A presença da cerâmica vidrada e esmaltada é residual neste contexto, correspondendo respectivamente apenas a 10% e 5% do NMI (Gráfico 1; Tabelas 6-9, Anexo VI).

A maioria das formas identificadas no AAV enquadra-se na cerâmica de cozinha, representada por 224 peças que no seu conjunto correspondem 46% do NMI total, bem como na cerâmica de mesa, que representa 34%.

Estes dados evidenciam a fragmentação do espólio sendo que, num universo de 492 peças apenas 44 correspondem a perfis completos. Para além destas, registam-se ainda 22 peças indeterminadas que, em certas UE, representam fabricos nos quais não foram identificadas formas⁵ (Gráfico 1).

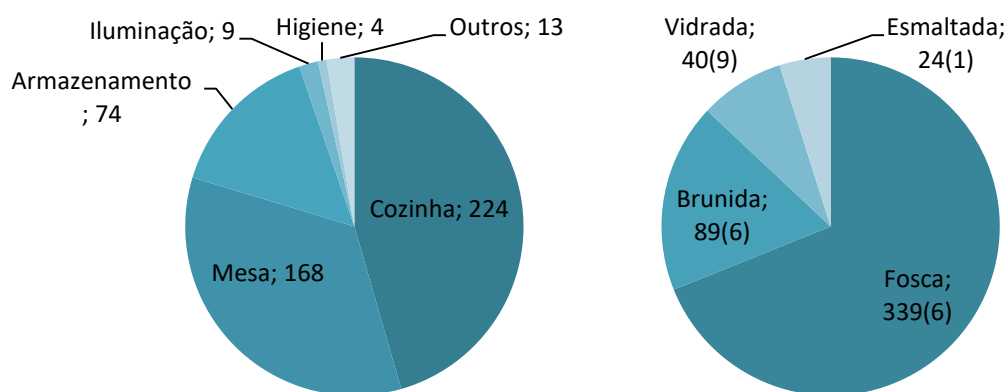


Gráfico 1. Distribuição do NMI da cerâmica total por categorias formais (à esquerda, incluindo fabricos representados por peças indeterminadas aos quais se aplicou a compensação por 1, registada entre parênteses) e tipos de cerâmica (à direita).

⁵ Nesses casos aplicou-se a compensação por um de forma a garantir a representação do fabrico, não se incluindo, porém, na quantificação das formas identificadas (Arcelin, Tuffreau-Libre, 1998: 12-16).

3.1.1 Cerâmica fosca e brunida

A observação das pastas permitiu identificar diversos grupos de fabrico, dos quais onze fabricos de cerâmica fosca e seis de cerâmica brunida. A maioria dos fabricos apresenta tanto cerâmica fosca como brunida, sendo as pastas iguais e variando apenas o tratamento da superfície. Por essa razão, estes dois grupos são apresentados em conjunto.

Entende-se por cerâmica fosca aquela que não recebe qualquer tratamento ou revestimento das superfícies, para além de aguadas ou engobes. A cerâmica brunida refere-se à cerâmica com o alisamento de uma ou ambas as superfícies conferindo-lhe uma aspecto polido e brilhante.

Fabrico F1/B1. Pasta com presença abundante de ENP de pequena a grande dimensão (entre 1 a 5 mm), maioritariamente quartzo, assim como elementos de cor branca, ocasionalmente preta e vermelha, com muito rara presença de micas (Anexo IV). A pasta apresenta principalmente tons laranja e avermelhados, resultante de uma cozedura oxidante, por vezes de núcleo cinzento devido a uma cozedura redutora-oxidante. A superfície é rugosa, frequentemente recoberta por aguadas de tons laranja ou vermelho, raramente de cor escura. Alguns exemplares apresentam as superfícies brunidas, geralmente apenas na superfície interna.

Estes fabricos deverão corresponder a uma produção local, devido à sua abundância neste conjunto, assim como a sua presença expressiva noutros contextos vilafranquenses como o MNR (Pimenta, Mendes, 2006; Mendes, Pimenta, 2007). Porém, a escassez de contextos de produção conhecidos e analisados nesta região do Vale do Tejo não permite identificar a origem desta pasta (Silva, 2003: 36). Podia colocar-se a hipótese desta ser uma produção de Santarém onde as pastas apresentam o mesmo tipo de inclusões. Contudo, à excepção de algumas peças, nomeadamente testos, candeias e tachos, a maioria das formas identificadas em Santarém são distintas das que aqui apresentamos (Mendes *et al.*, 2002: 264-274; Casimiro *et al.*, 2018: 23-30; Liberato, 2011: 104-108).

A fraca presença de micas afasta a hipótese de uma origem nas olarias de Lisboa, embora os exemplares registados no AAV apresentem numerosas semelhanças morfológicas com a cerâmica moderna exumada em contextos lisboetas, sendo por vezes idênticos, como veremos adiante.

No que toca ao grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabrico F1, regista-se cerâmica de cozinha (fogareiro, frigideira, panela, tacho e testo), de mesa (infusa e tigela), de armazenamento (cântaro e pote) e de iluminação (candeia). Neste grupo observa-se o predomínio da cerâmica de cozinha, que representa 76% do NMI, sendo composta maioritariamente por panelas (35%), tachos (15%) e textos (17%). Regista-se ainda uma quantidade expressiva de potes (10%) (Gráfico 2).

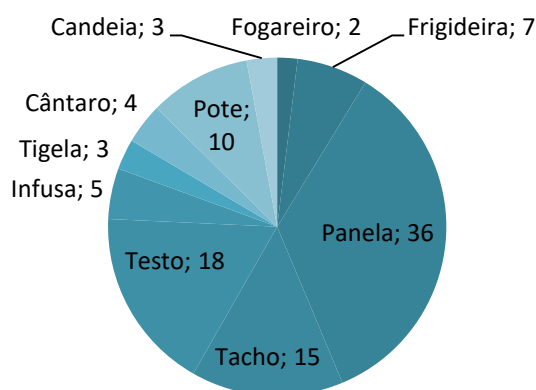


Gráfico 2. Distribuição do NMI de formas identificadas no fabrico F1.

Fogareiro. Forma aberta, de morfologia e dimensões indeterminadas devido à identificação apenas de fragmentos de parede (nº 1, Estampa 1, Anexo V) e grelha (nº 2, Estampa 1, Anexo V). A grelha identificada, com 1 cm de espessura, apresenta orifícios circulares realizados pré-cozedura. Esta é semelhante a um exemplar da olaria da Mata da Machada, contexto de produção entre finais do século XV e primeira metade do século XVI (Carmona, Santos, 2005: 64). Porém, é possível que esta grelha não corresponda a um fogareiro mas sim a um coador semelhante a exemplares identificados em contexto dos séculos XV-XVI na olaria das Portas de Santo Antão em Lisboa (Cardoso *et al.*, 2017: 1718-1728).

Frigideira. Forma aberta, troncocónica e baixa. Identificaram-se diversos subtipos de frigideira. Alguns bordos apresentam uma secção semicircular com espessamento exterior, podendo ser introvertidos ou extrovertidos. Os bordos introvertidos (nº 4 e 6, Estampa 1, Anexo V), cujos diâmetros variam entre 17-24,5 cm, podem apresentar uma ou mais caneluras incisadas abaixo do lábio. Estes assemelham-se a exemplares identificadas em níveis do século XIV e inícios da centúria seguinte em Palmela (Fernandes, Carvalho, 1992: 90-94). O subtipo de bordo extrovertido (nº 3,

Estampa 1, Anexo V) encontra-se representado por um fragmento de pega horizontal, de formato circular, que se desenvolve sobre o lábio, sendo o seu diâmetro de 28 cm. Este tem paralelos formais em níveis do terramoto de 1755 na Rua dos Correeiros, em Lisboa (Trindade, Diogo, 2003b: 287-291). Outros bordos são verticais de secção triangular (nº 5, Estampa 1, Anexo V), com diâmetros de 20,5 cm.

Panela. Forma fechada, ovóide ou globular. Foram identificados bordos verticais ou ligeiramente introvertidos de secção semicircular com espessamento exterior (nº 9, Estampa 1, Anexo V) ou duplo (nº 7 e 8, Estampa 1, Anexo V), decorados com caneluras em relevo abaixo do lábio, com diâmetros entre 13-17 cm; estas formas possuem uma ou duas asas verticais, de secção oval, que partem do bordo. Os perfis completos que foi possível reconstituir possuem alturas entre 17-20 cm. Estas formas encontram-se em contextos dos séculos XV-XVI no Castelo de São Jorge em Lisboa (Gaspar *et al.*, 2009: 655-657) e no estuário do Tejo (Silva, 2003: 45); em contextos do século XVI no MNR (Mendes, Pimenta, 2007: 22-23), em Alcochete (Correia, 2005/07: 72) e em Palmela (Fernandes, Carvalho, 1998: 215-235); assim como em níveis dos séculos XV-XVII da Rua do Benfornoso em Lisboa (Marques *et al.*, 2012: 126-128), sendo este um contexto de produção.

Outras peças apresentam bordos de secção quadrangular ou rectangular (nº 10-11, Estampa 1, Anexo V), com diâmetros de 16,5-24 cm; possuem caneluras incisadas abaixo do bordo. Estes subtipos têm paralelos formais em exemplares provenientes de Vila Verde dos Francos em Alenquer, em contexto dos séculos XIII-XVI (Cardoso, Batalha, 2018: 108-113); em níveis do final do século XV na Rua João de Outeiro em Lisboa (Diogo, Trindade, 1998: 260-264); em níveis da primeira metade do século XVI no MNR (Pimenta, Mendes, 2007: 17-26); em contexto do século XVI no Poço Novo em Cascais (Cardoso, Rodrigues, 2008: 97-104); e em níveis dos séculos XVI-XVII em Palmela (Fernandes, Carvalho, 1998: 216-235). Observa-se ainda um exemplar com um bordo de secção vagamente quadrangular e espessamento exterior (nº 13, Estampa 1, Anexo V), com um diâmetro de 24 cm; encontra-se decorado com uma onda e linha excisas abaixo do bordo.

As bases identificadas são planas ou ligeiramente convexas, com diâmetros que variam entre 11-17 cm (nº 5, Estampa 1, Anexo V).

Tacho. Forma aberta troncocónica. Foram identificados diversos subtipos. A maioria dos exemplares possui bordos introvertidos de secção semicircular, podendo apresentar espessamento exterior ou duplo (nº 18, Estampa 1, e nº 20, Estampa 2, Anexo V), com diâmetros de 18-21 cm e caneluras incisadas abaixo do lábio; podem apresentar pegadas horizontais de formato triangular que se desenvolvem sobre o bordo. Exemplares semelhantes encontram-se frequentemente em contextos do século XVI, nomeadamente no MNR em Vila Franca de Xira (Pimenta, Mendes, 2006: 199) e no Beco dos Inválidos em Cascais, (Cardoso, Rodrigues, 1999: 194-203); num contexto dos séculos XV-XVI em Alcochete (Correia, 2014: 376); ou em níveis do século XVII em Palmela (Fernandes, Carvalho, 1998: 219-240). Nos contextos lisboetas esta forma também é comum encontrando-se em níveis situados entre o século XVI e meados do XVIII na Calçada de São Lourenço em Lisboa (Diogo, Trindade, 2003: 205-213); no Hospital Real de Todos-os-Santos em contexto do século XVIII (Bargão, 2015: 43-120, 190); bem como em níveis do terramoto de 1755 na Rua dos Correeiros (Trindade, Diogo, 2003b: 287-291).

Outro subtipo caracteriza-se por um bordo com ressalto (nº 19, Estampa 2, Anexo V), de secção semicircular e um diâmetro de 18 cm; possui uma pega horizontal de formato semicircular que se desenvolve abaixo do bordo. Este é semelhante a exemplares provenientes de entulhos do terramoto de 1531 da Rua dos Correeiros em Lisboa (Diogo, Trindade, 2008: 171-183); de contextos dos séculos XV-XVI do Castelo de São Jorge em Lisboa (Gaspar *et al.*, 2009: 655-663) e do MNR em Vila Franca de Xira (Mendes, Pimenta, 2007: 34-35).

O único exemplar de perfil completo conservado (nº 21, Estampa 2, Anexo V) possui um bordo introvertido de secção semicircular com espessamento interior e caneluras na sua face externa, sendo o seu diâmetro de 24 cm; a sua base é ligeiramente convexa, com um diâmetro de 19 cm; ostenta uma pega de formato semicircular que se desenvolve abaixo do bordo e uma altura de 9 cm. Foi ainda identificado um bordo introvertido de secção triangular (nº 22, Estampa 2, Anexo V), com caneluras incisadas na face superior e um diâmetro de 21 cm.

Testo. Forma aberta troncocónica. Identificaram-se bordos extrovertidos, de secção arredondada (nº 14 a 17, Estampa 1, Anexo V), com diâmetros que variam entre 10-18,5 cm; as bases são planas, com diâmetros de 4,5-10 cm. Conservaram-se dois perfis completos com pega em botão no centro e alturas de 2,1-2,3 cm (nº 15 e 16, Estampa 1, Anexo V), um deles apresentando caneluras abaixo do lábio. As reduzidas

dimensões destes exemplares indicam que estes corresponderão a testos de panelas, podendo também ser utilizados para cobrir potes. Esta forma encontra paralelos em diversos contextos com cronologias situadas entre o final do século XV e o século XVI no MNR (Mendes, Pimenta, 2007: 29-30), no Beco dos Inválidos em Cascais (Cardoso, Rodrigues, 1999: 195-200), e no Castelo de São Jorge em Lisboa (Gaspar *et al.*, 2009: 655-665; Gomes *et al.*, 2009: 960-961). Porém, este subtipo encontra-se igualmente em contextos mais recuados, nomeadamente em níveis do século XIV e início do XV na Travessa das Capuchas em Santarém (Boavida *et al.*, 2013: 940-944); assim como em cronologias situadas entre os séculos XVI-XVIII na Calçada de São Lourenço em Lisboa (Diogo, Trindade, 2003: 205-212), ou no Hospital Real de Todos-os-Santos (Bargão, 2015: 43-120, 195).

Infusa. Forma fechada. Os bordos identificados podem ser ligeiramente introvertidos de secção arredondada (nº 23, Estampa 2, Anexo V), ou verticais de secção em bisel (nº 24, Estampa 2, Anexo V), com diâmetros de 8-13 cm. As bases são planas, com diâmetros que rondam os 15 cm. As infusas de bordo arredondado encontram paralelos formais em contexto do século XV e início do XVI no MNR (Mendes, Pimenta, 2007: 49) e na Rua José Dias da Silva em Vila Franca de Xira (Mendes, 2017: 8-32), bem como no Castelo de São Jorge em Lisboa (Gaspar *et al.*, 2009: 655-657); e em contextos do século XVI do Poço Novo em Cascais (Cardoso, Rodrigues, 2008: 96-101).

Tigela. Forma aberta troncocónica. Observam-se bordos extrovertidos de secção quadrangular (nº 25 e 26, Estampa 2, Anexo V), com diâmetros de 19-21 cm e caneluras excisas abaixo do lábio.

Cântaro. Forma fechada. Neste fabrico observam dois subtipos. O primeiro apresenta um bordo extrovertido de secção semicircular, possuindo duas asas verticais de secção com depressão longitudinal que partem do colo (nº 27, Estampa 2, Anexo V). Tem paralelos formais em exemplares exumados na Rua da Judiaria em Almada, atribuídos ao século XV (Barros, Henriques, 2003: 141), e em contexto do século XV e início do XVI no Castelo de São Jorge em Lisboa (Gaspar *et al.*, 2009: 655-666). O segundo caracteriza-se por um bordo extrovertido de secção rectangular (nº 29, Estampa 2, Anexo V), com um diâmetro de 12,5 cm, tendo paralelos no espólio do final do século XV e século XVI do MNR em Vila Franca de Xira (Brito, s.d: 35-37). As bases identificadas são ligeiramente convexas (nº 28, Estampa 2), com diâmetros que variam entre 9-13 cm.

Pote. Forma fechada. Identificaram-se diversos subtipos de bordos. Os primeiros são direitos de secção quadrangular (nº 30, Estampa 2, Anexo V) ou rectangular (nº 31, Estampa 2, Anexo V), com diâmetros de 8,5-11 cm, podendo ostentar uma canelura incisa abaixo do lábio. Outros apresentam uma secção semicircular, podendo ser extrovertidos (nº 32, Estampa 2, Anexo V) ou ligeiramente introvertidos (nº 33, Estampa 2, Anexo V), com diâmetros de 8-13 cm e uma ou duas caneluras incisadas abaixo do lábio. As bases identificadas são planas, semelhantes às bases de panela, com diâmetros que rondam os 11 cm. O subtipo nº 32 é semelhante a formas observadas nas panelas deste fabrico F1, indicando que as mesmas formas seriam utilizadas na confecção de alimentos e no seu armazenamento. Este encontra paralelos em potes provenientes do estuário do Tejo, atribuídos aos séculos XV-XVI (Silva, 2003: 39).

Candeia. Forma aberta. Identificaram-se dois exemplares de perfil completo, ambos com uma altura de 2,5 cm (nº 34 e 35, Estampa 3, Anexo V); os seus bordos são extrovertidos, de secção arredondada, formando um bico; as bases podem ser planas ou em disco, com um diâmetro de 4 cm. Esta forma encontra paralelos no Museu Hipólito de Cabaço em Alenquer, com cronologias situadas entre os séculos XII-XVI (Raposo, 2017: 62-195), em níveis do século XIII e inícios do XV na Travessa da Lameira em Santarém (Mendes *et al.*, 2002: 264-274); bem como em níveis de final do século XV e meados do XVI no MNR em Vila Franca de Xira (Pimenta, Mendes, 2006: 191). As candeias de caixa aberta com bordo em bico conhecem uma grande difusão durante toda a Idade Moderna, variando apenas a morfologia da sua base e a presença ou não de uma pega (Silva, 2003: 53).

No que toca ao grupo de cerâmica brunida B1 regista-se cerâmica de cozinha (alguidar, frigideira, tacho) e de mesa (prato e tigela). Tal como no caso da cerâmica fosca, observa-se aqui um predomínio da cerâmica de ir ao fogo, nomeadamente as frigideiras (42%) e os tachos (26%), que no seu conjunto representam 68% do NMI (Gráfico 3).

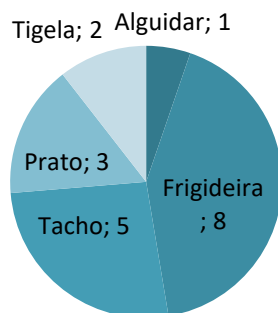


Gráfico 3. Distribuição do NMI de formas identificadas no fabrico B1.

Alguidar. Forma aberta troncocónica. O único bordo identificado é extrovertido com uma secção em voluta (nº 36, Estampa 4, Anexo V) e um diâmetro de 41 cm. Encontra-se um exemplar semelhante na Calçada de São Lourenço em Lisboa, em níveis situados entre o século XVI e meados do XVIII (Diogo, Trindade, 2003: 205-211).

Frigideira. Registou-se um número elevado de perfis completos que correspondem a dois subtipos. O primeiro (nº 39, Estampa 4, Anexo V) caracteriza-se por um bordo extrovertido de secção triangular com espessamento exterior, apresentando um diâmetro de 30 cm; a sua base é convexa, com um diâmetro de 8 cm. O segundo subtipo corresponde a bordos extrovertidos de secção semicircular com espessamento exterior ou duplo, tendo uma canelura excisa abaixo do lábio e um diâmetro que varia entre 14 cm (nº 37, Estampa 4, Anexo V) e 24,5 cm (nº 38, Estampa 4, Anexo V), este último possuindo uma pega lateral de formato circular; as bases são planas, com diâmetros de 7,5-20 cm. Ambos os subtipos possuem alturas situadas nos 4-4,5 cm. Estas formas, tal como as do fabrico F1, não possuem cabo.

Tacho. Registaram-se dois subtipos representados por perfis completos. O primeiro (nº 41, Estampa 4, Anexo V), de maiores dimensões, caracteriza-se por um bordo vertical de secção triangular com espessamento exterior e um diâmetro de 26 cm; a sua base é convexa, com um diâmetro de 18,5 cm; a altura é de 9 cm. Encontram-se exemplares semelhantes na Travessa das Capuchas em Santarém, em contexto do século XIV e início do XV (Boavida et al., 2013: 940-943), assim como no Quarteirão dos Lagares em Lisboa, em contextos situados entre os séculos XVI-XVII (Nunes, Filipe, 2012: 143-145).

O segundo subtipo (nº 40, Estampa 4, Anexo V) caracteriza-se por um bordo extrovertido de secção quadrangular, com um diâmetro de 16 cm, onde é visível o arranque de uma pega horizontal de morfologia indeterminada; a sua base é ligeiramente convexa, com um diâmetro de 12 cm; este possui uma altura de 6 cm. Ambos os subtipos identificados neste fabrico B1 possuem caneluras incisadas abaixo do lábio.

Prato. Forma aberta. Observa-se um exemplar de perfil completo (nº 42, Estampa 4, Anexo V) com bordo em aba larga, de secção semicircular com espessamento exterior e um diâmetro de 17 cm; a sua base em ônfalo possui um diâmetro de 7 cm; sendo a sua altura 3 cm. Pratos de aba larga com as superfícies brunidas foram identificados em contexto do século XV e início do XVI na Rua José Dias da Silva em Vila Franca de Xira (Mendes, 2017: 35) e no Castelo de São Jorge em Lisboa (Gaspar *et al.*, 2009: 655-657), embora as suas formas não sejam idênticas ao que observamos no AAV.

Outros exemplares encontram-se representados por bordos extrovertidos de secção semicircular com espessamento exterior (nº 43, Estampa 4, Anexo V) e diâmetros que rondam os 24,5 cm. As bases são em pé anelar (nº 44, Estampa 4, Anexo V) com diâmetros que variam entre 4-5,5 cm. Estes recipientes, por vezes denominados pratos-tampa, poderiam ser utilizados como testos para cobrir recipientes de maiores dimensões tais como tachos e frigideiras. Porém, estes também poderiam servir à mesa para consumo individual de alimentos (Bargão, 2015: 68; Gaspar *et al.*, 2009: 660). Formas semelhantes encontram-se em contexto situado entre os séculos XII-XVI em Alenquer (Raposo, 2017: 210); em níveis dos séculos XIV e início do XV em Palmela (Fernandes, Carvalho, 1992: 90-94); em contexto do século XV e início do XVI no Castelo de São Jorge em Lisboa (Gaspar *et al.*, 2009: 655-657); assim como na Calçada de São Lourenço em níveis situados entre o século XVI e meados do XVIII, estes últimos apresentando marcas de fogo que testemunham uma provável utilização como tampa (Diogo, Trindade, 2003: 205-211).

Tigela. Os bordos são maioritariamente extrovertidos de secção semicircular (nº 45, Estampa 4, Anexo V), com uma canelura excisa abaixo do lábio e diâmetros de cerca de 17 cm. Este subtipo encontra paralelos formais em contextos com cronologias situadas entre os séculos XV-XVI no MNR (Mendes, Pimenta, 2007: 52-56) e na Rua José Dias da Silva (Mendes, 2017: 36), ambos em Vila Franca de Xira, nas também em Palmela (Fernandes, Carvalho, 1998: 225-246), em Alcochete (Correia, 2014: 377), no

Castelo de São Jorge em Lisboa (Gaspar *et al.*, 2009: 655-657; Gomes *et al.*, 2009: 960-961), e em Cascais, tanto no Beco dos Inválidos (Cardoso, Rodrigues, 1999: 195-203) como no Poço Novo (Cardoso, Rodrigues, 2008: 97-108); em contextos situados entre os séculos XV-XVII na Rua do Benfornoso em Lisboa (Marques *et al.*, 2012: 126-128) e no Hospital Real de Todos-os-Santos em contexto datável do século XVI e início do XVII (Barradas, 2017: 77-141). Observa-se ainda um bordo vertical de secção arredondada (nº 46, Estampa 4), com caneluras abaixo do lábio e um diâmetro de 22,5 cm.

Fabrico F2/B2. Distingue-se do fabrico anterior por possuir uma pasta mais depurada, com menor quantidade e dimensão de ENP (na maioria menores que 1 mm), geralmente quartzos, elementos de cor preta e por vezes branca, com raras micas (Anexo IV). A pasta apresenta tons laranja a vermelho, com uma cozedura que varia entre ambiente oxidante e redutor-oxidante. As superfícies são pouco rugosas, frequentemente recobertas com aguadas de tons laranja ou vermelho, por vezes brunidas ou, mais raramente, com um engobe vermelho ou negro brilhante e rugoso. As semelhanças entre este fabrico e o anterior, nomeadamente o tipo de inclusões presentes nas pastas, indicam que este poderá corresponder a uma variante mais depurada do fabrico F1/B1. Consequentemente, os dois poderão ter a mesma proveniência. A confirmar-se como produções locais, estas copiariam de forma próxima os modelos da capital, como se atesta pelos paralelos com zonas de produção oleira localizadas na área da Mouraria, com cronologias situadas entre os séculos XV-XVII, nomeadamente na Rua do Benfornoso (Marques *et al.*, 2012: 126-128), no Quarteirão dos Lagares (Nunes, Filipe, 2012: 143-145) e na Rua das Portas de Santo Antão (Cardoso *et al.*, 2017: 1718-1728). Embora menos frequentes, observam-se ainda alguns paralelos com peças produzidas entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI no Barreiro, nomeadamente em Santo António da Charneca (Barros *et al.*, 2012: 702-703).

No que toca ao grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabrico F2, regista-se cerâmica de cozinha (alguidar, fogareiro, panela, tacho e testo), de mesa (infusa, púcaro e tigela), de iluminação (candeia), de armazenamento (cântaro, pote e talha), de higiene (servidor) e outros (malha de jogo). Neste grupo observa-se um predomínio da cerâmica de cozinha (58%), sendo as panelas (25%), textos (17%) e tachos (11%) as formas mais

numerosas (Gráfico 4). Contudo, observa-se igualmente uma quantidade significativa de púcaros (16%).

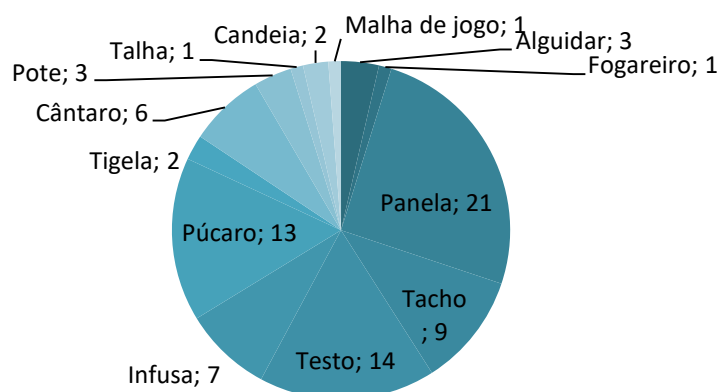


Gráfico 4. Distribuição do NMI de formas identificadas no fabrico F2.

Alguidar. Identificaram-se dois subtipos de alguidares. Os primeiros, de menores dimensões, apresentam bordos extrovertidos, em aba (nº 47, Estampa 5, Anexo V), com uma decoração pinçada na face exterior e caneluras incisas na face superior, tendo diâmetros de 28-32 cm. Esta forma, atribuída aos séculos XIII-XIV, encontra-se no MNR (Pimenta, Mendes, 2006: 67-198) e no Convento do Carmo em Lisboa (Pinheiro, 2015: 107-125), embora aqui identificada como talha; também foram registados em Vila Verde dos Francos, em silos utilizados como lixeira entre os séculos XIII-XVI (Cardoso, Batalha, 2018: 103-113). O segundo subtipo encontra-se representado por um fragmento de bordo extrovertido de secção semicircular (nº 48, Estampa 5, Anexo V), decorado com caneluras e uma onda incisa na face superior, com um diâmetro de cerca de 46 cm.

Fogareiro. Forma de morfologia e dimensões indeterminadas devido à identificação apenas de um fragmento de grelha (nº 49, Estampa 5, Anexo V). Esta tem 1,5 cm de espessura e apresenta orifícios quadrangulares realizados pré-cozedura.

Panela. O único perfil completo conservado (nº 50, Estampa 5, Anexo V) possui um bordo de secção semicircular com espessamento duplo e caneluras incisas abaixo do lábio, com diâmetro de 13 cm, partindo dele duas asas verticais de secção triangular; a sua base é convexa com um diâmetro de 6 cm; possui uma altura de 12,5 cm. Esta forma é semelhante aos exemplares de secção semicircular identificados no fabrico F1. Os restantes exemplares apresentam bordos verticais ou introvertidos de secção

quadrangular (nº 51, Estampa 5, Anexo V), rectangular (nº 53, Estampa 5, Anexo V) ou triangular (nº 54, Estampa 5, Anexo V) com espessamento exterior, tendo diâmetros de 11-19 cm; possuem uma ou duas asas verticais que partem do bordo. Estes têm paralelos formais em Vila Verde dos Francos, em contexto dos séculos XIII-XVI (Cardoso, Batalha, 2018: 108-113); em níveis dos séculos XIII-XIV na Rua Comendador Miguel Esguelha em Vila Franca de Xira (Pimenta, Mendes, 2010: 18-56); em níveis do final do século XV na Rua João de Outeiro em Lisboa (Diogo, Trindade, 1998: 260-264); em contexto do século XV e início do XVI na Rua José Dias da Silva em Vila Franca de Xira (Mendes, 2017: 8-30), no Castelo de São Jorge em Lisboa (Gaspar *et al.*, 2009: 655-661) e em Santo António da Charneca, uma zona de produção oleira (Barros *et al.*, 2012: 702-703); em contexto do século XVI no Poço Novo em Cascais (Cardoso, Rodrigues, 2008: 97-104); em níveis dos séculos XVI-XVII em Palmela (Fernandes, Carvalho, 1998: 216-235), assim como na Calçada de São Lourenço em Lisboa, em níveis situados entre o século XVI e meados do XVIII (Diogo, Trindade, 2003: 205-212).

Identificou-se igualmente um bordo vertical de secção triangular com espessamento interior (nº 52, Estampa 5, Anexo V) e um diâmetro de 14 cm. Observam-se formas semelhantes em níveis do século XVI no Beco dos Inválidos em Cascais (Cardoso, Rodrigues, 1999: 195-201), assim como em contexto dos séculos XV-XVII da Rua do Benfornoso em Lisboa (Marques *et al.*, 2012: 126-128).

As bases identificadas são planas (nº 55 e 56, Estampa 5, Anexo V) ou ligeiramente convexas, com diâmetros entre 6-11 cm. A peça nº 55 testemunha a combustão pós-deposicional que teve lugar no interior do silo.

Tacho. A maioria destes exemplares apresenta uma forma idêntica às formas de bordo semicircular introvertido e com ressalto do fabrico F1. Observa-se ainda um tacho de bordo vertical (nº 59, Estampa 5, Anexo V), secção triangular com espessamento exterior e caneluras incisadas abaixo do lábio, com um diâmetro de 20 cm. Este assemelha-se ao subtipo de secção triangular observado no fabrico B1 e formas provenientes do Quarteirão dos Lagares em Lisboa, em contextos situados entre os séculos XVI-XVII (Nunes, Filipe, 2012: 143-145).

Testo. Foram identificados dois subtipos de testos. Os primeiros são em barbela (nº 57 e 58, Estampa 5, Anexo V) e possuem diâmetros que variam entre 17-24,5 cm. Em termos formais estes são idênticos a exemplares identificados em contextos com cronologias situadas entre os séculos XIII-XVI em Vila Verde dos Francos (Cardoso,

Batalha, 2018: 106-113) e em Alenquer (Raposo, 2017: 69-213); em níveis dos séculos XIII-XIV no MNR em Vila Franca de Xira (Pimenta, Mendes, 2010: 18-56); em níveis do século XVI na Rua dos Correeiros em Lisboa (Diogo, Trindade, 2008: 171-183) e no Poço Novo em Cascais (Cardoso, Rodrigues, 2008: 97-107); bem como em contexto do século XV e início do XVI no Castelo de São Jorge em Lisboa (Gaspar *et al.*, 2009: 655-665). O segundo subtipo é idêntico aos exemplares apresentados no fabrico F1, com diâmetros entre 11-13 cm.

Os testos com barbela, de maiores dimensões, seriam provavelmente destinados a cobrir tachos enquanto os segundos, mais pequenos, seriam utilizados para cobrir panelas e/ou potes.

Infusa. Identificaram-se dois subtipos. Os primeiros caracterizam-se por um bordo vertical, de secção triangular arredondada com espessamento exterior (nº 61, Estampa 5, Anexo V) e um diâmetro de 8,5 cm. Os segundos apresentam um bordo extrovertido de secção quadrangular (nº 60, Estampa 5, Anexo V), com um diâmetro de 9 cm.

Púcaro. Forma fechada globular. Os bordos identificados apresentam uma secção semicircular com espessamento exterior, podendo ser verticais (nº 63, Estampa 6, Anexo V) ou extrovertidos (nº 64, Estampa 6, Anexo V), com caneluras em relevo abaixo do lábio e diâmetros de 8,5-9,5 cm; possuem asa vertical que parte do bordo. Estes são semelhantes a exemplares identificados em contexto dos séculos XV-XVI no estuário do Tejo (Silva, 2003: 37-38), nomeadamente no MNR em Vila Franca de Xira (Pimenta, Mendes, 2006: 63-195; Mendes, Pimenta, 2015: 200-206). Observam-se ainda bordos extrovertidos de secção arredondada (nº 62, Estampa 6, Anexo V), com diâmetros de 8,5 cm.

As bases são planas (nº 65, Estampa 6, Anexo V) com diâmetros de 5 cm, ou de pé alto (nº 66, Estampa 6, Anexo V) com diâmetros de 5,5-9 cm. A primeira poderá corresponder a uma caneca, semelhante a exemplares identificados em Vila Verde dos Francos, em contexto dos séculos XIII-XVI (Cardoso, Batalha, 2018: 104-113), ou no Castelo de São Jorge em Lisboa, em contexto do século XV e início do XVI (Gaspar *et al.*, 2009: 655-657).

O único perfil completo conservado (nº 63, Estampa 6, Anexo V) possui uma altura de 8,7 cm. Também esta peça testemunha a combustão pós-deposicional que teve lugar no interior do silo.

Tigela. Identificaram-se dois subtipos de tigelas. O primeiro caracteriza-se por bordos extrovertidos, de secção semicircular com espessamento exterior (nº 68, Estampa 6, Anexo V); possuem uma canelura incisa abaixo do lábio e diâmetros de cerca de 19 cm. O segundo apresenta um bordo vertical com ressalto, de secção semicircular com espessamento duplo (nº 67, Estampa 6, Anexo V); possui caneluras incisadas sobre o ressalto e um diâmetro de 18,5 cm. Este último tem paralelos formais com peças produzidas entre os séculos XV-XVI na olaria das Portas de Santo Antão em Lisboa (Cardoso *et al.*, 2017: 1718-1728).

Cântaro. Neste fabrico foram identificadas dois subtipos de cântaros distintos. A primeira caracteriza-se por um bordo vertical (nº 69, Estampa 6, Anexo V), de secção semicircular com espessamento duplo e um diâmetro de 12 cm; este bordo forma um bico e apresenta caneluras em relevo no colo; possui uma asa vertical de secção oval que parte do centro do colo. O segundo subtipo caracteriza-se por um bordo ligeiramente introvertido de secção semicircular com espessamento exterior (nº 70, Estampa 6, Anexo V) e um diâmetro de 15 cm; este apresenta uma canelura excisa no colo, assim como um grafito em forma de chave; possui duas asas verticais com depressão longitudinal que partem do centro do colo.

As bases identificadas são planas (nº 71, Estampa 6, Anexo V), com diâmetros de cerca de 9 cm. Estas têm paralelos em Vila Verde dos Francos, em contexto dos séculos XIII-XVI (Cardoso, Batalha, 2018: 105-113) e em peças dos séculos XV-XVI do estuário do Tejo (Silva, 2003: 41).

Pote. Os bordos identificados são idênticos aos exemplares de secção semicircular apresentadas no fabrico F1, com diâmetros de cerca de 11 cm. As bases identificadas são planas, com diâmetros de 9-11 cm.

Talha. Forma fechada, de morfologia indeterminada devido à identificação apenas de fragmentos de parede. Um dos fragmentos identificados (nº 72, Estampa 6, Anexo V) encontra-se decorado com ondas excisas.

Candeia. Neste fabrico conservou-se um exemplar de perfil completo (nº 73, Estampa 6, Anexo V) com bordo extrovertido de secção arredondada, formando um bico; a sua base é plana, com um diâmetro de 5,5 cm; possui uma altura de 2,3 cm. Observam-se formas semelhantes em contextos lisboetas situados entre os séculos XV-XVI, nomeadamente na Rua dos Correeiros (Diogo, Trindade, 2008: 171-183) e no Castelo de São Jorge em Lisboa (Gaspar *et al.*, 2009: 655-666), bem como em Santo

António da Charneca (Barros *et al.*, 2012: 706-708) e na Rua José Dias da Silva em Vila Franca de Xira (Mendes, 2017: 29).

Malha de jogo. Forma circular, com cerca de 4 cm de diâmetro.

No que toca ao grupo de cerâmica brunida pertencente a este fabrico B2, regista-se um alguidar e cerâmica de mesa (prato, púcaro e tigela). Neste grupo observa-se o predomínio da cerâmica de mesa, nomeadamente os pratos (46%), tigelas (38%) e púcaros (8%), que no seu conjunto representam 93% do NMI (Gráfico 5).

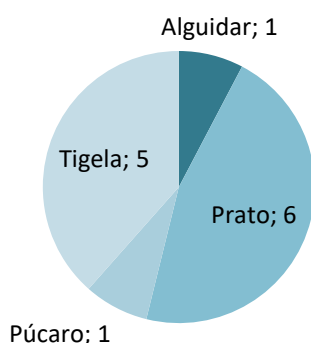


Gráfico 5. Distribuição do NMI de formas identificadas no fabrico B2.

Alguidar. Forma semelhante ao fabrico B1, com bordo em voluta (nº 74, Estampa 7, Anexo V) e um diâmetro de 51 cm. Este subtipo tem paralelos formais com peças produzidas entre os séculos XV-XVI na olaria das Portas de Santo Antão em Lisboa (Cardoso *et al.*, 2017: 1720-1728).

Prato. Os bordos identificados são semelhantes aos pratos de secção semicircular com espessamento exterior observados no fabrico B1. Estes possuem diâmetros de 18-19 cm (nº 75, Estampa 7, Anexo V). As bases podem ser planas (nº 76, Estampa 7, Anexo V) ou de pé anelar, com diâmetros de 10,5 ou 5,5 cm, respectivamente. As bases de pé anelar são idênticas às apresentadas no fabrico B1. Em relação às bases planas, encontram-se exemplares semelhantes em Palmela, com cronologia atribuída ao século XVII (Fernandes, Carvalho, 1998: 223-244).

Púcaro. Identificaram-se apenas dois fragmentos (nº 77 e 78, Estampa 7, Anexo V), um bordo e uma base que poderão ter pertencido à mesma peça. O bordo é ligeiramente introvertido, com uma secção arredondada e um diâmetro de 9,5 cm, enquanto a base é em disco, com um diâmetro de 7,5 cm.

Tigela. Forma idêntica ao fabrico B1, com diâmetros 18-21 cm.

Fabricao F3/B3. Pasta com abundantes ENP de muito pequena dimensão (geralmente com cerca de 0,5-1 mm) onde se destaca uma grande quantidade de micas de diferentes tamanhos, quartzo e raros elementos ferruginosos e brancos de média dimensão (Anexo IV). A pasta é compacta e apresenta tons bege rosado ou vermelho claro, com cozedura em ambiente oxidante ou redutor-oxidante. A superfície é mediantemente rugosa, geralmente possuindo uma aguada de tom bege rosado ou vermelho claro, sendo por vezes brunida.

A abundância de micas neste fabricao indica que ele deverá corresponder a uma produção com origem nas olarias de Lisboa. Conhecem-se diversas olarias na capital onde se encontram pastas semelhantes, nomeadamente na área da Mouraria (Castro *et al.*, 2017: 1737-1742; Marques *et al.*, 2012: 126-128, Nunes, Filipe, 2012: 143-146; Paula, 2019: 98-117), em contextos situados cronologicamente entre os séculos XV-XVII, assim como na Rua das Portas de Santo Antão (Cardoso *et al.*, 2017: 1718-1728), contexto dos séculos XV-XVI. Outra possível origem é o complexo oleiro do Barreiro, em funcionamento entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI (Barros *et al.*, 2012: 701-705; Carmona, Santos, 2005: 14-16; Coelho, Teixeira, 2018: 261-264), onde também se produzia cerâmica fosca de pasta vermelha. Em todos estes contextos encontramos algumas formas semelhantes às que apresentamos adiante, porém, as características da pasta sugerem uma origem lisboeta.

No que toca ao grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabricao F3, regista-se cerâmica de cozinha (alguidar, frigideira, panela, tacho e testo), de mesa (infusa, prato, púcaro e tigela), de armazenamento (cântaro, pote e talha), de iluminação (candeia) e outros (malha de jogo). Observa-se um equilíbrio entre a cerâmica de cozinha (30%), de mesa (32%) e de armazenamento (33%). Individualmente, a forma mais abundante corresponde aos potes (19%) (Gráfico 6).

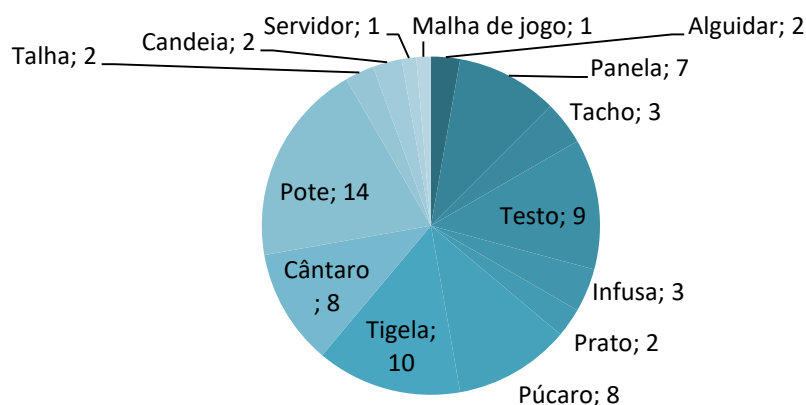


Gráfico 6. Distribuição do NMI de formas identificadas no fabrico F3.

Alguidar. Identificou-se apenas um bordo e uma base. O bordo é extrovertido de secção semicircular (nº 79, Estampa 8, Anexo V), com um diâmetro de 49 cm. Este assemelha-se a um exemplar atribuído ao século XV-XVI identificado em Palmela (Fernandes, Carvalho, 1998: 219-240). A base é plana (nº 80, Estampa 8, Anexo V), com um diâmetro de 41 cm.

Panela. Identificaram-se bordos de secção rectangular (nº 81, Estampa 8, Anexo V) ou quadrangular com espessamento exterior, assim como um bordo ligeiramente introvertido de secção semicircular (nº 82, Estampa 8, Anexo V) com caneluras incisadas abaixo do lábio. Os seus diâmetros são de 13-15 cm. Estes são semelhantes aos exemplares observados nos fabricos F1 e F2.

Tacho. Identificaram-se dois subtipos de bordos. Os primeiros são idênticos ao subtipo com ressalto apresentado no fabrico F1, com diâmetros de cerca de 19 cm. O segundo subtipo caracteriza-se por um bordo de secção triangular (nº 83, Estampa 8, Anexo V), com um diâmetro de 21 cm, semelhante aos exemplares de bordo triangular apresentados no fabrico B1.

Testo. Forma semelhante aos exemplares apresentados no fabrico F2, com bordos em barbeta (nº 85, Estampa 8, Anexo V) e diâmetros de 15-19 cm. A única base identificada é plana, com um diâmetro de 8,5 cm.

Infusa. Identificou-se um exemplar de perfil completo (nº 84, Estampa 8, Anexo V) com bordo vertical de secção semicircular, formando um bico, sendo o seu diâmetro de 13 cm; possui uma asa vertical de secção oval, que parte do bordo; encontra-se decorado com caneluras em relevo abaixo do lábio, assim como uma canelura excisa no corpo; a sua base é em disco, com um diâmetro de 12 cm; possui uma altura é de 16,5 cm. Outros bordos são idênticos aos exemplares de secção semicircular apresentados no fabrico F1.

Prato. Os bordos identificados são extrovertidos de secção semicircular com espessamento exterior (nº 86 e 87, Estampa 8, Anexo V), podendo ostentar uma canelura em relevo na face externa, com diâmetros de 19 cm.

Púcaro. Identificaram-se bordos de secção arredondada, podendo ser verticais (nº 88, Estampa 8, Anexo V) ou extrovertidos (nº 89, Estampa 8, Anexo V), com diâmetros de 7,5-8,5 cm. As bases são em disco (nº 91, Estampa 8, Anexo V), com um diâmetro de 9,5 cm, ou de pé alto (nº 90, Estampa 8, Anexo V) com diâmetros de 5 cm. Estas últimas podem corresponder a um subtipo de púcaro de pé alto com duas asas, por vezes denominada jarrinha, que se encontra em diversos contextos portugueses nomeadamente em Vila Verde dos Francos, em silos utilizados como lixeira entre os séculos XIII-XVI (Cardoso, Batalha, 2018: 103-113); no Poço Novo em Cascais, em contexto atribuído ao século XIV e meados do XV (Cardoso, Rodrigues, 2008: 97-102); em contextos com cronologias situadas entre os séculos XV-XVI no Castelo de São Jorge em Lisboa (Gaspar *et al.*, 2009: 655-657; Gomes *et al.*, 2009: 959-961); assim como no Hospital Real de Todos-os-Santos em contexto datável do século XVI e início do XVII (Barradas, 2017: 77-145). Porém, observam-se no estuário do Tejo outros subtipos de pé alto que possuem apenas uma asa, sendo estes atribuídos aos séculos XV-XVI (Silva, 2003: 43).

Tigela. Observam-se diversos subtipos de bordos. Estes podem ser introvertidos com ressalto, de secção semicircular com espessamento duplo (nº 92, Estampa 8, Anexo V) ou de secção arredondada (nº 95, Estampa 8, Anexo V), este último apresentando uma canelura incisa abaixo do lábio. Os seus diâmetros situam-se entre 15-24,5 cm. Outros bordos são extrovertidos de secção semicircular, com espessamento exterior (nº 94, Estampa 8, Anexo V), ou em pinça (nº 93, Estampa 8, Anexo V), com diâmetros que variam entre 19-21 cm. Estes são semelhantes a exemplares encontrados em níveis do século XIV no Beco do Forno no Castelo de São Jorge (Gomes *et al.*, 2009: 959-960).

Cântaro. Forma idêntica aos exemplares observados no fabrico F1. Os bordos identificados possuem diâmetros de 20-24,5 cm no caso dos bordos de secção semicircular, e 11 cm nos de secção rectangular. As bases são planas ou ligeiramente convexas, com diâmetros de 11-12 cm.

Pote. Os bordos identificados podem ser verticais de secção semicircular (nº 100, Estampa 9, Anexo V) ou rectangular (nº 96 e 97, Estampa 8, Anexo V), com espessamento exterior; possuem caneluras em relevo ou incisadas abaixo do lábio e diâmetros entre 8,5-10 cm. O primeiro é semelhante aos exemplares de secção semicircular observados nos fabricos F1 e F2. Observa-se ainda um bordo vertical de secção rectangular com decoração pinçada na sua face externa (nº 98, Estampa 9, Anexo V), assim como um bordo introvertido de secção rectangular (nº 99, Estampa 9, Anexo V) sobre o qual é visível o arranque de uma asa horizontal. As bases são planas (nº 101 e 102, Estampa 9, Anexo V), com diâmetros que variam entre 5,5-6,5 cm.

Talha. Forma de morfologia indeterminada devido à identificação apenas de fragmentos de parede. Estas peças possuem decorações plásticas compostas por faixas aplicadas (nº 103 e 105, Estampa 9, Anexo V), ondas incisadas e caneluras em relevo (nº 104, Estampa 9, Anexo V). A talha com decoração ondulada (nº 104, Estampa 9, Anexo V), assim como a de grandes dimensões que ostenta decoração plástica em forma de círculos (nº 103, Estampa 9, Anexo V), encontram paralelos no Convento do Carmo em Lisboa, em níveis de aterro do início do século XV (Pinheiro, 2015: 45-98), assim como no Hospital Real de Todos-os-Santos em contexto datável do século XVI e início do XVII (Barradas, 2017: 77-148).

Candeia. Forma e dimensões idênticas aos exemplares observados no fabrico F2.

Servidor. Forma cilíndrica. O exemplar identificado apresenta um bordo em aba (nº 107, Estampa 9, Anexo V), de secção semicircular com espessamento exterior e um diâmetro de 26 cm; possui duas asas verticais, com depressão longitudinal, que partem do bordo. O fragmento de base identificado (nº 108, Estampa 9, Anexo V) possui um diâmetro de 26,5 cm, sendo provável que tenha pertencido ao exemplar acima descrito. Esta peça tem paralelos em níveis dos séculos XV-XVII da Rua do Benfornoso em Lisboa (Marques *et al.*, 2012: 126-128).

Malha de jogo. Forma circular, com 4 cm de diâmetro e 1 cm de espessura (nº 109, Estampa 9, Anexo V).

No que toca ao grupo de cerâmica brunida pertencente a este fabrico B3, registam-se alguidares, cerâmica de mesa (prato, púcaro e tigela) e de higiene (servidor). Neste grupo observa-se o predomínio da cerâmica de mesa, nomeadamente pratos (30%), púcaros (15%) e tigelas (12%), que no seu conjunto representam 57% do NMI (Gráfico 7). Destaca-se igualmente a abundância de alguidares (36%), que individualmente são a forma mais numerosa.

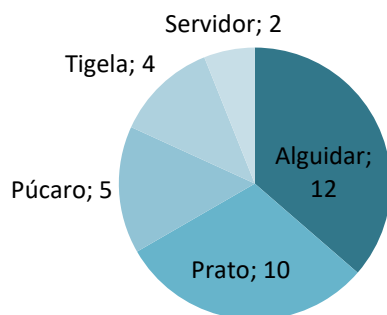


Gráfico 7. Distribuição do NMI de formas identificadas no fabrico B3.

Alguídar. Os bordos identificados são extrovertidos de secção semicircular com espessamento exterior (nº 110 e 111, Estampa 10, Anexo V), ou em voluta. Os seus diâmetros situam-se entre 54-66 cm. A única base identificada é plana (nº 112, Estampa 10, Anexo V) e possui um diâmetro de 52,5 cm. O exemplar nº 110 tem paralelos em peças provenientes de entulhos do terramoto de 1531 na Rua dos Correeiros em Lisboa (Diogo, Trindade, 2008: 171-185); em contexto do século XV e início do XVI no Castelo de São Jorge (Gaspar *et al.*, 2009: 655-669); bem como em níveis dos séculos XV-XVII da Rua do Benfornoso em Lisboa (Marques *et al.*, 2012: 126-128).

Prato. Forma semelhante aos exemplares de bordo de secção semicircular com espessamento exterior e base de pé anelar observados nos fabricos B1 e B2. Os bordos aqui identificados (nº 113 a 115, Estampa 10, Anexo V), cujos diâmetros variam entre 19-34 cm, podem apresentar uma canelura incisa sobre a face externa. As bases de pé anelar (nº 116, Estampa 10, Anexo V) possuem diâmetros de 5-6 cm, podendo ser decoradas com uma canelura. Os exemplares nº 115 e 116 têm paralelos em níveis do final do século XV na Rua João de Outeiro em Lisboa (Diogo, Trindade, 1998: 257-265); em contextos dos séculos XVI-XVII no Hospital Real de Todos-os-Santos (Bargão, 2015: 119-120, 247) e em Palmela (Fernandes, Carvalho, 1998: 223-244); em

níveis do século XVI no Beco dos Inválidos em Cascais, (Cardoso, Rodrigues, 1999: 195-202); e em níveis dos séculos XV-XVII da Rua do Benfornoso em Lisboa (Marques *et al.*, 2012: 126-128). Já o exemplar nº 112 é semelhante a um testó proveniente de entulhos do terramoto de 1531 da Rua dos Correeiros em Lisboa (Diogo, Trindade, 2008: 171-185), sendo provável que este fosse utilizado como tampa.

Púcaro. Identificaram-se fragmentos de bases em disco, idênticos ao exemplar apresentado no fabrico B2, com diâmetros de cerca de 10 cm.

Tigela. Forma idêntica aos exemplares apresentados nos fabricos B1 e B2. Os bordos possuem diâmetros de cerca de 13 cm.

Servidor. Identificou-se apenas uma base plana (nº 117, Estampa 10, Anexo V), com um diâmetro de 26 cm.

Fabrico F4/B4. Pasta compacta com características semelhantes à anterior mas com menor quantidade de quartzo e de ENP de cor branca, sendo estes de pequena dimensão (Anexo IV). As micas estão aqui presentes em grandes quantidades e diferentes tamanhos (com cerca de 0,1-1 mm). A pasta apresenta tons vermelho, vermelho escuro ou acastanhado, com cozedura em ambiente oxidante e raramente redutor-oxidante. A superfície é lisa e ligeiramente porosa, possuindo geralmente uma aguada vermelha ou acastanhada, sendo por vezes brunida. A pasta possui uma textura mais macia que os fabricos anteriores. A abundância de micas, bem como as demais características, indica que esta deverá corresponder a uma produção com origem nas olarias de Lisboa, à semelhança do fabrico F3/B3.

No que toca ao grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabrico F4, regista-se cerâmica de cozinha (alguidar, panela, tacho, testó), de mesa (infusa, púcaro, tigela), de armazenamento (cântaro, pote, talha), de iluminação (candeia) e outros (malha de jogo). Neste grupo observa-se o predomínio da cerâmica de cozinha que no seu conjunto representa 36% do NMI, composta principalmente por panelas (14%) e testos (18%). Denota-se ainda uma percentagem significativa de cerâmica de armazenamento (32%), esta constituída maioritariamente por potes (18%) e cântaros (10%), assim como alguns fragmentos de talhas (4%) (Gráfico 8).

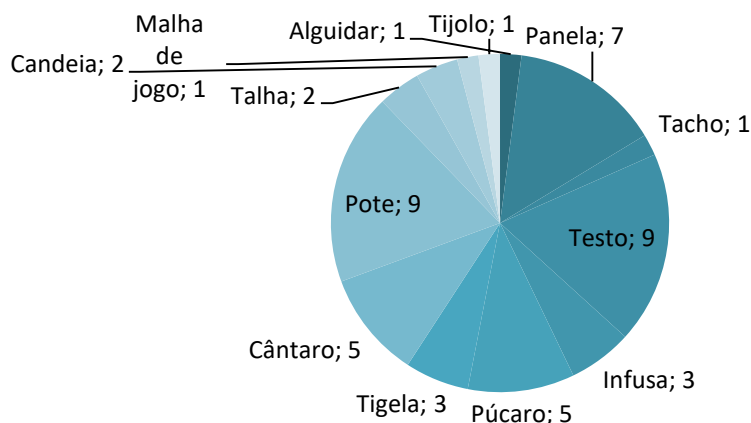


Gráfico 8. Distribuição do NMI de formas identificadas no fabrico F4.

Alguidar. O único bordo identificado é introvertido de secção semicircular (nº 118, Estampa 11, Anexo V), com um diâmetro de 24,5 cm; apresenta uma decoração digitada aplicada sobre a face externa do bordo e caneluras em relevo abaixo desta.

Panela. Identificou-se um perfil completo (nº 119, Estampa 11, Anexo V) de bordo vertical com secção semicircular e espessamento exterior; possui uma canelura em relevo abaixo do lábio e um diâmetro de 11,5 cm; a sua base é plana, com um diâmetro de 8 cm; a sua altura é de 10,5 cm. Outros bordos de secção semicircular são extrovertidos (nº 120, Estampa 11, Anexo V), com diâmetros de 11 cm. Estes têm paralelos na olaria da Mata da Machada, contexto de produção entre finais do século XV e primeira metade do século XVI (Carmona, Santos, 2005: 55).

Identificou-se ainda um bordo vertical de secção triangular (nº 121, Estampa 11, Anexo V), com caneluras aplicadas sobre o colo e um diâmetro de 12,5 cm. Observa-se uma peça idêntica em níveis dos séculos XIV e início do XV em Palmela (Fernandes, Carvalho, 1992: 90-95).

Tacho. Forma idêntica aos exemplares de bordo introvertido com secção semicircular apresentados no fabrico F1. O bordo identificado possui um diâmetro de 17 cm.

Testo. Forma idêntica aos exemplares observados nos fabricos F1 e F2. Nos bordos com barbela os diâmetros situam-se entre 13-19 cm nos exemplares de maiores dimensões e 8,5 cm nos menores (nº 122, Estampa 11, Anexo V). Nos bordos de secção semicircular (nº 123, Estampa 11, Anexo V) observa-se um perfil completo com um diâmetro de 10 cm; base plana com um diâmetro de 4 cm; e altura de 2 cm. Identificou-se ainda uma base de testo com uma pega em botão de formato troncocónico (nº 124, Estampa 11, Anexo V), sendo o seu diâmetro de 5 cm.

Infusa. Os bordos identificados são extrovertidos, podendo apresentar uma secção quadrangular ou arredondada (nº 127, Estampa 11, Anexo V), com diâmetros entre 10-13 cm. O primeiro subtipo ostenta duas caneluras excisas abaixo do lábio, sendo idêntico ao bordo de secção quadrangular apresentado no fabrico F2.

Púcaro. Os bordos identificados são introvertidos de secção quadrangular (nº 128, Estampa 11, Anexo V), ou rectangular (nº 129, Estampa 11, Anexo V) com uma canelura excisa na face exterior e diâmetros de 6,5-9,5 cm. As bases são de pé alto, idênticas às que observamos nos fabricos F2 e F3, com diâmetros que se situam nos 6 cm.

Tigela. Identificaram-se diversos subtipos. Estes correspondem a um bordo introvertido de secção em pinça, idêntico aos exemplares apresentados no fabrico F3, e um bordo vertical de secção quadrangular com uma canelura incisa abaixo do lábio, semelhante aos exemplares apresentados no fabrico F1. Os seus diâmetros são de 17-18 cm.

Cântaro. Os bordos identificados são verticais de secção quadrangular (nº 130, Estampa 11, Anexo V), com caneluras incisas no colo e diâmetros de 9,5 cm. Esta forma tem paralelos no MNR, em níveis de final do século XV e século XVI (Mendes, Pimenta, 2007: 79-80).

As bases identificadas são planas (nº 131, Estampa 11, Anexo V), com diâmetros de cerca de 12,5 cm.

Pote. Os bordos identificados são verticais de secção quadrangular ou semicircular, podendo ostentar caneluras abaixo do lábio, com diâmetros de 8-19 cm. Observa-se ainda um bordo extrovertido de secção rectangular arredondada (nº 125, Estampa 11, Anexo V), com um diâmetro de 19 cm, no qual é visível o arranque de uma asa vertical. As bases identificadas são planas (nº 126, Estampa 11, Anexo V), com diâmetros de 7-9 cm.

Talha. Forma de morfologia indeterminada devido à identificação apenas de fragmentos de parede (nº 132, Estampa 11, Anexo V). Estes podem apresentar uma decoração composta por faixas aplicadas, sendo semelhantes às talhas do fabrico F3.

Candeia. Conservaram-se apenas fragmentos de bordo que não permitiram a reconstituição morfológica nem a identificação das dimensões destas peças.

Malha de jogo. Forma vagamente circular, com cerca de 6,5 cm de diâmetro e 2 cm de espessura (nº 133, Estampa 11, Anexo V).

No que toca ao grupo de cerâmica brunida pertencente ao fabrico B4, regista-se cerâmica de cozinha (alguidar), de mesa (prato, púcaro e tigela) e de higiene (servidor). Neste grupo observa-se o predomínio da cerâmica de mesa, nomeadamente os púcaros (39%), pratos (28%) e tigelas (22%), que no seu conjunto representam 88% do NMI (Gráfico 9).

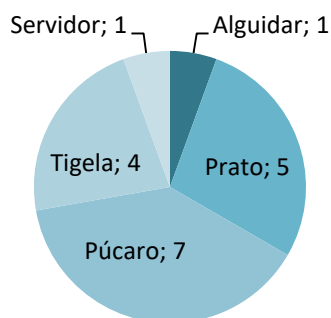


Gráfico 9. Distribuição do NMI de formas identificadas no fabrico B4.

Alguidar. Forma idêntica aos exemplares observados nos fabricos B1 e B2. O único bordo identificado apresenta um diâmetro de 51 cm.

Prato. Forma idêntica aos exemplares do fabrico B3. Os bordos identificados possuem diâmetros que variam entre 18-26,5 cm. Destaca-se um exemplar que apresenta um engobe negro sobre parte da superfície interna (nº 134, Estampa 12, Anexo V).

Púcaro. Forma com algumas semelhanças aos exemplares do fabrico B2. Os bordos são verticais de secção arredondada (nº 135 a 136, Estampa 12, Anexo V), com diâmetros de 8-9,5 cm; as bases são em disco, com diâmetros de 6,5-8 cm. Apenas foi possível determinar a altura de uma peça que mede 5,5 cm. Estas formas têm paralelos em contextos do século XV e início do XVI no MNR em Vila Franca de Xira (Mendes, Pimenta, 2015: 198-202) e no Castelo de São Jorge (Gaspar *et al.*, 2009: 655-657); em níveis de meados e segunda metade do século XVI no edifício do Aljube em Lisboa (Santos, 2008: 326-333); na olaria da Mata da Machada, no Barreiro, de finais do século XV à primeira metade do século XVI (Carmona, Santos, 2005: 51; Torres, 1990: 137); assim como no Hospital Real de Todos-os-Santos em contexto datável do século XVI e início do XVII (Barradas, 2017: 77, 160).

Tigela. Identificaram-se dois subtipos de perfil completo distintos. O primeiro (nº 139, Estampa 12, Anexo V) é idêntico aos exemplares observados nos fabricos B1-B3; apresenta um bordo com diâmetro de 17 cm e uma base em disco com um diâmetro de 9 cm, sendo a sua altura 5,5 cm. O segundo subtipo (nº 138, Estampa 12, Anexo V), com uma altura de 4 cm, apresenta um bordo extrovertido de secção arredondada, com um diâmetro de 17 cm, e uma base plana com um diâmetro de 12 cm. Esta forma encontra-se decorada com caneluras e uma onda excisa na superfície externa.

Servidor. O único bordo identificado é extrovertido de secção em voluta (nº 140, Estampa 12, Anexo V), com um diâmetro de 37,5 cm.

Fabrico F5/B5. Pasta muito bem depurada, com raros ENP de muito pequena dimensão (com cerca de 0,1-0,5 mm), sobretudo micas e elementos brancos, assim como alguns quartzos (Anexo IV). A pasta apresenta tons laranja e vermelho, com cozedura em ambiente oxidante. As superfícies são lisas e recobertas por uma aguada de cor cinza, rosada ou avermelhada, por vezes brunidas. A pasta é compacta e porosa, de textura macia, distinguindo-se da rugosidade dos fabricos F1/B1 a F3/B3. A abundância de micas neste fabrico sugere uma possível origem nas olarias de Lisboa, à semelhança dos fabricos F3/B3 e F4/B4.

No que toca ao grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabrico F5, regista-se cerâmica de cozinha (fogareiro, panela), de mesa (púcaro) e de armazenamento (bilha e cântaro). Neste grupo observa-se o predomínio de púcaros (35%) e panelas (25%) (Gráfico 10).

Denota-se igualmente a abundância de cerâmica de armazenamento (35%), composta por bilhas (15%), cântaros (10%) e potes (10%).

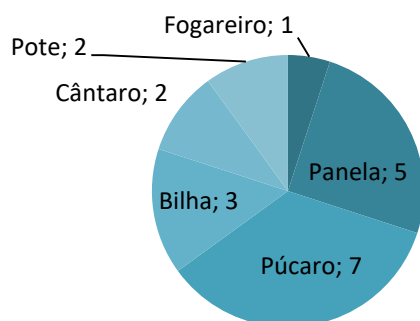


Gráfico 10. Distribuição do NMI de formas identificadas no fabrico F5.

Fogareiro. Identificou-se um fragmento de bordo vertical (nº 141, Estampa 13, Anexo V) de secção semicircular com espessamento interior e um diâmetro de 28 cm; sob o bordo observa-se uma faixa horizontal em relevo, aplicada na superfície externa da peça. Observa-se um exemplar semelhante em níveis do século XVI no Beco dos Inválidos em Cascais (Cardoso, Rodrigues, 1999: 196-204).

A única base identificada é plana (nº 142, Estampa 13, Anexo V), com um diâmetro de 24,5 cm.

Panela. Identificaram-se bordos verticais de secção rectangular ou quadrangular com espessamento exterior (nº 144, Estampa 13, Anexo V), assim como bordos de secção triangular (nº 143, Estampa 13, Anexo V), com diâmetros entre 15-19 cm. Os exemplares de secção triangular encontram paralelos na Alcáçova de Santarém em níveis que poderão datar do século XII (Trindade, Diogo, 2003a: 145-149); no MNR em Vila Franca de Xira (Pimenta, Mendes, 2006: 68-199), em níveis atribuídos a meados do século XIII; em Vila Verde dos Francos, em contexto de lixeira dos séculos XIII-XVI (Cardoso, Batalha, 2018: 106-113); assim como em níveis de aterro do início do XV no Convento do Carmo em Lisboa (Pinheiro, 2015: 44-104).

Púcaro. Forma idêntica aos exemplares observados no fabrico F3. Os bordos apresentam diâmetros de cerca de 9,5 cm. As bases em disco (nº 145, Estampa 13, Anexo V) possuem diâmetros de 6 cm e as de pé alto diâmetros de 11,5 cm.

Bilha. Forma fechada. Os bordos identificados são verticais, com ressalto; podem apresentar uma secção quadrangular (nº 146, Estampa 13, Anexo V) ou arredondada (nº 147, Estampa 13, Anexo V) com caneluras em relevo abaixo do lábio; os seus diâmetros são de 10-10,5 cm.

Cântaro. Os bordos identificados são verticais de secção rectangular (nº 148, Estampa 13, Anexo V) ou biselada (nº 149, Estampa 13, Anexo V), com diâmetros que variam entre 9,5-11 cm. O primeiro é semelhante a exemplares identificados em níveis de final do século XV e segunda metade do XVI no MNR em Vila Franca de Xira (Brito, s.d: 35-37) e em contexto dos séculos XIII-XVI em Vila Verde dos Francos (Cardoso, Batalha, 2018: 105-113). O segundo tem paralelos no Convento do Carmo em Lisboa, em níveis de aterro do início do século XV (Pinheiro, 2015: 44-106).

No que toca ao grupo de cerâmica brunida pertencente a este fabrico B5, regista-se cerâmica de cozinha, representada por uma pega em botão (nº 150, Estampa 14, Anexo V), com 2 cm de altura. Esta deverá corresponder a um testo ou, possivelmente, a uma tampa.

Fabrico F6/B6. Pasta clara de tons bege, depurada e compacta, com alguns ENP de pequena dimensão (com cerca de 0,5 mm), maioritariamente de cor vermelha e alguns de cor branca, bem como raras micas de muito pequena dimensão (Anexo IV). As superfícies encontram-se recobertas de engobes de tons bege e são frequentemente brunidas. Não foi possível determinar a origem deste fabrico.

No que toca aos grupos de cerâmica fosca e brunida pertencentes a este fabrico F6/B6 (Estampa 15, Anexo V), regista-se cerâmica de mesa, sendo o púcaro a única forma identificada em ambos os casos.

Púcaro (cerâmica fosca). Forma de morfologia indeterminada devido à identificação apenas de um fragmento de parede.

Púcaro (cerâmica brunida). Os bodos identificados são verticais de secção semicircular (nº 151, Estampa 15, Anexo V), com caneluras excisas abaixo do lábio e diâmetros que rondam os 10,5 cm. As bases são em disco (nº 152, , Estampa 15, Anexo V), com diâmetros de mesma dimensão que os bordos.

Fabrico F7. Pasta laranja muito compacta e depurada, com raros ENP de muito pequena dimensão (com cerca de 1-0,5 mm), sobretudo micas e quartzos (Anexo IV). As superfícies exteriores são lisas e encontram-se recobertas por um engobe brilhante de tonalidade vermelha ou laranja, assemelhando-se às superfícies brunidas. A presença de micas neste fabrico sugere uma possível origem nas olarias de Lisboa, embora a textura desta pasta, mais rígida, seja distinta dos fabricos F3/B3 a F5/B5.

No que toca ao grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabrico F7, regista-se cerâmica de mesa, sendo o púcaro a única forma identificada. Contudo, não foi possível determinar a sua morfologia devido à identificação apenas de fragmentos de parede (nº 153, Estampa 16, Anexo V).

Fabrico F8. Pasta com muitos ENP de média e grande dimensão (com cerca de 1-5 mm), maioritariamente elementos ferruginosos e de cor preta, bem como alguns quartzos (Anexo IV). A pasta apresenta tons bege acinzentado e rosado muito claro, com cozedura em ambiente oxidante. As superfícies são rugosas e sem acabamento, mas geralmente mais claras que os núcleos.

No que toca ao grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabrico F8, regista-se cerâmica de armazenamento, sendo a anforeta a única forma identificada (nº 154, Estampa 17, Anexo V). A sua morfologia permanece incerta devido à identificação apenas de fragmentos de parede.

Este fabrico corresponde a anforetas *Spanish Olive Jar* de origem sevilhana, produzidas entre o final do século XV e durante século XVI (Amores, Chisvert, 1993: 283-297; Pleguezuelo *et al.*, 1999: 269). Estas anforetas eram objectos comuns utilizados no transporte marítimo ou fluvial de mercadorias, tendo-se recuperado diversos exemplares no rio Tejo na zona de Vila Franca de Xira (Calado *et al.*, 2010: 106-107), assim como um exemplar no MNR (Pimenta, Mendes, 2006: 23).

Fabrico F9. Pasta de cor rosada, depurada e compacta, com alguns ENP de grande dimensão (entre 1-5mm), dos quais quartzos e elementos de cor branca (Anexo IV). As superfícies apresentam um tom bege, sendo mais claras que o núcleo, mas sem qualquer acabamento.

No que toca ao grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabrico F9, registam-se malhas de jogo e um objecto identificado como possível molde.

Malha de jogo. Forma circular, com 4,5 cm de diâmetro e 1,5 cm de espessura (nº 155, Estampa 18, Anexo V).

Molde?. Objecto de morfologia indeterminada por se encontrar incompleto (nº 156, Estampa 18, Anexo V).

Fabrico F10. Pasta de cor bege, depurada e compacta, com alguns ENP (entre 1-5mm), nomeadamente quartzos e fragmentos de cerâmica (Anexo IV). As superfícies são rugosas, sem acabamento.

No que toca ao grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabrico F10, regista-se cerâmica de construção (telha e o tijolo) (nº 157, Estampa 19, Anexo V).

Fabrico F11. Pasta de cor vermelha rosada depurada e compacta, com raros ENP visíveis (de cerca de 3 mm) (Anexo IV). As superfícies, mais claras que o núcleo, apresentam tons bege e vestígios de argamassa branca.

No que toca ao grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabrico F11, regista-se cerâmica de construção (telha e tijolo), possivelmente de cronologia contemporânea. Neste grupo observa-se o predomínio dos tijolos (75%) sobre as telhas (25%) (nº 158 e 159, Estampa 20, Anexo V).

Síntese

As produções que terão uma origem regional são o conjunto mais abundante tanto na cerâmica fosca (96%) como na brunida (95%) (Gráfico 11). Na cerâmica fosca os fabricos F1 (30%) e F2 (24%), que poderão corresponder a uma produção local, são os mais numerosos. Destacam-se ainda as cerâmicas de pasta micácea provavelmente produzidas em Lisboa (42%), onde se inserem os fabricos F3 (21%), F4 (14%), F5 (6%) e F7 (1%). Os restantes fabricos são residuais, estando representados por apenas alguns fragmentos (Tabelas 2-5, Anexo VI). Na cerâmica brunida os fabricos que serão provenientes de Lisboa (60%), sendo estes os fabricos B3 (37%), B4 (20%) e B5 (3%), são mais numerosos que os fabricos B1 (21%) e B2 (14%), possivelmente locais. Em relação às importações, a única produção que foi possível identificar corresponde às anforetas sevilhanas (fabrico F8) que representam apenas 1% da cerâmica fosca.

A cerâmica fosca e brunida é composta principalmente por pastas vermelhas. Na cerâmica fosca as pastas claras são residuais (fabricos F8 a F10), representando apenas 2% desse conjunto. Os fabricos F1/B1 a F5/B5 apresentam cozeduras oxidantes e redutor-oxidantes, sendo os restantes caracterizados somente por cozeduras oxidantes. No caso da cerâmica brunida registam-se apenas produções de pasta vermelha.

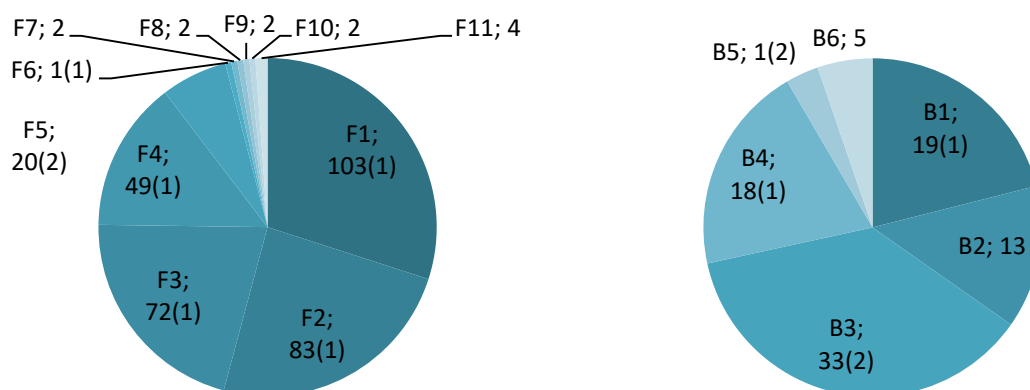


Gráfico 11. Distribuição do NMI total da cerâmica fosca (à esquerda) e brunida (à direita) por grupos de fabrico.

Na cerâmica fosca observa-se o predomínio da cerâmica de cozinha que representa 50% deste conjunto. Nesse grupo, as panelas (22%) e os testos (15%) são as formas mais abundantes (Gráfico 12). Na cerâmica brunida predomina o conjunto de mesa (64%), composto principalmente por pratos (27%) (Gráfico 13).

No que toca à cronologia das formas identificadas, datadas com base nos paralelos encontrados e, sempre que possível, nas cronologias de produção dos fabricos, a maioria enquadra-se nos séculos XV e XVI (Tabela 49, Anexo VI). Algumas peças possuem uma cronologia mais larga, indicando que as suas formas permaneceram inalteradas durante vários séculos. No caso da cerâmica brunida observam-se cronologias situadas maioritariamente entre os séculos XV e XVII (Tabela 50, Anexo VI).

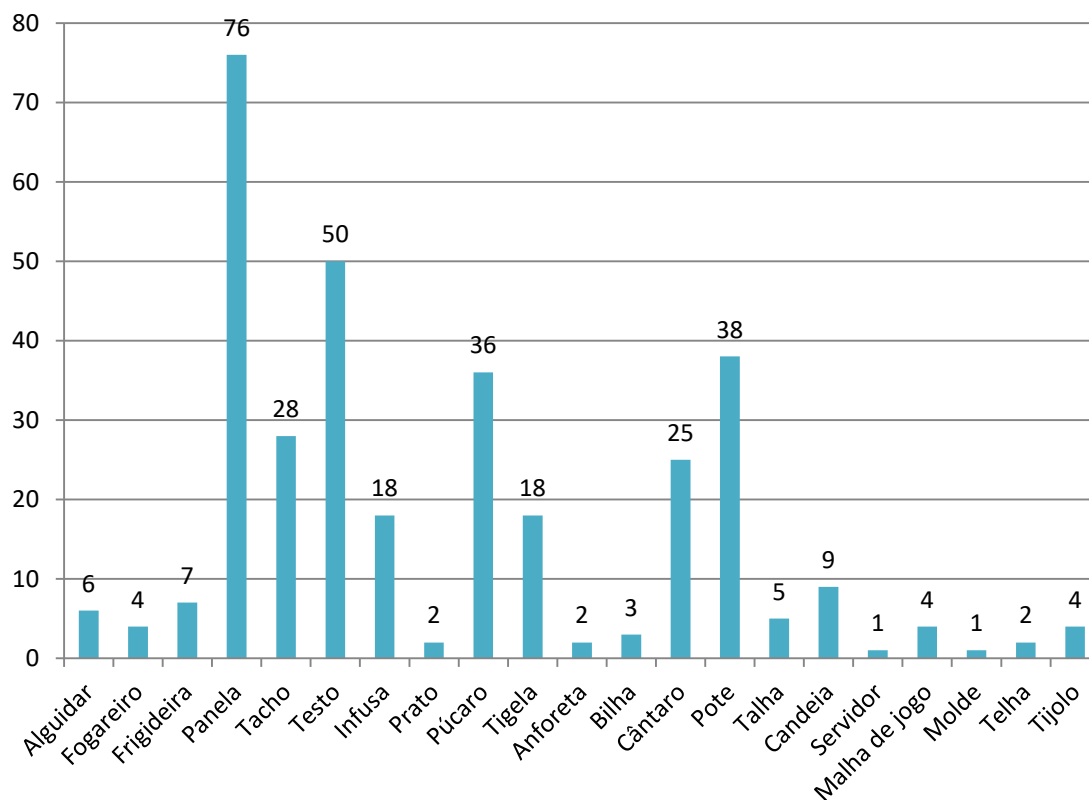


Gráfico 12. Distribuição do NMI total da cerâmica fosca por formas identificadas.

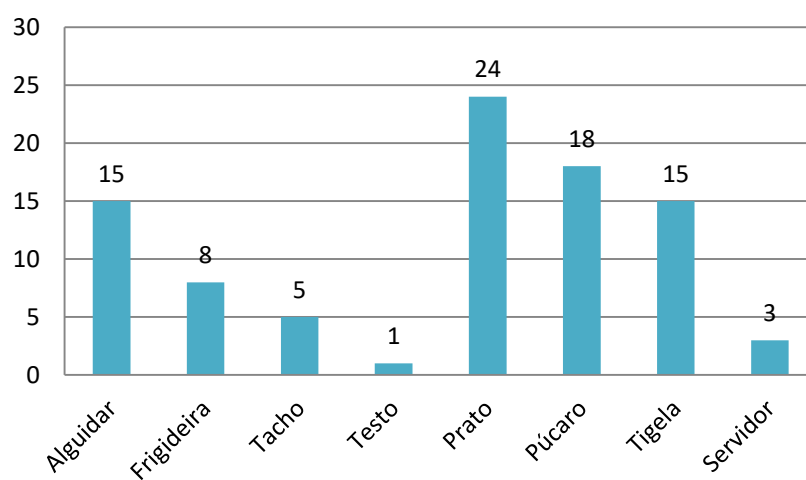


Gráfico 13. Distribuição do NMI total da cerâmica brunida por formas identificadas.

3.1.2 Cerâmica Vidrada

O conjunto de cerâmica vidrada é composto por dez grupos de fabrico, incluindo materiais vidrados a melado ou verde, bem como peças que possuem os dois tons. Entende-se por cerâmica vidrada aquela que possui um revestimento de vidrado plumbífero obtido através da utilização de óxido de chumbo, tipicamente de coloração melada ou verde. Estas colorações são adquiridas através da adição de óxidos de ferro ou cobre, respectivamente (Sebastian, 2015: 46).

Fabrico V1. Pasta de cor vermelha alaranjada, muito bem depurada e compacta, com muito raros ENP visíveis, de cor branca e pequena dimensão (1-2 mm) (Anexo IV). As superfícies encontram-se recobertas de vidrado laranja melado ou verde, aplicado em ambas as faces da peça ou apenas no exterior.

Esta pasta assemelha-se ao fabrico F5/B5 da cerâmica fosca e brunida que terá origem nas olarias de Lisboa. Existem indícios de produção de louça vidrada na capital com pastas semelhantes, nomeadamente desperdícios oleiros em níveis do século XVI e início do XVII do Largo das Olarias (Castro *et al.*, 2017: 1737-1742) e da Praça da Figueira (Barradas, 2017: 77, 1201; Barradas, Silva, 2017: 1694-1700). Porém, as formas que observamos neste fabrico V1 assemelham-se mais às que foram produzidas nas olarias do Barreiro entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI, embora as pastas sejam distintas (Barros *et al.*, 2012: 701-705; Carmona, Santos, 2005: 14-16; Coelho, Teixeira, 2018: 261-264), De facto, nas olarias da Mata da Machada (Coelho, Teixeira, 2018: 261) e de Santo António da Charneca (Barros *et al.*, 2012: 701-702) a cerâmica vidrada apresenta pastas claras de coloração bege ou amarelada, não vermelha.

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico, regista-se predominantemente a cerâmica de mesa (87%), constituída quase exclusivamente por tigelas que representam 75% do NMI, a par de um prato. Observa-se ainda um fragmento de bilha (Gráfico 14).

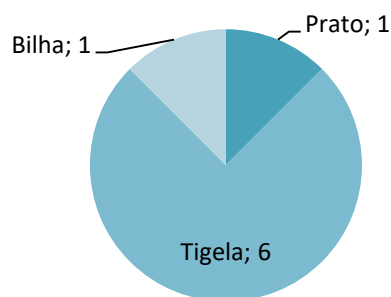


Gráfico 14. Distribuição do NMI de formas identificadas no fabrico V1.

Prato. O único bordo identificado (nº 160, Estampa 21, Anexo V) é extrovertido de secção arredondada, com um diâmetro de 24,5 cm; possui ressalto no interior e encontra-se recoberto de vidro melado em ambas as superfícies. A morfologia desta peça é semelhante aos pratos fabricados na olaria da Mata da Machada, entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI (Coelho, Teixeira, 2018: 262)

Tigela. Identificaram-se dois subtipos distintos. O primeiro corresponde a peças carenadas (nº 163 a 165, Estampa 21, Anexo V), com bordos verticais ou ligeiramente extrovertidos, de secção arredondada; possuem diâmetros que variam entre 10,5-19 cm; encontram-se recobertas de vidro laranja em ambas as superfícies. Conservaram-se duas tigelas carenadas de perfil completo: o exemplar nº 163, de menores dimensões, que possui 5 cm de altura e uma base côncava com um diâmetro de 6 cm; e o nº 164, de maiores dimensões com 8 cm de altura, sendo a sua base em pé anelar com um diâmetro de 9 cm. Estes subtipos assemelham-se a exemplares identificados em Lisboa, nomeadamente em níveis do século XVI no Largo do Terreiro do Trigo (Gonzalez, 2012a: 87-88) e na olaria da Rua das Portas de Santo Antão (Cardoso *et al.*, 2017: 1718-1728), em contexto da mesma época mas onde se produzia essencialmente cerâmica fosca. Fora de Lisboa estas formas encontram-se, por exemplo, em contextos dos séculos XV-XVI em Palmela, (Fernandes, Carvalho, 1998: 223-245), assim como em níveis do século XVI no Beco dos Inválidos em Cascais, (Cardoso, Rodrigues, 1999: 196-207). Pela sua dimensão, a peça nº 163 poderá ter sido utilizada como recipiente para condimentos tais como ervas aromáticas, especiarias ou sal (Silva, 2003: 57). Estes colocavam-se na mesa em pequenas tigelas denominadas salseira ou saleiro, dependendo do condimento que deveriam conter (Fernandes, 2012: 317-339).

O segundo subtipo, caracterizado por uma forma esférica, corresponde a exemplares de bordo extrovertido de secção arredondada (nº 162, Estampa 21, Anexo V), com diâmetros entre 13-15 cm; possuem uma canelura incisa na face exterior do bordo e encontram-se recobertas de vidrado verde ou melado em ambas as superfícies.

Bilha. O único bordo identificado (nº 161, Estampa 21, Anexo V) é vertical de secção boleada, com caneluras em relevo abaixo do lábio e diâmetro de 9,5 cm; encontra-se recoberto de vidrado verde na superfície externa e sobre o bordo.

Fabrigo V2. Pasta de cor vermelha, depurada, com ENP de pequena dimensão (com cerca 1 mm no caso dos maiores), maioritariamente micas e raros quartzos ou elementos de cor negra (Anexo IV). As superfícies encontram-se recobertas de vidrado verde ou melado, aplicado em ambas as faces ou apenas no exterior. Observam-se ainda fragmentos com duas tonalidades, recobertos de vidrado verde na superfície externa e vidrado melado na superfície interna. Esta pasta assemelha-se ao fabrico F4/B4 da cerâmica fosca e brunida, tendo provavelmente origem nas olarias de Lisboa.

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico, regista-se maioritariamente cerâmica de mesa (78%), bem como dois alguidares. (Gráfico 15).

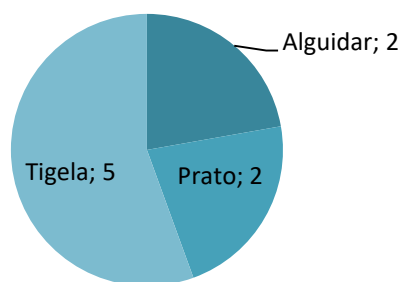


Gráfico 15. Distribuição do NMI de formas identificadas no fabrico V2.

Alguidar. Identificaram-se dois subtipos distintos. O primeiro caracteriza-se por um bordo extrovertido (nº 166, Estampa 22, Anexo V), de secção semicircular com espessamento exterior e diâmetro de 44 cm; encontra-se recoberto de vidrado melado em ambas as superfícies, apresentando um risco a verde na face interna. Este é semelhante a um exemplar proveniente de entulhos do terramoto de 1531 da Rua dos Correios em Lisboa (Diogo, Trindade, 2008: 171-183), embora esse se encontre recoberto de vidrado melado apenas no interior e sobre o bordo.

O segundo subtipo caracteriza-se por um bordo extrovertido de secção em voluta e encontra-se recoberto de vidro verde na superfície interna e sobre o bordo. A reduzida dimensão deste fragmento não permitiu medir o seu diâmetro.

Prato. Neste fabrico conservou-se um exemplar de perfil completo (nº 167, Estampa 22, Anexo V), com um bordo extrovertido de secção arredondada e um diâmetro de 21 cm; apresenta uma canelura incisa sobre a face interna, abaixo do lábio; a sua base em ônfalo possui um diâmetro de 4 cm; a sua altura é de 4 cm; encontra-se recoberto de vidro melado em ambas as superfícies e possui caneluras em relevo no corpo. Encontram-se formas semelhantes em níveis da primeira metade do século XVI no MNR em Vila Franca de Xira (Mendes, Pimenta, 2007: 64-66).

Tigela. Forma carenada idêntica aos exemplares apresentados no fabrico V1, com diâmetros que rondam os 19 cm.

Fabrico V3. Pasta de cor bege ou bege rosada, depurada, com alguns ENP de muito pequena dimensão (menos de 1 mm), maioritariamente quartzos e elementos de cor branca (Anexo IV). A sua textura é porosa e macia. As superfícies são recobertas de vidro melado, amarelo ou verde. A textura desta pasta, assim como a decoração das peças, indicam que este fabrico deverá corresponder a uma produção andaluza, com origem nas olarias de Sevilha entre o século XV e durante o século XVI (Pleguezuelo, Lafuente, 1995: 226-236). Neste conjunto encontram-se exemplares vidrados a verde ou a melado, podendo ser decorados com riscos a manganês.

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico, registam-se alguidares (38%) e cerâmica de mesa (prato e tigela), sendo esta predominante (63%) (Gráfico 16).

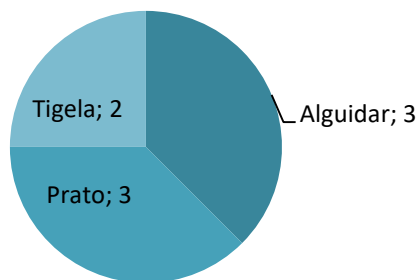


Gráfico 16. Distribuição do NMI de formas identificadas no fabrico V3.

Alguidar. Os bordos identificados são extrovertidos, de secção semicircular (nº 168, Estampa 23, Anexo V) ou em voluta (nº 169, Estampa 23, Anexo V), com diâmetros entre 49-66 cm; encontram-se recobertos de vidro verde na superfície interna e sobre o bordo. Estes podem apresentar ainda uma decoração de “corda” impressa na superfície externa do bordo. As bases são planas (nº 170, Estampa 23, Anexo V), com diâmetros que rondam os 53 cm. Estes alguidares encontram-se frequentemente em contextos portugueses de época moderna, nomeadamente em níveis do século XVI do MNR em Vila Franca de Xira (Mendes, Pimenta, 2007: 39-40), do Beco dos Inválidos em Cascais (Cardoso, Rodrigues, 1999: 195-200) e do Largo do Terreiro do Trigo em Lisboa (Gonzalez, 2012a: 87-88); em contextos situados entre os séculos XIV-XVI em Silves (Gomes, Gomes, 1996: 162-167); assim como em níveis dos séculos XVI e início do XVII da Praça da Figueira (Barradas, Silva, 2017: 1696-1702) e do Largo do Chafariz de Dentro em Lisboa (Silva *et al.*, 2012: 71-81).

Prato. Forma idêntica ao prato observado no fabrico V2, com bordos que possuem diâmetros entre 19-25 cm (nº 171 a 173, Estampa 23, Anexo V). O único perfil completo identificado (nº 171, Estampa 23, Anexo V) possui uma base em ônfalo com um diâmetro de 4 cm; a sua altura é de 6,1 cm. Alguns exemplares como o nº 173 encontram-se decorados com linhas pintadas a manganês na face interna. Estes pratos encontram paralelos em numerosos contextos arqueológicos dos séculos XV-XVI, como no MNR em Vila Franca de Xira (Mendes, Pimenta, 2007: 64-67), no Largo do Corpo Santo em Lisboa (Teixeira *et al.*, 2015: 204-205), em Carnide (Casimiro *et al.*, 2017: 63-64), em Palmela (Fernandes, Carvalho, 1998: 222-243), em Torres Vedras (Batalha *et al.*, 2017: 13-23), no Castelo de Evoramonte (Liberato, 2006: 14-42); em contextos situados entre os séculos XIV-XVI em Silves (Gomes, Gomes, 1996: 156-157); assim como na vila portuguesa de Alcácer Ceguer no Norte de África (Teixeira *et al.*, 2016: 85-86).

Tigela. Morfologicamente idêntica às tigelas carenadas dos fabricos V1 e V2, com diâmetros que se situam nos 11 cm. À semelhança dos pratos apresentados acima, algumas tigelas encontram-se decorados com linhas pintadas a manganês na face interna (nº 174, Estampa 23, Anexo V). Estas encontram paralelos nos contextos já citados para as restantes peças deste fabrico.

Fabrico V4. Pasta de cor bege, depurada, com muito raros ENP de pequena dimensão (entre 1-3 mm), maioritariamente elementos ferruginosos e de cor negra, assim como alguns brancos (Anexo IV). Esta apresenta uma textura mais rugosa e rígida que o fabrico V3. As superfícies encontram-se recobertas de vidrado melado ou verde, aplicado em ambas as faces ou apenas no exterior das peças.

Este fabrico deverá corresponder a uma produção do Barreiro, com origem na Mata da Machada (Carmona, Santos, 2005: 14-16; Coelho, Teixeira, 2018: 261-264; Torres, 1990: 131-141) ou em Santo António da Charneca (Barros *et al.*, 2012: 701-705), área oleira que funcionou entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI. Embora seja complexo distinguir esta produção das importações sevilhanas, algumas características das pastas, nomeadamente as diferenças de textura, permitem considerar uma origem portuguesa para estes materiais (Coelho, Teixeira, 2018: 261-264).

Paralelamente, este fabrico poderá corresponder a uma produção de Alenquer, onde foi identificada uma olaria que se encontrou em funcionamento entre o final do século XV e início do XVII. As formas e pastas registadas nesse local apresentem semelhanças com os exemplares deste fabrico, assim como com as peças do Barreiro. No entanto, a textura rugosa da pasta aqui em análise parece distinguir-se das produções de Alenquer, mais macias (Cardoso *et al.*, 2016: 56-62; Cardoso, 2017: 114; Raposo, 2017: 86-243). Por essa razão, consideramos mais provável a proveniência do Barreiro.

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico V4, regista-se um alguidar e cerâmica de mesa (prato e tigela). Esta, representada por pratos (36%) e tigelas (55%), é o grupo predominante correspondendo a 91% do NMI (Gráfico 17).

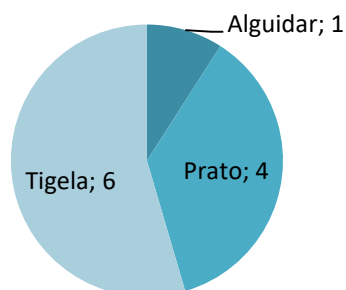


Gráfico 17. Distribuição do NMI de formas identificadas no fabrico V4.

Alguidar. O único bordo identificado é extrovertido de secção semicircular com espessamento exterior, sendo semelhante aos alguidares do fabrico V3, com um diâmetro de 52 cm; encontra-se recoberto de vidro verde aplicado na superfície interna e sobre parte do bordo. Registam-se alguidares deste tipo no contexto de produção da Mata da Machada, entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI (Carmona, Santos, 2005: 43).

Prato. Forma representada por fragmentos de bordos com morfologia e dimensões semelhantes aos exemplares nº 158 do fabrico V2 ou nº 163 do fabrico V3, embora sem a decoração que esse último possui (nº 179, Estampa 24, Anexo V). Estes podem corresponder aos subtipos de aba oblíqua identificados em contexto situado entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI na olaria de Santo António da Charneca (Barros *et al.*, 2012: 704-705). Destaca-se apenas um exemplar distinto dos restantes pratos (nº 178, Estampa 24, Anexo V), com um bordo extrovertido de secção em voluta e diâmetro de 21 cm; sendo recoberto de vidro melado em ambas as superfícies. Ambas as formas apresentadas encontram semelhanças no espólio proveniente da olaria de Alenquer, em contexto de final do século XV e início do XVII (Cardoso *et al.*, 2016: 60-61).

Tigela. Os exemplares carenados apresentam bordos verticais (nº 176, Estampa 24, Anexo V) ou ligeiramente extrovertidos (nº 175, Estampa 24, Anexo V) de secção arredondada, com diâmetros que variam entre 17-22,5 cm. Estes são semelhantes a exemplares provenientes da olaria da Mata da Machada (Coelho, Teixeira, 2018: 263) e Santo António da Charneca (Barros *et al.*, 2012: 703), contextos de produção situados entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI. A mesma forma era fabricada em Alenquer, entre o final do século XV e início do XVII (Cardoso *et al.*, 2016: 59).

O subtipo esférico encontra-se representado por um bordo vertical de secção semicircular (nº 177, Estampa 24, Anexo V), com um diâmetro de 17 cm; apresenta caneluras incisadas na superfície externa. Estes dois subtipos encontram-se recobertos de vidro melado em ambas as superfícies.

Fabrico V5. Pasta de cor rosada, muito bem depurada e compacta, com alguns ENP de muito pequena dimensão (com menos de 0,5 mm), nomeadamente quartzo, micas e elementos de cor negra e branca (Anexo IV). As superfícies encontram-se

recobertas de vidro amarelo esverdeado ou verde, aplicado em ambas as faces ou apenas na superfície interna.

Este fabrico deverá corresponder a uma produção com origem na olaria de Alenquer, que se encontrou em funcionamento entre o final do século XV e início do XVII, onde se observam pastas e formas semelhantes (Cardoso *et al.*, 2016: 56-62; Cardoso, 2017: 114; Raposo, 2017: 86-243).

Neste fabrico registam-se apenas três peças, sendo estas dois alguidares e uma tigela.

Alguidar. O único bordo identificado é extrovertido de secção semicircular com espessamento exterior (nº 181, Estampa 25, Anexo V), com um diâmetro de 49 cm; recoberto de vidro verde aplicado na superfície interna e sobre parte do bordo. A base identificada é plana (nº 180, Estampa 25, Anexo V), com um diâmetro de 53 cm; recoberta de vidro verde claro aplicado apenas na superfície interna. Um exemplar semelhante a esta base foi encontrado na Rua Comendador Miguel Esguelha em Vila Franca de Xira, nas imediações do AAV, em contexto de aterro atribuído ao final do século XVII (Pimenta, Mendes, 2010: 18, 45).

Tigela. Esta forma encontra-se representada por um exemplar de perfil completo (nº 182, Estampa 25, Anexo V), com uma altura de 7,5 cm; o seu bordo é extrovertido de secção arredondada, com um diâmetro de 17,5 cm; a base é em anel e possui um diâmetro de 7 cm; foi recoberto de vidro amarelo esverdeado em ambas as superfícies. Encontraram-se exemplares semelhantes no Castelo de Alenquer, associados ao contexto de produção dos séculos XV-XVII (Cardoso *et al.*, 2016: 66), assim como no Beco dos Inválidos em Cascais, em níveis do século XVI (Cardoso, Rodrigues, 1999: 196-210).

Fabrico V6. Pasta de cor cinza ou bege esbranquiçada, compacta e rugosa, com muitos ENP de pequena e média dimensão (geralmente entre 0,5 e 2 mm, raramente atingindo os 5 mm), sobretudo quartzos, algumas micas e raros elementos ferruginosos (Anexo IV). As superfícies encontram-se recobertas de vidro verde, aplicado em ambas as superfícies ou apenas na face externa. Alguns fragmentos ostentam duas tonalidades, com vidro verde no exterior e melado no interior.

Este fabrico deverá corresponder a uma produção francesa com origem nas olarias de Saintonge. Estas produções eram importadas durante os séculos XIII-XIV, encontrando-se em contextos lisboetas dessa época (Oliveira *et al.*, 2017: 1527-1534)

ou do início do século XV (Pinheiro, 2015: 41). Observa-se maioritariamente o grupo de vidro liso denominado *Saintonge Bright Green*, existindo também um fragmento de vidro manchado correspondente ao grupo *Saintonge Motled Green* (Haggarty, 2006: 22-57). Todavia, não descartamos a possibilidade de alguns fragmentos enquadrados neste fabrico corresponderem a uma produção do Norte de França e não de Saintonge, dada a dificuldade em distinguir os fabricos dessas regiões a partir de fragmentos de pequena dimensão (Oliveira *et al.*, 2017: 1528-1536; Fernandes *et al.*, 2008: 164-168).

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico V6, não se registam formas identificáveis (nº 183, Estampa 26, Anexo V).

Fabrico V7. Pasta de cor rosada ou vermelha acastanhada, de textura rugosa, com raros ENP de muito pequena dimensão (menos de 1 mm), nomeadamente quartzos, elementos de cor negra ou branca (Anexo IV). A pasta tem uma aparência estratificada, com riscos beges e rosa. As superfícies encontram-se recobertas de vidro amarelo ou castanho, aplicado em ambas as faces. Não foi possível averiguar a origem deste fabrico.

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico V7, não se registam formas identificáveis. Destaca-se apenas um fragmento de base de pé anelar recoberta de vidro castanho que poderá corresponder a um pote (nº 184, Estampa 27, Anexo V).

Fabrico V8. Pasta de cor branca, muito bem depurada, sem ENP visíveis. As superfícies são recobertas de vidro melado, aplicado em ambas as faces (Anexo IV). Não foi possível averiguar a origem deste fabrico.

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico V8, não se registam formas. Porém, o único fragmento pertencente a este fabrico poderá corresponder a um pote (nº 185, Estampa 28, Anexo V). Este corresponde a um bordo de secção quadrangular ligeiramente extrovertido, com um diâmetro de 14 cm, e encontra-se recoberto de vidro melado em ambas as superfícies.

Fabrico V9. Pasta de cor vermelha alaranjada, depurada, com ENP de pequena dimensão (menos de 2 mm), maioritariamente quartzos (Anexo IV). A superfície externa é recoberta de vidro verde, que se sobrepõe a um engobe branco visível entre o vidro e a pasta.

Este fabrico corresponde a uma produção flamenga com origem nas olarias de Brugges, produzida entre o final do século XIII e a primeira metade do XIV, encontrando-se presente em diversos contextos lisboetas dessa época (Oliveira *et al.*, 2017: 1528-1536; Teixeira *et al.*, 2015: 179).

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico V9, não se registam formas identificáveis (nº 186, Estampa 29, Anexo V). Porém, a existência de um fragmento de asa sugere a eventual presença de um pichel, semelhante ao exemplar identificado na Rua das Pedras Negras em Lisboa e que terá sido importado entre o final do século XIII e o século XIV (Oliveira *et al.*, 2017: 1529-1536).

Fabrico V10. Pasta de cor esbranquiçada, pouco compacta e de textura macia, com muitos ENP de pequena e média dimensão (menos de 1 mm), sobretudo micas, quartzos e por vezes elementos de cor vermelha (Anexo IV). As superfícies encontram-se recobertas de vidrado laranja, aplicado em ambas as faces. Não foi possível averiguar a origem deste fabrico.

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico V10 regista-se cerâmica de mesa, sendo a tigela a única forma identificada. Esta apresenta uma forma aberta esférica (nº 187, Estampa 30, Anexo V), com um bordo vertical de secção arredondada e um diâmetro de 16,5 cm.

Síntese

Na cerâmica vidrada as percentagens de fabricos de pasta vermelha (46%) e de pasta clara (54%) são próximas, estando essa última em número levemente superior. Nas pastas vermelhas observam-se produções regionais do Vale do Tejo, nomeadamente os fabricos V1 (17%) e V2 (23%), provavelmente oriundos da capital (Gráfico 18). Ainda nas pastas vermelhas encontramos o fabrico V9 (4%), importado de Brugges, bem como o fabrico V7 (2%), de proveniências desconhecida. No conjunto de pastas claras regista-se principalmente o fabrico V4 (25%), que corresponderá às cerâmicas do Barreiro, bem como o fabrico V5 (6%), provavelmente produzido em Alenquer. Em relação às produções importadas, observa-se a cerâmica sevilhana (fabrico V3, 17%), assim como a que terá origem em Saintonge (fabrico V6, 2%). Registam-se ainda dois outros fabricos (fabricos V8 e V10), igualmente de pasta clara, para os quais não foi possível determinar a origem. No geral, as produções portuguesas

são o grupo mais abundante, representando no seu conjunto 71% do NMI da cerâmica vidrada.

Em termos formais regista-se maioritariamente cerâmica de mesa relacionada com o consumo individual de alimentos, que constitui mais de metade deste conjunto (77%). Para além desta, observam-se diversos alguidares (20%) e uma bilha.

As formas identificadas no conjunto de cerâmica vidrada possuem cronologias situadas principalmente entre os séculos XV e XVI (Tabela 51, Anexo VI). À excepção das produções provavelmente oriundas de Saintonge e de Brugges, ambas atribuídas aos séculos XIII-XIV, os restantes fabricos terão sido produzidos a partir do século XV.

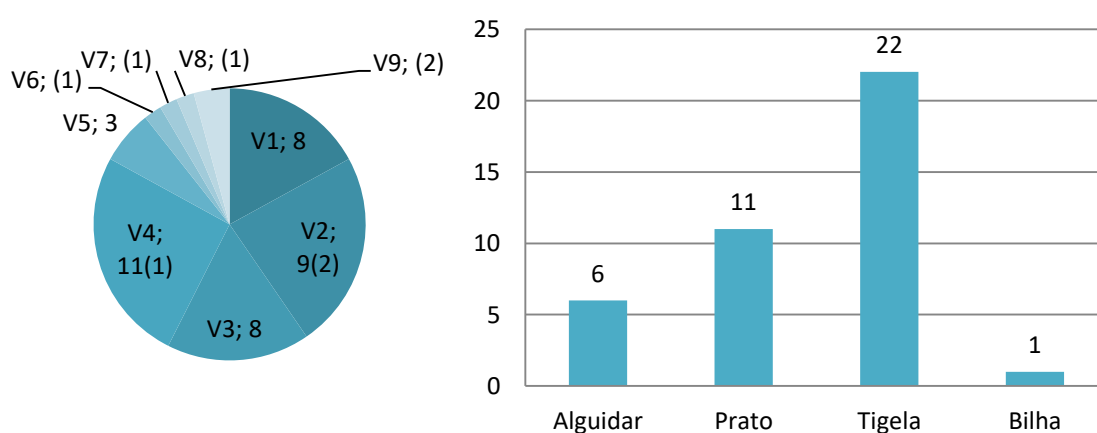


Gráfico 18. Distribuição do NMI total da cerâmica vidrada por grupo de fabrico.

3.1.3 Cerâmica Esmaltada

A cerâmica esmaltada enquadra-se em sete grupos de fabrico, compostos por materiais esmaltados a branco, com ou sem decoração. Entende-se por cerâmica esmaltada aquela que se encontra recoberta de esmalte de cor branca opaca, obtido através da aplicação de óxido de estanho (Sebastian, 2015: 46).

Fabrico E1. Pasta de cor bege ou bege rosada, muito bem depurada e compacta, sem ENP visíveis (Anexo IV). O esmalte aplicado é branco pérola, brilhante e poroso.

Este grupo de fabrico corresponde a uma produção andaluza com origem nas olarias sevilhanas entre os séculos XIV-XVI. A maioria das peças apresenta superfícies esmaltadas a branco sem decoração, enquadrando-se na série *blanca lisa* ou *Columbia Plain* produzida em Sevilha durante os séculos XV-XVI (Pleguezuelo, Lafuente, 1995: 226-236). Alguns investigadores afirmam que este tipo de cerâmica terá sido produzido em Portugal durante o século XVI na olaria da Mata da Machada (Casimiro, 2013: 354). Porém, a ausência nesse local de peças esmaltadas a branco com defeitos de fabrico, mas antes com marcas de uso, indica que estas correspondem provavelmente a objectos de consumo importados do Sul peninsular e não restos de produção local (Coelho, Teixeira, 2018: 264). Em Coimbra identificaram-se cerâmicas esmaltadas a branco que poderão ter sido produzidas localmente a partir de meados do século XVI, embora essas pastas possuam maior abundância de ENP, distinguindo-se dos exemplares do AAV (Sebastian, 2010: 82; 2012: 941-945).

Peças esmaltadas a branco encontram-se frequentemente em contextos portugueses dos séculos XV-XVI como, por exemplo, no MNR em Vila Franca De Xira (Mendes, Pimenta, 2007: 69-75), em Lisboa (Gonzalez, 2012a: 87-88; Sabrosa, 2008: 111-117; Martingil, 2015: 431-433), Carnide (Casimiro *et al.*, 2017: 63-65), Cascais (Cardoso, Rodrigues, 1999: 196-207), Palmela (Fernandes, Carvalho, 1998: 222-246), Torres Vedras (Batalha *et al.*, 2017: 17-24) e Silves (Gomes, Gomes, 1996: 159-161), sendo este último contexto situado entre os séculos XIV-XVI. Estas peças ainda estão presentes em contextos lisboetas dos séculos XVI-XVII como, por exemplo, no Hospital Real de Todos-os-Santos (Bargão, 2015: 94,333; Silva *et al.*, 2012: 71-80).

Para além das peças esmaltadas a branco sem decoração, identificou-se ainda uma tigela com um escorrimento de vidro verde aplicado sobre o esmalte branco em parte da peça, enquadrando-se na série *blanco y verde de mitades* ou *Columbia Plain white and green*, produzida entre o século XV e início do XVI (Pleguezuelo, Lafuente,

1995: 228). Exemplares semelhantes encontram-se em contextos dos séculos XV-XVI no Largo do Terreiro do Trigo em Lisboa (Gonzalez, 2012a: 87-88) ou em Palmela (Fernandes, Carvalho, 1998: 222-246). Foi ainda identificado um fragmento, de forma indeterminada, com linhas verdes sobre esmalte branco, na superfície interna (nº 191, Estampa 31, Anexo V). Este poderá corresponder a um tipo de cerâmica produzida em Sevilha durante o século XIV que desapareceu no início do século XV (Pleguezuelo, Lafuente, 1995: 226).

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico E1, regista-se cerâmica de mesa (prato, escudela e tigela), com predomínio dos pratos que representam 67% do NMI (Gráfico 19).

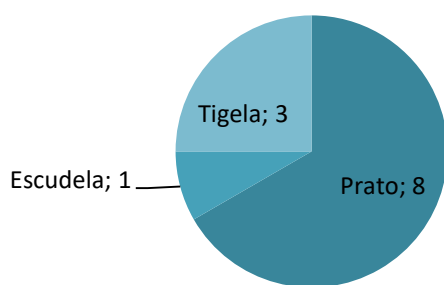


Gráfico 19. Distribuição do NMI do fabrico E1.

Escudela. Forma aberta. Este subtipo encontra-se representado apenas por uma pega horizontal (nº 188, Estampa 31, Anexo V), não sendo possível reconhecer a morfologia da restante peça. Contudo, foi possível calcular o diâmetro interno do bordo que se situa nos 15 cm.

Prato. Os bordos identificados são extrovertidos de secção arredondada (nº 189 e 190, Estampa 31, Anexo V), com diâmetros de 20,5-21 cm. Apenas se conservou um perfil completo de base em ônfalo, o nº 189, com um diâmetro de 6,5 cm; a sua altura é de 3,3 cm.

Tigela. Os bordos identificados são verticais (nº 192 e 193, Estampa 31, Anexo V) ou extrovertidos (nº 194, Estampa 31, Anexo V) de secção arredondada e com diâmetros entre 13-15 cm. A única base identificada (nº 195, Estampa 31, Anexo V) apresenta pé anelar e um diâmetro de 7,5 cm.

Fabrico E2. Pasta de cor bege amarelado ou bege rosado, depurada e muito semelhante à anterior, distinguindo-se apenas por uma textura levemente mais porosa e pela sua decoração (Anexo IV). Os exemplares deste fabrico apresentam superfícies esmaltadas a branco, com uma decoração geométrica a azul-cobalto e manganês sobre a superfície interna.

Este grupo de fabrico corresponde a uma produção andaluza, enquadrando-se na série *azul y morada* ou *Isabella Polychrome* produzida entre o final do século XV e início do XVI nas olarias sevilhanas (Pleguezuelo, Lafuente, 1995: 228-236). Peças deste fabrico encontram-se frequentemente em contextos situados entre os séculos XV-XVI, nomeadamente no MNR em Vila Franca de Xira (Mendes, Pimenta, 2007: 76-77), no Quarteirão dos Lagares (Ponce *et al.*, 2017: 1705) e no Largo do Corpo Santo em Lisboa (Teixeira *et al.*, 2015: 202; Sabrosa, 2008: 113), em Carnide (Casimiro *et al.*, 2017: 63-64), no Castelo de Evoramonte (Liberato, 2006: 14-33), em Torres Vedras (Batalha *et al.*, 2017: 14-24) ou em Lagos (Gonçalves *et al.*, 2017: 1583-1593), assim como em Silves, em contextos situados entre os séculos XIV e XVI (Gomes, Gomes, 1996: 171-174).

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico E2, regista-se apenas cerâmica de mesa, nomeadamente dois fragmentos de prato e um de tigela.

Prato. Neste fabrico observam-se dois subtipos de bordos. O primeiro encontra-se representado por um fragmento de bordo extrovertido de secção arredondada (nº 196, Estampa 32, Anexo V), com um diâmetro de 20 cm. O segundo caracteriza-se por um bordo de secção semicircular com espessamento exterior (nº 197, , Estampa 32, Anexo V) e um diâmetro de 21 cm. A única base identificada é em ônfalo (nº 198, , Estampa 32, Anexo V) e possui um diâmetro de 9 cm. Encontram-se peças semelhantes em contexto dos séculos XV-XVI em Carnide (Casimiro *et al.*, 2017: 63-64) e em Torres Vedras (Batalha *et al.*, 2017: 14-24).

Tigela. Forma de morfologia indeterminada devido à identificação apenas de fragmentos de parede (nº 199, Estampa 32, Anexo V).

Fabrico E3. Pasta de cor branca, compacta e porosa, sem ENP visíveis (Anexo IV). As superfícies são recobertas de esmalte branco espesso, com manchas rosadas e motivos geométricos pintados a azul-cobalto, laranja e vermelho.

Este grupo de fabrico corresponde a majólica italiana com origem nas olarias de Montelupo, particularmente o grupo decorado com o motivo *ad ovali e rombi*. Esta

cerâmica, produzida durante os séculos XV e XVI, é comum nos contextos arqueológicos lisboetas dessa época (Casimiro *et al.*, 2017: 61-64; Felício *et al.*, 2017: 1812-1819; Gonzalez, 2012b: 850-853; Martingil, 2015: 431-433; Simão *et al.*, 2017: 1909; Sabrosa, 2008: 138), encontrando-se igualmente em níveis do século XVI e início do XVII (Barradas, Silva, 2017: 1697-1702; Silva *et al.*, 2012: 71-77).

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico E3, regista-se cerâmica de mesa, sendo o prato a única forma identificada. Este subtipo caracteriza-se por bordos extrovertidos de secção arredondada (nº 200 e 201, Estampa 33, Anexo V), com uma canelura incisa nas suas faces superiores e diâmetros de 19 cm. Estes são decorados com o motivo *ad ovali e rombi*, aplicado sobre a superfície interna do bordo. A única base identificada é em disco (nº 202, Estampa 33, Anexo V), com uma canelura em relevo na sua face exterior e possui um diâmetro de 7,5 cm.

Fabrico E4. Pasta de cor bege amarelada muito bem depurada, sem ENP visíveis (Anexo IV). O esmalte é branco com motivos pintados a azul-cobalto e manganês que podem encontrar-se em ambas as faces das peças ou apenas na superfície interna. Enquanto as características da pasta se mantêm, a qualidade do esmalte varia, podendo ser muito liso, espesso e brilhante, ou mais fino e fosco.

Este grupo de fabrico corresponde à faiança portuguesa com provável origem nas olarias de Lisboa, cuja produção se inicia na segunda metade do século XVI (Casimiro, 2013: 355; Sebastian, 2010: 485-610; 2012: 943; 2015: 340-343). Conhecem-se vestígios de produção de faiança na capital, nomeadamente no Largo das Olarias entre a segunda metade do século XVI e início do XVII (Castro *et al.*, 2017: 1737-1742), na zona do Largo de Jesus, entre finais do século XVI e meado do XVII (Cardoso, Batalha, 2015: 148-170), ou na Rua de Buenos Aires (Batalha *et al.*, 2012), com uma cronologia situada nos séculos XVII-XVIII, entre outros (Sebastian, 2010: 91-114). Na Rua de Buenos Aires observam-se exemplares semelhantes às formas aqui apresentadas.

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico E4, regista-se cerâmica de mesa, sendo o prato a única forma identificada. Neste grupo foram detectados dois perfis completos de morfologia idêntica mas com decoração distinta. Os bordos são extrovertidos, de secção arredondada, com diâmetros entre 21-23 cm (nº 203 a 205, Estampa 34, Anexo V). As bases são de pé anelar, com diâmetros de 13-14 cm.

Estas peças possuem alturas de 3,3 e 4,2 cm (nº 206, Estampa 34, Anexo V). O prato nº 204 encontra-se decorado com o motivo de “contas”, enquanto o nº 203 apresenta apenas uma linha azul junto ao bordo. Ambas estas decorações se encontram em cronologias situadas entre a segunda metade do século XVII e o século XVIII (Casimiro, 2013: 362). Estas formas são semelhantes a pratos identificados na Rua de Buenos Aires em Lisboa, em contexto de descarte relacionado com produção oleira dos séculos XVII-XVIII (Batalha *et al.*, 2012: 954-958), encontrando-se igualmente exemplares na Rua Serpa Pinto em Vila Franca de Xira (Cruz, 2018: 121-126), estes atribuídos ao século XVII. Um fragmento de base anelar (nº 192, Idem) parece corresponder a um prato decorado com motivos vegetalistas, em utilização durante o século XVII (Casimiro, 2013: 355-356).

Observa-se ainda um bordo de secção arredondada com riscos a azul de cobalto e a amarelo (nº 205, Estampa 34, Anexo V). Outros fragmentos possuem dimensões demasiado reduzidas, não sendo possível identificar as suas formas e motivos decorativos (nº 207, Estampa 34, Anexo V).

Fabrico E5. Pasta de cor bege rosada, de textura macia, sem ENP visíveis (Anexo IV). As superfícies encontram-se recobertas de esmalte branco com manchas rosadas, aplicado em ambas as faces. Não foi possível averiguar a origem deste fabrico.

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico E5, regista-se cerâmica de mesa, sendo a tigela a única forma identificada. Esta apresenta uma forma aberta esférica (nº 208, Estampa 35, Anexo V), com um bordo vertical de secção arredondada e um diâmetro de 15 cm.

Fabrico E6. Pasta de cor bege, compacta e rugosa, com muitos ENP sobretudo inclusões de cerâmica de média a grande dimensão (1-2 cm), quartzos e elementos de cor negra (1-2 mm) (Anexo IV). Regista-se apenas um azulejo recoberto de esmalte branco, liso e espesso, com motivos vegetalistas pintados a azul-cobalto, amarelo e laranja (nº 209, Estampa 36, Anexo V).

A sua cronologia situa-se possivelmente entre os séculos XVI-XVII, altura em que a policromia era utilizada na decoração de azulejos (Simões, Oliveira, 1997: 225-

229). De facto, este exemplar encontra paralelos num painel de azulejos do Museu de Alberto Sampaio, atribuído ao século XVII⁶.

Fabrico E7. Pasta de cor bege muito bem depurada, com raros ENP (Anexo IV), nomeadamente quartzos (com cerca de 1 mm). Regista-se apenas um azulejo recoberto de esmalte branco espesso, com o motivo de “massaroca” pintado a azul-cobalto (nº 210, Estampa 37, Anexo V). Um exemplar semelhante foi encontrado durante a escavação de um contexto habitacional setecentista em Lisboa (Casimiro, 2011: 715-722). Este tipo de azulejo, com motivos pintados exclusivamente a azul sobre branco, ter-se-á desenvolvido em Portugal na segunda metade do século XVII, quando a policromia cai em desuso a favor dos azuis e brancos remissivos da porcelana chinesa (Simões, Oliveira, 1997: 228-229). Dessa forma, este deverá ter sido produzido entre os séculos XVII-XVIII.

Síntese

A cerâmica esmaltada é composta exclusivamente por fabricos de pasta clara. Destes, o conjunto mais abundante corresponde às importações do Sul peninsular (60%), nomeadamente os fabricos E1 (48%) e E2 (12%) provenientes de Sevilha (Gráfico 20). As restantes importações correspondem à cerâmica italiana de Montelupo (fabrico E3, 8%). As produções nacionais encontram-se representadas pela faiança portuguesa (fabrico E4), que compõe 20% da cerâmica esmaltada e, possivelmente, pelos dois azulejos identificados (fabricos E6 e E7). Para além desses, o conjunto de cerâmica esmaltada corresponde exclusivamente a cerâmica de mesa relacionada com o consumo individual de alimentos (92%), sendo o prato a forma mais abundante (67%).

A maioria das produções registadas neste grupo possuem cronologias situadas entre os séculos XV e XVI (Tabela 52, Anexo V). Estas correspondem exclusivamente a importações (fabricos E1 a E3). Por outro lado, os azulejos e a faiança portuguesa aqui identificada possui uma datação mais recente, situada entre os séculos XVI a XVIII.

⁶ In <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=5800> – Consultado dia 18/08/2019.

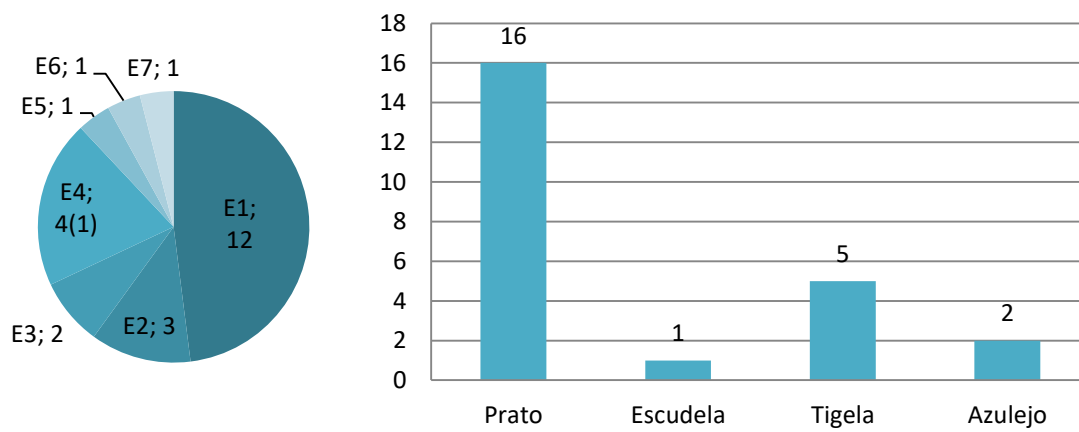


Gráfico 20. Distribuição do NMI total da cerâmica esmaltada por grupo de fabrico (à esquerda) e forma (à direita).

3.2 Integração estratigráfica

O conjunto de cerâmica da UE 104, que corresponde ao preenchimento da estrutura negativa associada ao pavimento situado na Área 1 (Figuras 18 e 20, Anexo III), é constituído por cerâmica fosca, da qual 13 peças identificáveis, assim como um fragmento de cerâmica vidrada (Tabelas 10 a 12, Anexo VI). No grupo de cerâmica fosca observa-se a presença dos fabricos F1 a F5, que terão origem nas olarias do Vale do Tejo (Gráfico 21). Destes, destacam-se os fabricos F3 a F5 (23%) que correspondem a cerâmica produzida em Lisboa. Em relação às formas, observa-se diversidade de peças, que se enquadram em cerâmica de cozinha (39%), de mesa (38%) e de armazenamento (23%). A cerâmica vidrada corresponde a um fragmento de prato recoberto de vidrado melado (nº 178, Estampa 24, Anexo V). Este exemplar enquadra-se no fabrico V4, que poderá ter sido produzido no Barreiro entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI (Coelho, Teixeira, 2018: 261-264).

A UE 104 é maioritariamente composta por cerâmica fosca que possui uma continuidade cronológica alargada, não permitindo estabelecer uma cronologia segura para o seu preenchimento (Tabela 49, Anexo V). Porém, a identificação de um fragmento de cerâmica vidrada que poderá corresponder a uma produção do Barreiro permite propor uma cronologia para a formação deste depósito situada entre finais do século XV e primeira metade do século XVI.

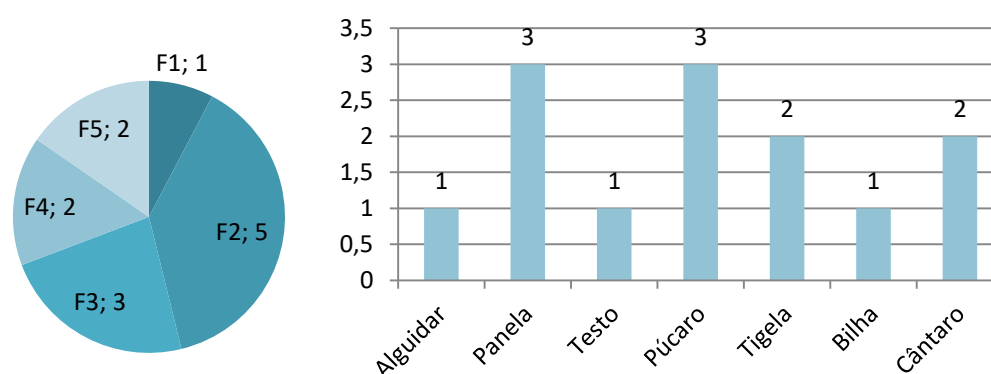


Gráfico 21. Distribuição do NMI da cerâmica fosca na UE 104 por grupo de fabrico (à esquerda) e forma (à direita).

O conjunto de cerâmica da UE 107, que preenche o silo localizado na Área 1 (Figuras 18 e 21, Anexo III), é constituído por cerâmica fosca (65%), brunida (24%), vidrada (8%) e esmalta (2%), com um total de 223 peças identificáveis (Tabelas 13 a 20, Anexo VI).

Na cerâmica fosca identificaram-se 147 peças repartidas por nove grupos de fabrico, dos quais se destacam os fabricos F1 a F5 que representam 98% do NMI deste conjunto (Gráfico 22). Estes terão origem nas olarias do Vale do Tejo, nomeadamente em Lisboa no caso dos fabricos F3 a F5 (39%). Em relação aos fabricos F1 a F2 (59%), que compõem mais de metade deste conjunto, não foi possível determinar a sua origem, embora as características das pastas, apresentadas acima, excluam uma origem lisboeta. A abundância destes dois grupos de fabrico sugere que poderá tratar-se de cerâmica produzida localmente.

Em termos formais, destaca-se a abundância da cerâmica de cozinha (46%), principalmente panelas (27%). Observa-se ainda um número significativo de cerâmica de mesa (25%) e de armazenamento (20%), compostas nomeadamente por púcaros (14%) e potes (13%), respectivamente (Gráfico 23). Neste conjunto destaca-se ainda a presença de fragmentos de anforetas *Spanish Olive Jar* (nº 154, Estampa 17, Anexo V), produzidas nas olarias sevilhanas entre o final do século XV e durante século XVI (Amores, Chisvert, 1993: 283-297; Pleguezuelo *et al.*, 1999: 271-272).

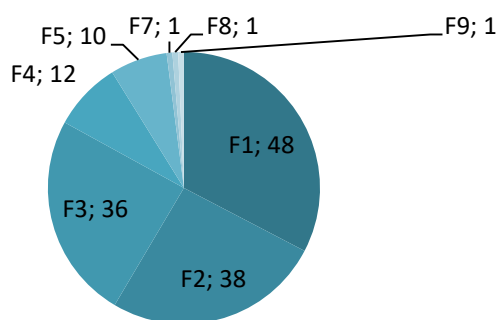


Gráfico 22. Distribuição do NMI da cerâmica fosca na UE 107 por fabrico.

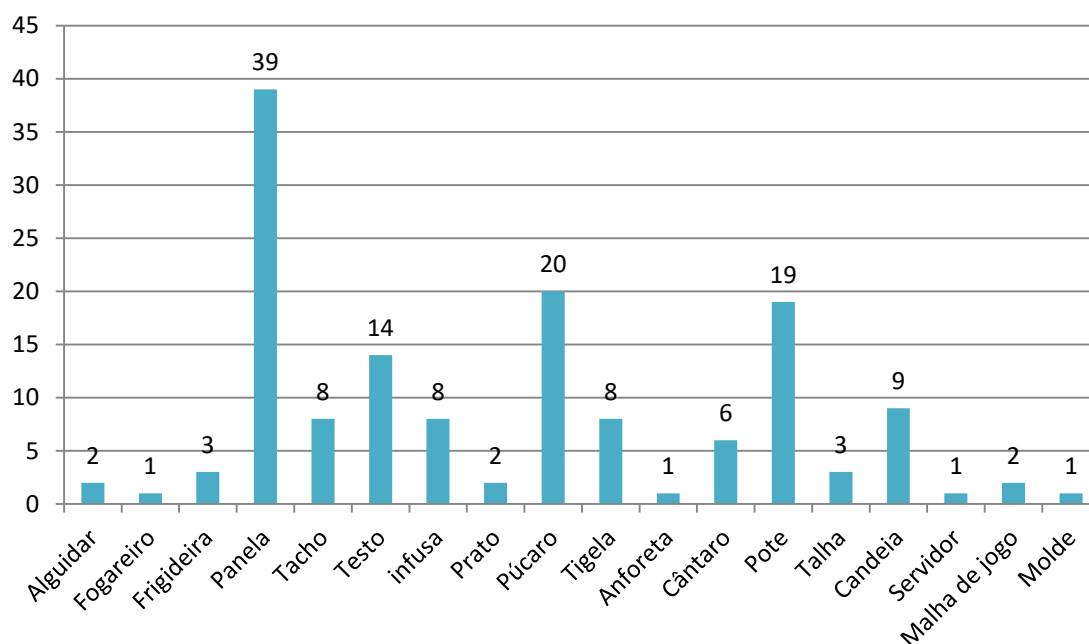


Gráfico 23. Distribuição do NMI da cerâmica fosca na UE 107 por forma.

Na cerâmica brunida observam-se 54 peças identificáveis, repartidas pelos fabricos B1 a B6. Tal como na cerâmica fosca observa-se o predomínio dos fabricos B1 a B4, que representam 91% do NMI deste conjunto (Gráfico 24). Estes terão origem nas olarias do Vale do Tejo, nomeadamente em Lisboa no caso dos fabricos B3 (39%) e B4 (19%). As formas mais abundantes correspondem à cerâmica de mesa representada por pratos, púcaros e tigelas que no seu conjunto compõem 73% do NMI.

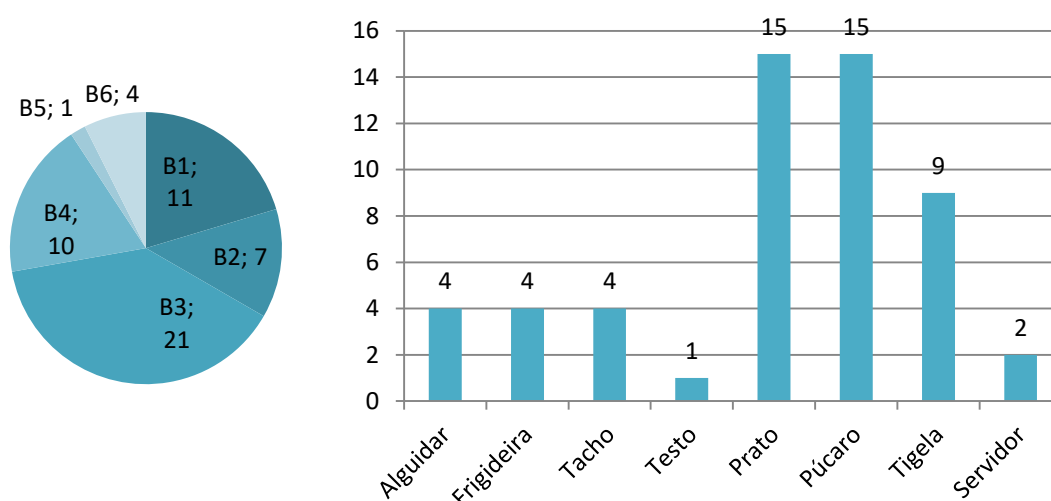


Gráfico 24. Distribuição do NMI da cerâmica brunida na UE 107 por fabrico (à esquerda) e forma (à direita).

A cerâmica vidrada encontra-se representada por 17 peças identificáveis que incluem cerâmica vidrada a melado, em tons que variam entre o amarelo e o castanho, assim como cerâmica vidrada a verde. Este conjunto reparte-se por seis fabricos, dos quais se destacam as produções de Lisboa (fabricos V1 e V2) e as do Barreiro (V4) que no seu conjunto representam 88% do NMI (Gráfico 25). A cerâmica do Barreiro é a produção mais numerosa na cerâmica vidrada desta UE, representando 37% do NMI. Identificaram-se fragmentos de cerâmica exógena, alguns correspondendo a uma produção sevilhana enquanto outros serão oriundos do Norte da Europa. A produção sevilhana (fabrico V3), que corresponde a 11% desde conjunto, encontra-se representada por um fragmento de prato vidrado a melado com riscos a manganês (nº 173, Estampa 23, Anexo V) e um alguidar vidrado a verde, peças produzidas a partir do século XV e durante o século XVI (Pleguezuelo, Lafuente, 1995: 228-236).

Da cerâmica proveniente do Norte europeu destaca-se a produção flamenga de cerâmica vidrada a verde (fabrico V9; nº 186, Estampa 29, Anexo V), fabricada em Brugges entre o final do século XIII e a primeira metade do XIV (Oliveira *et al.*, 2017; Teixeira *et al.*, 2015: 179). Outros fragmentos de cerâmica vidrada a verde poderão corresponder às produções francesas de *Saintonge* (fabrico V6), datadas dos séculos XIII-XIV (Haggarty, 2006: 22-57; Oliveira *et al.*, 2017: 1527-1534; Pinheiro, 2015: 41). Estes dois grupos de fabrico encontram-se representadas apenas por fragmentos indeterminados, não tendo sido possível reconstituir nenhuma forma.

Em termos formais, a cerâmica vidrada corresponde quase exclusivamente a cerâmica de mesa (94%), constituída por tigelas (65%) e pratos (29%) recobertos de vidrado melado (Gráfico 25).

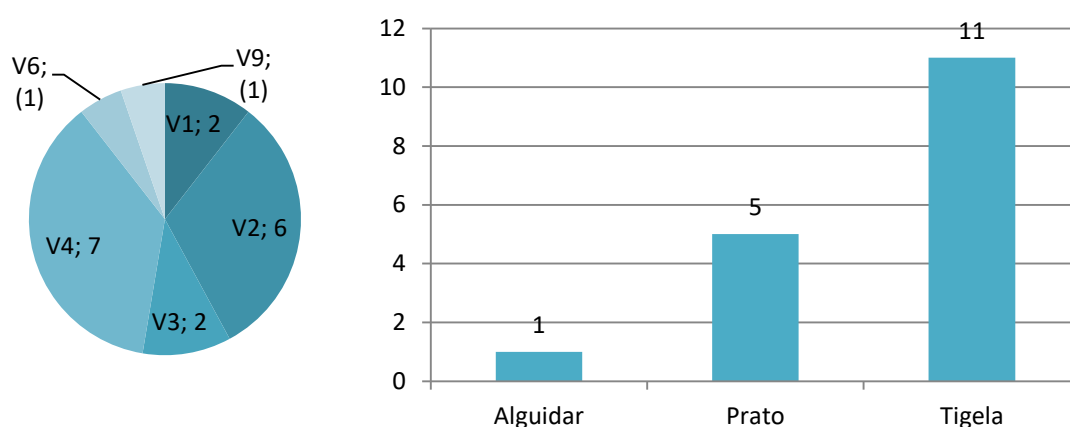


Gráfico 25. Distribuição do NMI da cerâmica vidrada na UE 107, por grupo de fabrico (à esquerda) e forma (à direita)

A cerâmica esmaltada encontra-se representada por cinco peças identificáveis, inseridas em três fabricos (Gráfico 26). Neste conjunto encontra-se apenas cerâmica de mesa, constituída por três pratos e duas tigelas. A maioria destas peças insere-se no fabrico E1 (60%), correspondendo à produção sevilhana *blanca lisa* produzida durante os séculos XV-XVI (Pleguezuelo, Lafuente, 1995: 228-236). Ainda de origem sevilhana foi identificado um prato enquadrado na série *azul y morada* (fabrico E2; nº 197, Estampa 32, Anexo V), produzida entre o final do século XV e início do XVI (Pleguezuelo, Lafuente, 1995: 228-236).

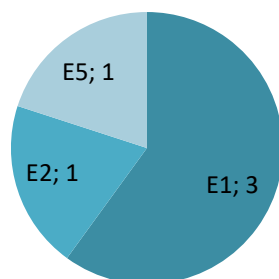


Gráfico 26. Distribuição do NMI da cerâmica esmaltada na UE 107 por grupo de fabrico.

Em suma, nesta UE 107 a cerâmica de mesa é a categoria mais abundante (44%) e diversificada, contendo todos os tipos de cerâmica (fosca, brunida, vidrada e esmaltada) (Gráficos 27 e 28). Observam-se ainda percentagens significativas de cerâmica de cozinha (36%) e de armazenamento (13%). Individualmente, as panelas são a forma mais representada (17%), seguidas pelos púcaros (16%), tigelas (13%) e pratos (11%).

A distribuição das formas pelos diferentes tipos de cerâmica, nesta UE, poderá assinalar preferências da população. Neste conjunto denota-se a preferência pela cerâmica fosca no que toca ao armazenamento de alimentos e líquidos (Gráfico 28). Observamos que na confecção de alimentos utilizava-se maioritariamente cerâmica fosca, particularmente no caso das panelas, as quais são fabricadas exclusivamente nesse tipo. Porém, no caso dos tachos e frigideiras observam-se também peças brunidas, o que poderá estar relacionado com o tipo de cozinhados para os quais seriam utilizados, nomeadamente ensopados ou cozidos no caso dos tachos e frituras no caso

das frigideiras, que poderiam beneficiar de superfícies alisadas e menos aderentes (Casimiro, Boavida, Detry, 2017: 112-114).

Como se constata, na cerâmica de mesa a diversidade de tipos sugere uma maior exigência com a qualidade dos recipientes utilizados no consumo de alimentos face às peças utilizadas na sua confecção e armazenamento. Enquanto no consumo de líquidos continuamos a registar uma preferência pela cerâmica fosca e brunida, nos pratos e tigelas destaca-se a maior abundância de cerâmica brunida e vidrada, bem como algumas peças esmaltadas. Dessa forma, podemos depreender que estas seriam preteridas pelas suas superfícies lisas e impermeabilizadas, não se excluindo possíveis questões estéticas e de estatuto social, particularmente no caso das peças importadas.

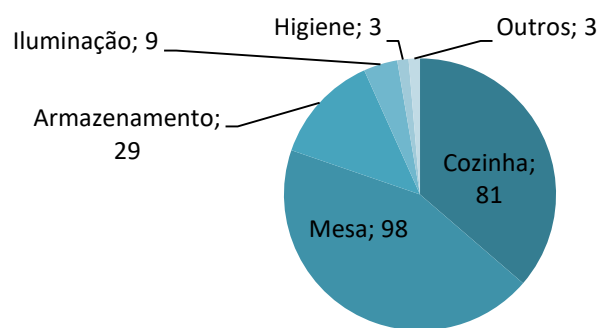


Gráfico 28. Distribuição do NMI das formas identificadas na UE 107, por categorias de cerâmica

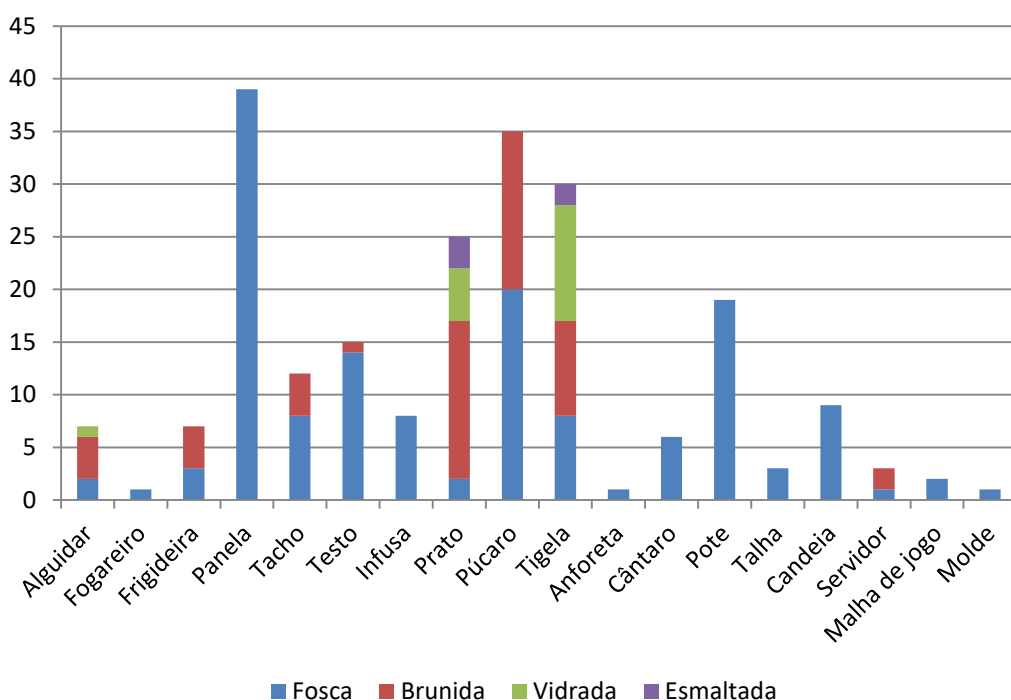


Gráfico 27. Distribuição do NMI das formas identificadas na UE 107, por formas e fabricos.

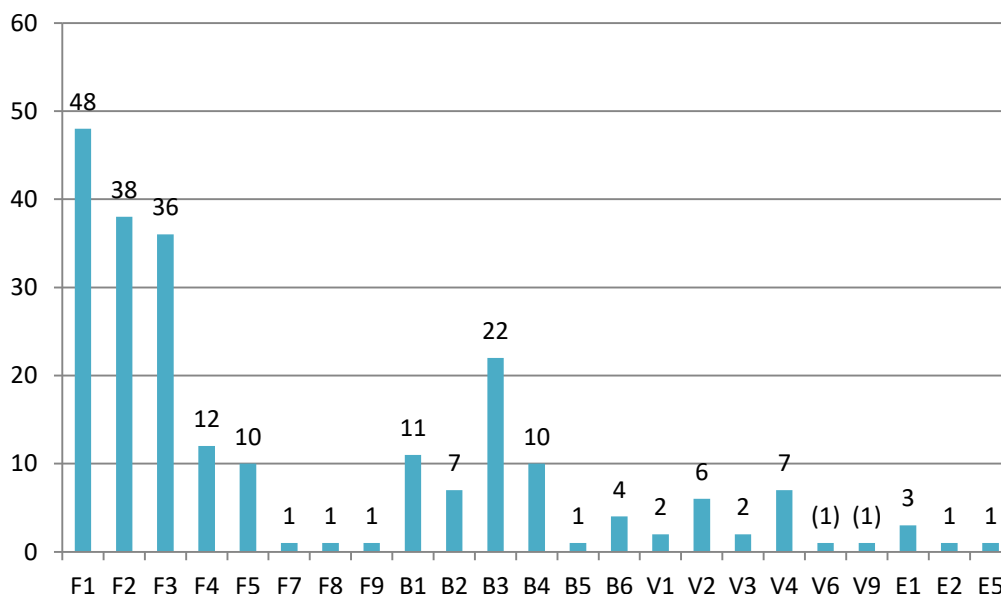


Gráfico 29. Distribuição do NMI da cerâmica identificada na UE 107, por fabricos.

Resumidamente, a UE 107 é maioritariamente composta por cerâmica fosca e brunida, que possui uma vasta continuidade, não permitindo o estabelecimento de cronologias seguras (Gráfico 29; Tabelas 49 e 50, Anexo V). A cerâmica vidrada e esmaltada, particularmente as produções sevilhanas e as do Barreiro, apontam para o preenchimento deste silo com resíduos domésticos maioritariamente entre os séculos XV e XVI (Tabelas 51 e 52, Anexo V). A identificação de cerâmica de cronologia anterior, nomeadamente as produções do Norte da Europa que remetem para os séculos XIII-XIV, poderá assinalar o início da utilização do silo como lixeira. Porém, esta encontra-se em quantidades residuais, sendo a maioria da cerâmica que foi possível datar enquadrada nos séculos XV-XVI.

Alguns materiais cerâmicos desta UE apresentam vestígios de fogo pós-deposicional que testemunha uma combustão ocorrida no interior do silo (nº 55, Estampa 5, e nº 63, Estampa 6, Anexo V). Esta poderá estar relacionada com a higienização da zona de lixeira (Rosa, 2019: 66). Curiosamente, as peças que apresentam este tipo de vestígios de fogo pertencem maioritariamente ao fabrico F2. Estas terão sido descartadas no mesmo momento, indicando que, nessa altura, a louça consumida pertencia principalmente a este grupo de fabrico.

O conjunto de cerâmica da UE 109, que preenche uma estrutura negativa de pequenas dimensões situada na Área 1, junto ao silo, é constituído por cerâmica fosca, da qual três peças identificáveis, assim como um fragmento de cerâmica brunida (Tabelas 21 a 23, Anexo VI). A cerâmica fosca enquadra-se em três grupos de fabrico produzidos no Vale do Tejo, dos quais se destaca o fabrico F3 que representa 50% do NMI. Em termos formais, regista-se apenas uma panela enquadrada no fabrico F2, bem como um testo e um cântaro que correspondem ao fabrico F3. Assinala-se ainda a presença de um fragmento de forma não identificável inserido no fabrico F4. A ausência, nesta UE, de produções cerâmicas de cronologia segura não permitiu datar o preenchimento deste depósito (Tabela 49, Anexo VI).

A UE 112, que corresponde ao preenchimento de uma estrutura negativa de formato circular localizada na Área 1, possui um conjunto de cerâmica composto por cerâmica fosca (78%), brunida (6%), vidrada (11%) e esmaltada (6%), no qual se registam onze peças identificáveis (Tabelas 24 a 27, Anexo VI).

A cerâmica fosca enquadra-se em seis grupos de fabrico dos quais se destaca o fabrico F2 que representa 43% do NMI (Gráfico 30). Neste conjunto, as únicas formas registadas correspondem a oito tachos e três cântaros, inseridos nos fabricos F1, F2 e F4. Os restantes fabricos identificados na cerâmica fosca, nomeadamente os fabricos F3, F5 e F6, encontram-se representados por fragmentos de forma indeterminada.

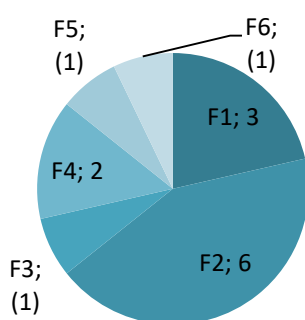


Gráfico 30. Distribuição do NMI da cerâmica fosca na UE 112, por fabrico.

O conjunto de cerâmica vidrada desta UE é constituído por fragmentos vidrados a verde ou a verde e amarelo, distribuídos pelos fabricos V2 e V5. A única forma identificada corresponde a um alguidar vidrado a verde inserido no fabrico V5, que terá sido produzido na olaria do Castelo de Alenquer entre o final do século XV e início do XVII (Cardoso *et al.*, 2016: 56-62; Cardoso, 2017: 114) (nº 180, Estampa 25, Anexo V). Os restantes fragmentos identificados neste conjunto, que estão enquadrados no fabrico V2, pertencem a peças de forma indeterminada.

A cerâmica esmaltada encontra-se representada por apenas dois fragmentos de faiança portuguesa (fabrico E4), provavelmente de produção lisboeta. O reduzido tamanho destes fragmentos não permite comprovar a que subtipos correspondem, nem identificar com certeza os motivos decorativos pintados a azul de cobalto (nº 207, Estampa 34, Anexo V). Porém, a sua datação não será anterior à segunda metade do século XVI, altura em que se inicia a produção deste tipo de cerâmica (Casimiro, 2013: 355, Sebastian, 2010: 485-610; 2012: 943, 2015: 340-341).

A identificação de faiança, assim como o alguidar vidrado a verde, que encontra paralelos em níveis de aterro atribuídos ao final do século XVII na Rua Comendador Miguel Esguelha em Vila Franca de Xira (Pimenta, Mendes, 2010: 18-45), apontam para um contexto de cronologia mais recente que o silo. Dessa forma, presume-se que esta estrutura negativa terá sido preenchida entre a segunda metade do século XVI e o século XVII.

A UE 205 é composta por cerâmica fosca (50%), brunida (25%) e esmaltada (25%), com um total de três peças identificáveis (Tabelas 28 a 30, Anexo VI). Correspondendo ao preenchimento do poço identificado na Área 1, esta UE continha maioritariamente material de construção utilizado no entulhamento da estrutura. Além deste material, do qual se conservaram fragmentos de tijolo (fabrico F11), identificou-se um fragmento de cerâmica fosca de forma indeterminada (fabrico F2), assim como um fragmento de prato brunido (fabrico F3).

Foi ainda descoberto um azulejo esmaltado a branco com o motivo de “massaroca” pintado a azul-cobalto (fabrico E7; nº 210, Estampa 37, Anexo V). Os vestígios de argamassa no seu reverso indicam que este foi utilizado, encontrando-se a determinada altura a decorar um edifício que terá existido na área do AAV. Este tipo de azulejos terá sido produzido a partir da segunda metade do século XVII (Casimiro, 2011: 715-722; Simões, Oliveira, 1997: 228-229), apontando assim para o

preenchimento do poço entre o final do século XVII e a segunda metade do século XVIII, antes da construção do edificado visível na planta de 1786 (Figura 5, Anexo I).

O conjunto de cerâmica da UE 304, que preenchia o tanque identificado na Área 2, é constituído por cerâmica fosca (54%), brunida (35%), vidrada (8%) e esmaltada (4%), num total de 22 peças identificáveis (Tabelas 31-36, Anexo VI). A cerâmica fosca, representada por 13 peças identificáveis, encontra-se dividida em seis grupos de fabrico (Gráfico 31). Observa-se o predomínio dos fabricos produzidos em Lisboa (64%), nomeadamente os fabricos F3 (7%), F4 (36%) e F5 (21%). Em termos formais este conjunto é pouco diversificado, sendo os testos a forma mais abundante (46%), observando-se ainda um número significativo de púcaros (23%).

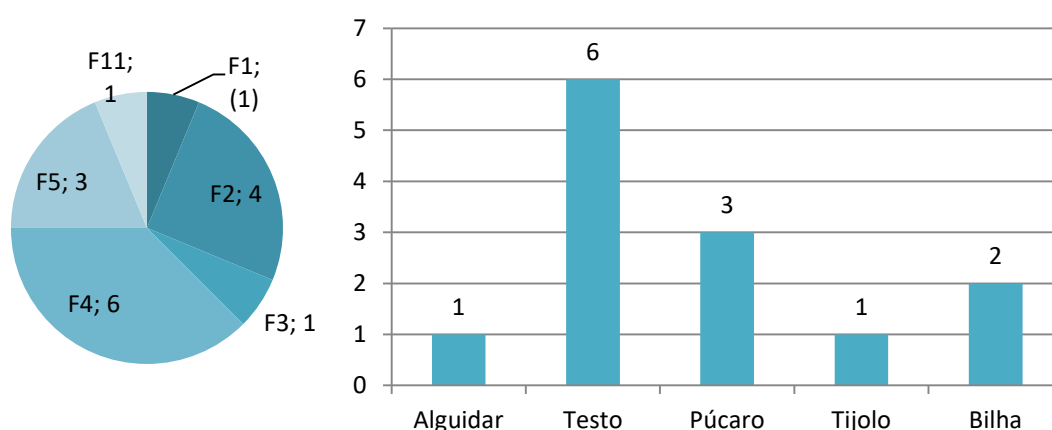


Gráfico 31. Distribuição do NMI da cerâmica fosca na UE 304, por fabrico (à esquerda) e forma (à direita).

A cerâmica brunida, representada por oito peças identificáveis, enquadra-se em quatro grupos de fabrico. Desses destacam-se os fabricos B3 a B5, que terão origem nas olarias de Lisboa, representando no seu conjunto 89% do NMI deste grupo de cerâmica (Gráfico 32). Em termos formais observa-se o predomínio da cerâmica de mesa, constituída por pratos e tigelas que compõem 50% do NMI, sendo que as restantes formas identificadas correspondem a alguidares.

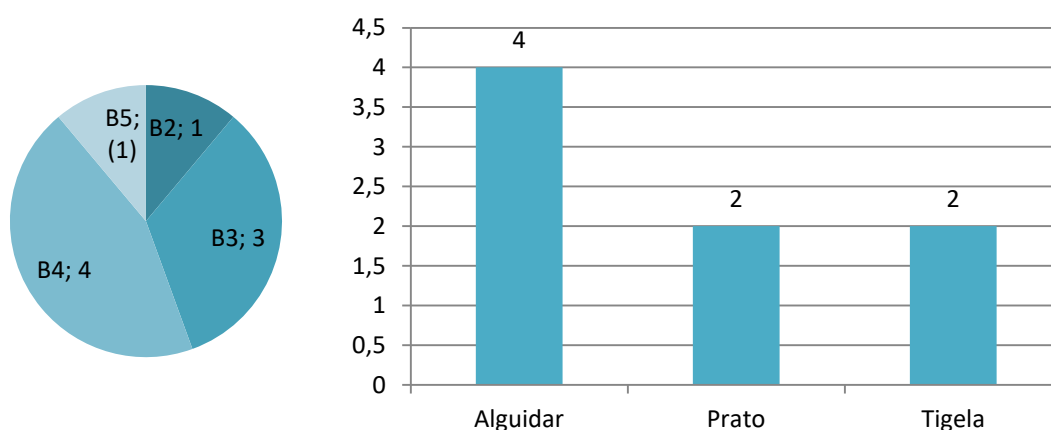


Gráfico 32. Distribuição do NMI da cerâmica brunida na UE 304, por fabrico (à esquerda) e forma (à direita).

No conjunto de cerâmica vidrada, composto por apenas dois fragmentos enquadrados nos fabricos V2 e V8, não se registaram peças identificáveis.

Na cerâmica esmaltada regista-se apenas uma tigela (fabrico E1), produzida nas olarias sevilhanas entre o século XV e início do XVI (Pleguezuelo, Lafuente, 1995: 228). Esta pertence à série *blanco y verde de mitades*, sendo recoberta de esmalte branco com um escorrimento verde aplicado sobre parte da peça (nº 192, Estampa 31, Anexo V). Porém, foi ainda identificado um fragmento, de forma indeterminada, com linhas verdes sobre esmalte branco na superfície interna (nº 191, Estampa 31, Anexo V). Este poderá corresponder a um tipo de cerâmica produzida durante o século XIV e que desapareceu no início do século XV (Pleguezuelo, Lafuente, 1995: 226). Dada a larga cronologia de utilização das formas de cerâmica fosca e brunida, a datação desta UE baseia-se na identificação peças esmaltadas de origem sevilhana, que permitem sugerir uma cronologia para o preenchimento do tanque situada entre o século XV e início do XVI, possivelmente recuando até ao século XIV.

A ausência de cerâmica de cozinha de ir ao fogo observada neste contexto⁷ sugere que este depósito não estará relacionado com resíduos provenientes de uma cozinha. Contudo, como será apresentado mais à frente, foram identificados nesta unidade diversos restos faunísticos que contestam essa hipótese.

⁷ Os testos identificados poderão ter sido utilizados para cobrir recipientes de armazenamento.

A UE 101/201 e a Recolha de Superfície correspondem aos níveis superficiais identificados no AAV, sendo compostas por materiais descontextualizados. A UE 101/201 contém cerâmica fosca (90%), brunida (5%) e vidrada (5%), num total de 37 peças identificáveis (Tabelas 37-40, Anexo VI). A cerâmica fosca encontra-se representada por 35 peças, repartidas por sete grupos de fabrico (Gráfico 33). Tal como na UE 107, observa-se aqui o predomínio das produções do Vale do Tejo, nomeadamente os fabricos F1 a F5 que no seu conjunto compõem 92% do NMI. As formas mais abundantes correspondem a cerâmica de cozinha (52%), com destaque para as panelas (23%) e testos (23%)⁸. Na cerâmica brunida, composta por seis fragmentos inseridos nos fabricos B1 e B3, não foi possível reconstituir formas.

O conjunto de cerâmica vidrada é representado por duas peças: um alguidar vidrado a verde, enquadrado no fabrico V5, e uma tigela melada, correspondendo ao fabrico V4.

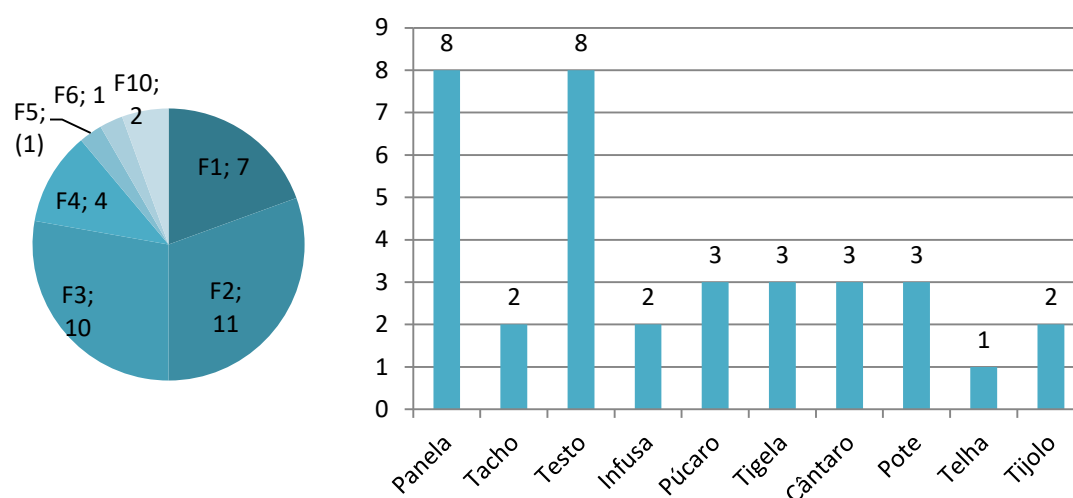


Gráfico 33. Distribuição do NMI da cerâmica fosca na UE 101/201, por fabrico (à esquerda) e forma (à direita).

⁸ Neste conjunto foi detectado um pequeno fragmento de cerâmica pintada a branco, de tradição islâmica, inserida no fabrico F1.

O conjunto de cerâmica da Recolha de Superfície é composto por cerâmica fosca (54%), brunida (12%), vidrada (9%) e esmaltada (8%), com um total de 179 peças identificáveis (Tabelas 41 a 48, Anexo VI). A cerâmica fosca encontra-se representada por 116 peças identificáveis, enquadradas em nove grupos de fabrico (Gráfico 34). Assim como nas UE 107 e 101/201, observa-se aqui o predomínio dos fabricos regionais do vale do Tejo (fabricos F1 a F5) que compõem 96% do NMI deste conjunto. Denota-se igualmente a abundância de cerâmica de cozinha (56%) (Gráfico 35), assim como um número significativo de recipientes de armazenamento (26%). Nesta última categoria destaca-se a presença de fragmentos de anforeta *Spanish Olive Jar* (fabrico F8), produzida em sevilha entre o final do século XV e durante século XVI (Amores, Chisvert, 1993: 283-297; Pleguezuelo *et al.*, 1999: 271-272).

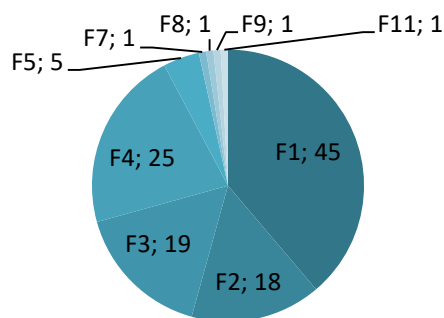


Gráfico 34. Distribuição do NMI da cerâmica fosca na Recolha de Superfície, por fabrico.

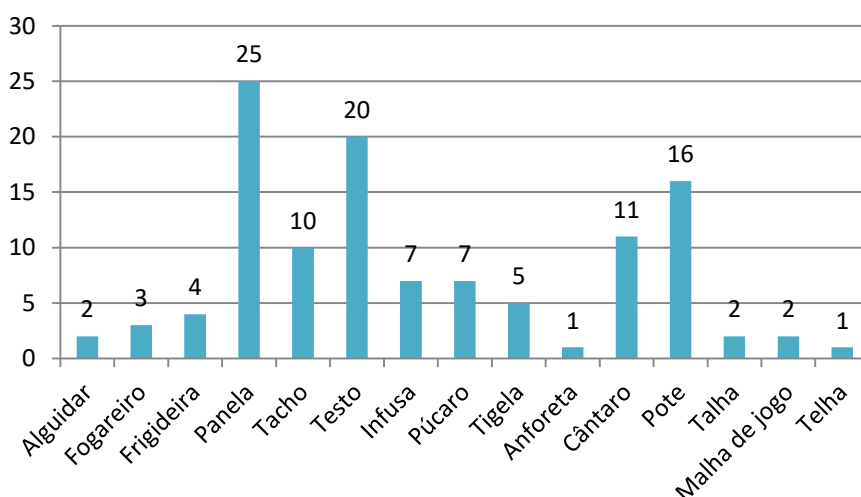


Gráfico 35. Distribuição do NMI da cerâmica fosca na Recolha de Superfície, por forma.

A cerâmica brunida encontra-se representada por 26 peças identificáveis, enquadradas em seis grupos de fabrico (Gráfico 36). Também aqui se observa o predomínio dos fabricos B1 a B5 que compõem 96% do NMI deste conjunto. A cerâmica de mesa é o grupo mais abundante, representando 50% do NMI. Porém, destaca-se ainda a percentagem significativa de cerâmica de cozinha, que constitui 46% deste conjunto.

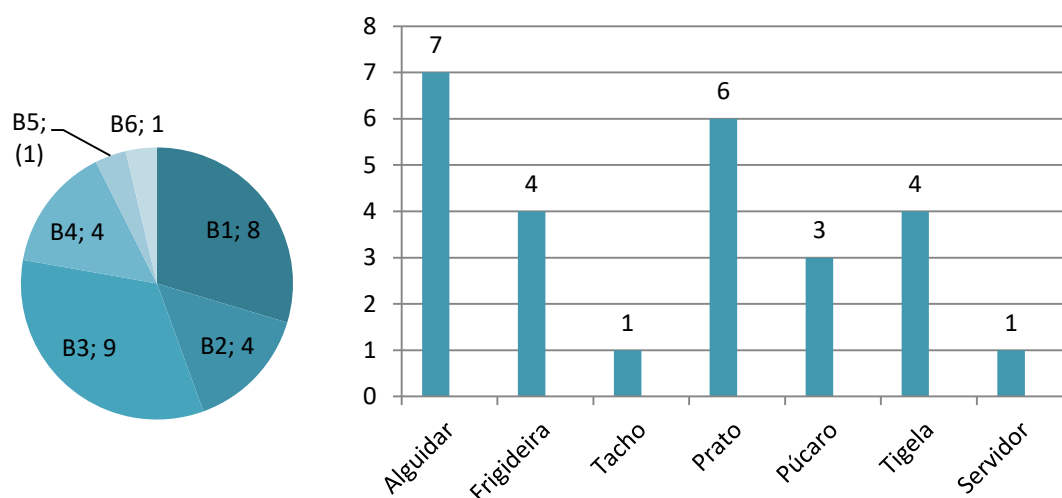


Gráfico 36. Distribuição do NMI da cerâmica brunida na Recolha de Superfície, por fabrico (à esquerda) e forma (à direita).

A cerâmica vidrada da Recolha de Superfície corresponde a peças vidradas a verde ou melado, enquadradas em seis grupos de fabrico (Gráfico 37). Destaca-se o predomínio das produções portuguesas, com provável origem nas olarias de Lisboa (fabricos V1 e V2), do Barreiro (fabrico V4) e de Alenquer (fabrico V5), que no seu conjunto representam 61% do NMI. Nesta UE encontra-se ainda um número significativo de cerâmica sevilhana (26%, fabrico V3), produzida a partir do século XV e durante o século XVI (Pleguezuelo, Lafuente, 1995: 226-236). Do Norte europeu registaram-se fragmentos de cerâmica flamenga importada de Brugges entre o final do século XIII e meados do XIV (4%, fabrico V9) (Oliveira *et al.*, 2017; Teixeira *et al.*, 2015: 179).

Este conjunto de cerâmica vidrada encontra-se representado por 20 peças identificáveis, cujas formas mais abundantes correspondem a cerâmica de mesa composta por tigelas e pratos, que no seu conjunto constituem 70% do NMI.

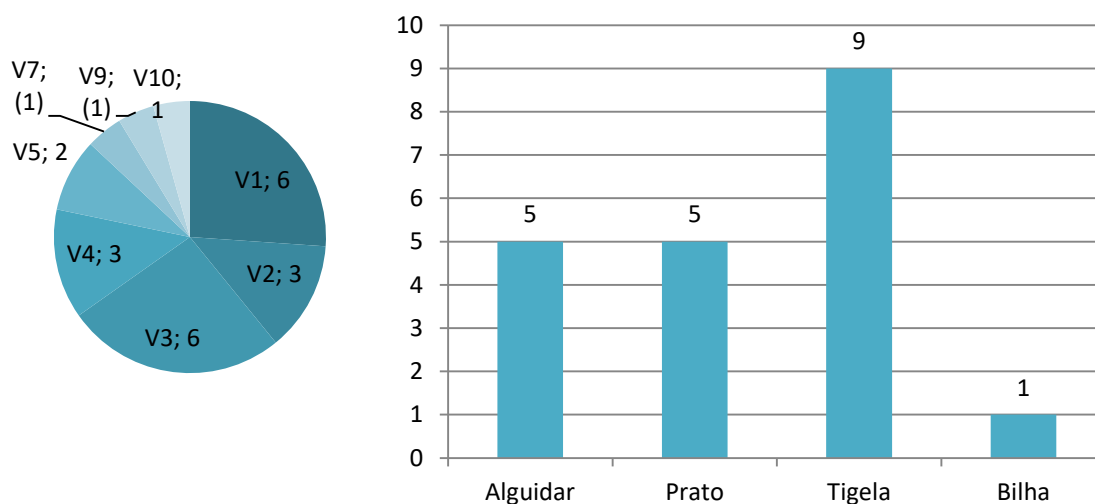


Gráfico 37. Distribuição do NMI da cerâmica vidrada na Recolha de Superfície, por fabrico (à esquerda) e forma (à direita).

A cerâmica esmaltada encontra-se representada por 17 peças, enquadradas em seis grupos de fabrico (Gráfico 38). Neste conjunto destaca-se a abundância de cerâmica sevilhana (fabricos E1 e E2), produzida durante os séculos XV-XVI (Pleguezuelo, Lafuente, 1995: 228-236), que no seu conjunto representa 59% do NMI. Observam-se ainda exemplares de majólica italiana (12%, fabrico E3), proveniente das olarias de Montelupo durante os séculos XV-XVI (Barradas, Silva, 2017: 1697-1702; Gonzalez, 2012b: 850-853; Silva *et al.*, 2012: 77).

Em relação às produções portuguesas, foi identificada faiança portuguesa (23%), com provável origem nas olarias lisboetas e cujas decorações apontam para uma cronologia entre a segunda metade do século XVII e o século XVIII (Casimiro, 2013: 355-362; Sebastian, 2010: 485-610; 2012: 943, 2015: 340-343).

Foi ainda identificado um fragmento de azulejo decorado com motivos a azul de cobalto, amarelo e laranja (fabrico E6; nº 209, Estampa 36, Anexo V). À excepção desse, o conjunto de cerâmica esmaltada corresponde exclusivamente a cerâmica de mesa, sendo o prato a forma mais abundante (94%).

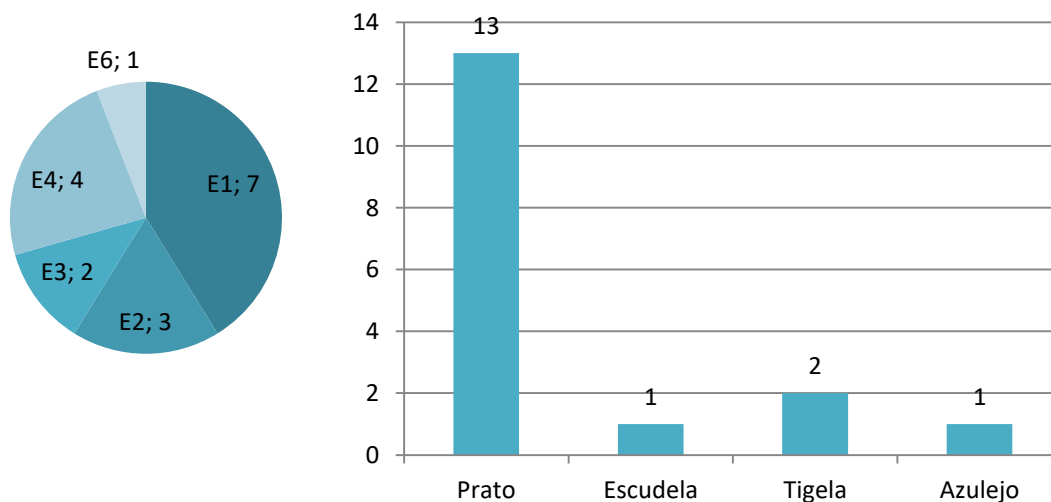


Gráfico 38. Distribuição do NMI da cerâmica esmaltada na Recolha de Superfície, por fabrico (à esquerda) e forma (à direita).

As UE 101/201 e Recolha de Superfície possuem materiais cerâmicos com cronologias situadas entre os séculos XIII-XVIII, sendo a cerâmica de Brugges a mais recuada e a faiança portuguesa a mais recente. Contudo, a maior parte do conjunto que foi possível datar é composto por fabricos cuja produção é atribuída aos séculos XV-XVI, nomeadamente a cerâmica vidrada e esmaltada de origem sevilhana, as majólicas de Montelupo e as produções do Barreiro (Tabelas 51 e 52, Anexo VI).

4. Vidro

No conjunto de vidros do AAV distinguiram-se cinco grupos de fabrico (Gráfico 39; Anexo IV). Observa-se o predomínio do fabrico VD2 (42% NMI), seguido pelos fabricos VD1 (25% NMI) e VD3 (17% NMI). A única forma identificada é o copo, embora alguns fragmentos possam corresponder a garrafas (Tabelas 54-55, Anexo VI).

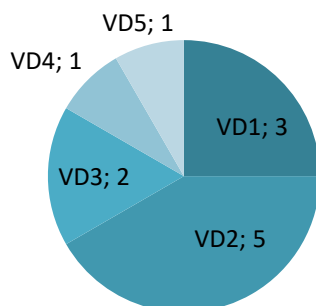


Gráfico 39. Distribuição do NMI dos vidros por grupo de fabrico.

4.1 Fabricos e formas

Fabrico VD1. Vidro incolor com padrão ondulado (Anexo IV). Este encontra-se recoberto por uma crosta transparente com brilho metálico em descamação, possivelmente causada pela degradação do vidro através do processo de iridescência (Medici, 2014b: 227-228). Neste fabrico registaram-se dois copos. O primeiro corresponde a um copo ápodico troncocónico de perfil completo, decorado com caneluras verticais e um filete de cor azul-cobalto abaixo do bordo e um diâmetro do bordo de 10,5 cm; a sua base é reentrante e cónica, com um diâmetro de 7 cm (nº 211, Estampa 37, Anexo V). O segundo encontra-se representado por uma base cuja morfologia parece corresponder ao subtipo “de pedestal troncocónico simples” (Medici, 2014a: 241-242), com o rebordo da base obtido por dobragem e um diâmetro de 7 cm (nº 212, Estampa 37, Anexo V). Este encontra paralelos num exemplar proveniente da Rua Gil Vicente em Sintra, atribuído aos séculos XVI-XVII (Ferreira, 2003: 280-285).

Para o copo de perfil completo nº 211 não se conhecem paralelos em contextos arqueológicos portugueses. Contudo, este subtipo encontra-se representado na pintura *Última Ceia* (1501-1506) de Vasco Fernandes e Francisco Henriques⁹, indicando que estes copos estariam em uso no início do século XVI. Os exemplares mais semelhantes, encontrados na Avenida Miguel Fernandes em Beja (Ferreira, Medici, 2010: 403-407), apresentam decoração com caneluras ou com um filete em azul-cobalto no bordo, sendo os primeiros atribuídos aos séculos XIV-XV e os segundos aos séculos XIV-XVI. Na Rua José Dias da Silva, em Vila Franca de Xira, foi identificada uma base que poderá corresponder a um copo ápodo semelhante ao exemplar do AAV, embora a ausência do seu bordo não permita certezas sobre esta afirmação (Mendes, 2017: 28).

Fabrico VD2. Vidro incolor (Anexo IV). Encontra-se recoberto por uma crosta transparente com brilho metálico, em descamação, possivelmente causada pela degradação do vidro através do processo de iridescência. Registam-se diversos copos de morfologias distintas. Os primeiros correspondem a dois copos troncocónicos (nº 213 e 214, Estampa 38, Anexo V) com diâmetros de 11 e 12 cm. Outro exemplar enquadra-se no subtipo “de copa baixa de largo diâmetro” (Medici, 2014a: 221) (nº 215, Estampa 38, Anexo V), tendo este um diâmetro de 13 cm. Todos estes copos apresentam paredes finas decoradas com caneluras oblíquas mais ou menos afastadas e com um filete de cor azul-cobalto aplicado abaixo do bordo. À semelhança do copo ápoda do fabrico VD1, não se conhecem paralelos para estes exemplares em contextos arqueológicos portugueses.

Observam-se ainda fragmentos de duas bases de pé anelar com diâmetros de 7 cm. A primeira deverá pertencer a um copo de pé (nº 217, Estampa 38, Anexo V), enquanto a segunda poderá corresponder a uma garrafa (nº 216, Estampa 38, Anexo V). Esta última é semelhante a exemplares encontrados em níveis do século XVI na Rua da Judiaria em Almada (Medici, 2005: 550-551) ou em contexto do final do século XVI e início do XVII no Largo do Coreto em Carnide (Boavida, Medici, 2018: 186-191).

⁹ In <https://artsandculture.google.com/asset/%C3%A9Ultima-ceia/IQEDSIVCztDb9A?hl=pt-PT> – Consultado dia 08/09/2019

Fabrico VD3. Vidro incolor, ligeiramente fosco (Anexo IV). Os fragmentos identificados correspondem a copos de paredes mais espessas que nos fabricos VD1 e VD2. Trata-se de um bordo vertical, sem qualquer decoração, bem como um fragmento de parede com caneluras verticais largas (nº 218, Estampa 39, Anexo V).

Fabrico VD4. Vidro escuro de coloração amarela esverdeada (Anexo IV). Os fragmentos identificados apresentam paredes mais espessas que os restantes fabricos. Neste grupo não se registaram formas identificáveis (nº 219, Estampa 40, Anexo V). As características do vidro indicam que estes fragmentos poderão corresponder a uma garrafa, embora a sua reduzida dimensão não permite certezas sobre a sua morfologia.

Fabrico VD5. Vidro de coloração negra com brilho metálico. A coloração do vidro e o seu nível de fragmentação sugere que poderá tratar-se de vidro queimado. Este grupo corresponde apenas a alguns fragmentos de pequena dimensão, não se registando formas identificáveis.

4.2 Integração estratigráfica

Das estruturas identificadas, o silo UE 108 é a única que continha espólio vítreo. O espólio vítreo da UE 107 reparte-se por três grupos de fabrico, com predomínio dos fabricos VD1 (43%) e VD2 (43%). Este encontra-se representado por cinco copos, todos enquadrados nos fabricos predominantes (Tabelas 56 e 57, Anexo VI). Estes terão constituído objectos de excepção para os seus proprietários, que contrastam com a simplicidade da maioria dos objectos cerâmicos.

Na UE 101/201 foi identificado apenas um fragmento de vidro, sendo este uma base de pé anelar pertencente ao fabrico VD2 (Tabela 58, Anexo VI). Na Recolha de Superfície o conjunto de vidros reparte-se em três grupos de fabrico, sendo este os fabricos VD2 a VD4 (Tabelas 59-60, Anexo VI). Neste conjunto, o fabrico VD3, que representa 50% do NMI, é o mais abundante.

5. Metais

No AAV registam-se objectos em liga de cobre, ferro e chumbo (Gráfico 40; Tabelas 61 e 62, Anexo VI).

O conjunto de materiais em liga de cobre é composto por diversas moedas, alfinetes e fivelas, bem como fragmentos de uma corrente, um botão, um dedal, um gancho, um fuzilhão e um passador em “T”. Identificou-se ainda uma placa em liga de cobre (nº 237, Estampa 41, Anexo V) e um objecto troncocónico de função indeterminada (nº 235, Estampa 41, Anexo V). Este último possui um formato semelhante a uma flor com um orifício no centro, sugerindo que poderá tratar-se de um objecto de adorno pessoal ou um aplique decorativo utilizado em mobiliário.

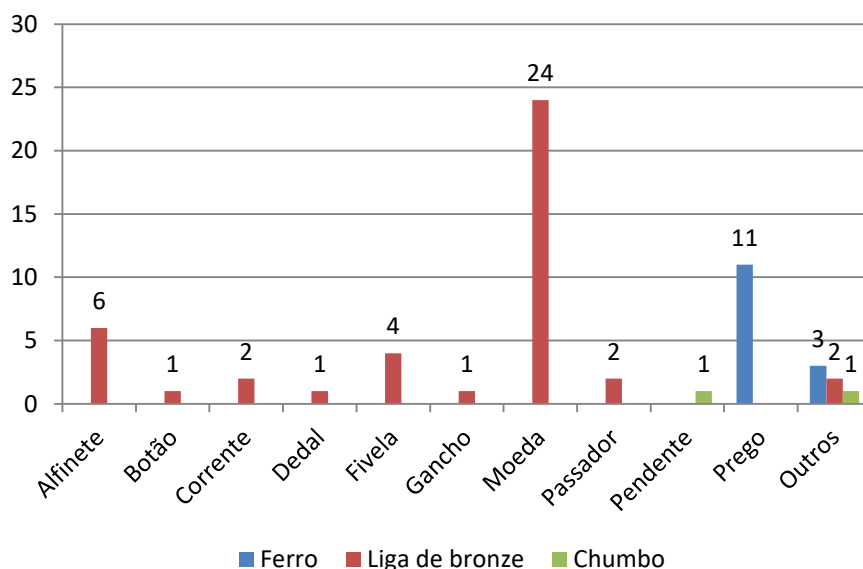


Gráfico 40. Distribuição do NMI dos metais por objecto e tipo de metal.

Os alfinetes identificados apresentam uma cabeça esférica e dimensões de 4-5 cm (nº 220 a 223, Estampa 41, Anexo V). Este tipo de alfinete é a única tipologia encontrada no AAV, sendo os exemplares identificados nas restantes UE morfologicamente semelhantes a este, variando apenas a sua dimensão. A cabeça esférica era obtida através do enrolamento de dois fios na extremidade da peça. Estas peças são comuns em contextos dos séculos XV-XVI, tendo sido encontrados exemplares semelhantes em diversos pontos do país, nomeadamente em Carnide (Boavida, 2017a: 1824-1832), no Castelo de Castelo Branco (Boavida, 2009: 75-245)

ou em Alenquer (Raposo, 2017: 57-175). Estes encontram-se igualmente na Travessa das Capuchas em Santarém, em contexto do século XIV e início do XV (Boavida *et al.*, 2013: 940-945) ou em contexto de meados do século XVI e início do XVII no Largo do Chafariz de Dentro em Lisboa, indicando uma larga diacronia de utilização destes objectos (Silva *et al.*, 2012: 71-83).

As fivelas apresentam morfologias distintas. A primeira possui um formato semicircular, sendo decorada com três esferas aplicadas nas suas extremidades (nº 227, Estampa 41, Anexo V). No MNR, em Vila Franca de Xira, foi encontrado um exemplar idêntico em contexto de lixeira do final do século XV a meados do XVI (Pimenta, Mendes, 2006: 64-158). Fivelas semelhantes, mas com apenas duas esferas, foram identificadas numa lixeira do século XVI em Carnide (Boavida, 2017a: 1824-1832), assim como em níveis do século XV nos Paços do Concelho de Torres Vedras (Cardoso, Luna, 2012: 166-167). Outras possuem uma morfologia oval, tendo provavelmente pertencido a cintos (nº 228 e 229, Estampa 41, Anexo V). A fivela nº 228 tem paralelos na Travessa das Capuchas em Santarém, em contexto do século XIV e início do XV (Boavida *et al.*, 2013: 940-945).

O fuzilhão (nº 233, Estampa 41, Anexo V) e o gancho (nº 234, Estampa 41, Anexo V) poderão ter pertencido a fivelas, embora a primeira possa também corresponder ao fecho de uma peça de mobiliário de pequenas dimensões.

O passador em “T” registado no AAV é composto por duas partes (nº 231 e 232, Estampa 41, Anexo V). Estes objectos eram utilizados como fecho de cinto, similarmente às fivelas e frequentemente fabricados em cobre, sendo atribuídos aos séculos XV e início do XVI (Barroca, 1989: 151-152). Objectos semelhantes, embora com decoração distinta, encontraram-se por exemplo em contexto do século XV na Praça da Figueira em Lisboa (Teixeira *et al.*, 2015: 98), assim como em níveis do final do século XV e início do XVI nos Paços do Concelho de Torres Vedras (Cardoso, Luna, 2012: 166), em Escarigo (Martins, 2001: 251-257), em Vasconcelos (Barroca, 1989: 151) ou no Castelo de Evoramonte (Liberato, 2006: 14-43), sendo estes últimos fabricados em ferro.

O botão em cobre apresenta um formato circular, sem qualquer decoração, possuindo um anel para fixação aos têxteis (nº 226, Estampa 41, Anexo V). Este tem paralelos no Largo do Coreto em Carnide (Boavida, 2017a: 1822-1832), em contexto de finais do século XVI e primeira metade do XVII. O dedal (nº 230, Estampa 41, Anexo V), cuja morfologia indica que terá sido utilizado na costura, tem paralelos no Largo do

Coreto em Carnide, em contexto de lixeira dos finais do século XVI e meados do XVII (Boavida, 2017a: 1822-1833), assim como num exemplar do Museu Hipólito de Cabaço em Alenquer, sendo este atribuído aos séculos XVII-XVIII (Raposo, 2017: 81-348).

Ainda em liga de cobre observamos um conjunto de 24 numismas, maioritariamente ceitis. Estes correspondem a 11 ceitis de D. Afonso V (r.1438-1477, 1477-1481) (nº 244, Estampa 43, Anexo V), um de D. João II (r.1477, 1481-1495) (nº 245, Estampa 44, Anexo V), dois de D. João II ou D. Manuel I (r. 1495-1521) (nº 246 e 247, Idem) e três indiferenciados, não identificáveis devido à elevada corrosão do metal (nº 248 e 249, Estampa 44, Anexo V). Regista-se ainda uma moeda de D. Maria I datada de 1797 (nº 253, Estampa 44, Anexo V), bem como quatro numismas não identificáveis (250 a 252, Estampa 44, Anexo V).

Os objectos em ferro correspondem a um conjunto de onze pregos de diversos tamanhos (nº 238 a 240, Estampa 42, Anexo V), um fragmento de um mecanismo, duas chapas em ferro fragmentadas (nº 243, Estampa 42, Anexo V) e um objecto longo de natureza indeterminada (nº 241, Estampa 42, Anexo V). O nível de fragmentação e concreção destes objectos não permite definir a sua forma original nem, no caso dos dois últimos, a sua função. O objecto longo, que possui um comprimento mínimo de 20 cm, apresenta uma secção quadrangular que sugere uma função relacionada com a utilização de uma lareira, sendo possivelmente um espeto ou uma barra para a suspensão de objectos sobre o fogo. As chapas possuem um formato curvo que poderá corresponder ao fundo de um objecto convexo, talvez um recipiente em ferro. É de mencionar que estas chapas contêm fragmentos de conchas de mexilhão presos na concreção que se formou à volta do ferro. Estes moluscos poderão ter sido apenas descartados junto do objecto em ferro ou, no caso de esse corresponder a um recipiente metálico utilizado na confecção de alimentos, evidenciar a última refeição anterior ao seu descarte. O fragmento de mecanismo, maioritariamente fabricado em ferro, possui elementos em liga de cobre, nomeadamente uma peça que poderá corresponder a um trinco (nº 242, Estampa 42, Anexo V). Este objecto poderá ter pertencido a uma fechadura de porta.

Em relação aos pregos, destaca-se um que se distingue dos restantes pelo seu estado de conservação que indica tratar-se provavelmente de um objecto fabricado numa liga de ferro. Trata-se de um prego de cabeça redonda de pequenas dimensões (nº 239, Estampa 42, Anexo V), possivelmente utilizado em mobiliário.

Em chumbo regista-se um pendente, composto por chumbo e quartzo hialino afeiçoado em forma de cristal (nº 225, Estampa 41, Anexo V), bem como uma placa de função indeterminada (nº 236, Estampa 41, Anexo V).

O metal mais abundante no AAV é a liga de cobre, representando 72% do NMI. Os numismas são os objectos mais numerosos (41% NMI), seguidas pelos pregos (19% NMI) e alfinetes (10% NMI).

5.1 Integração estratigráfica

O espólio metálico da estrutura negativa UE 106 corresponde apenas a um alfinete de cabeça esférica em liga de cobre, com 5 cm de comprimento. (Anexo V; Tabela 62, Anexo VI).

O silo UE 108 contém a maior percentagem e diversidade de artefactos metálicos. Nela encontramos objectos em ferro, liga de cobre e chumbo (Tabela 62, Anexo VI). Os objectos em ferro correspondem a um conjunto de oito pregos de diversos tamanhos, duas chapas em ferro fragmentadas e um objecto longo de natureza indeterminada. Os objectos em liga de cobre correspondem a dois alfinetes, um passador em “T” composto por duas partes e um fuzilhão.

Ainda em liga de cobre observamos neste silo um conjunto de 16 numismas, todos eles ceitis, dos quais 11 de D. Afonso V (r.1438-1477, 1477-1481), um de D. João II, um de D. João II (r.1477, 1481-1495) ou D. Manuel I (r. 1495-1521) e um indiferenciado, não identificável devido à elevada corrosão do metal. Este conjunto de moedas permite colocar a datação do preenchimento do silo entre finais do século XV e finais do XVI, sendo que os ceitis de D. Afonso V terão permanecido em circulação até ao reinado de D. Sebastião (r. 1557-1578) (Teixeira et al., 2015: 217). Também os ceitis de D. João II poderão ter continuado em uso após o final do seu reinado. Dessa forma, a cronologia de formação deste depósito poderá, eventualmente, avançar para o início do século XVI. Nesta UE foi ainda encontrado um pendente em chumbo e quartzo hialino (nº 225, Estampa 41, Anexo V).

As estruturas negativas preenchidas pelas UE 109 e 112 continham ambas apenas um objecto metálico, sendo estes, respectivamente, um prego em ferro de pequenas dimensões e uma placa em liga de cobre (Tabela 62, Anexo VI)

A UE 304, que preenchia o tanque, continha diversos objectos metálicos, todos eles em liga de cobre (Tabela 62, Anexo VI). Estes correspondem a um alfinete, dois fragmentos de uma corrente, uma fivela, um objecto troncocónico de função indeterminada e duas moedas não identificáveis (nº 151, Estampa 44, Anexo V).

A unidade descontextualizada UE 101/201 possui quatro objectos em liga de cobre (Tabela 62, Anexo VI), sendo estes um dedal, dois ceitis de cronologia indeterminada e uma moeda não identificável. Na Recolha de Superfície observa-se um conjunto de metais mais diversificado, incluindo objectos em liga de cobre, chumbo e ferro, num total de 13 peças (Tabela 62, Anexo VI). O conjunto de peças em liga de cobre é composto por dois alfinetes, um botão, duas fivelas, um gancho e três moedas. Estas últimas correspondem a um ceitel de D. João II ou D. Manuel I, uma moeda de D. Maria I datada de 1797 e outro numisma não identificável. Esta UE contém ainda uma placa em chumbo de função indeterminada, um fragmento de um mecanismo, assim como dois pregos em ferro.

6. Líticos

No AAV, encontram-se objectos líticos fabricados em diversas matérias-primas (Gráfico 41; Tabela 63, Anexo VI).

Em arenito registam-se duas malhas de jogo (nº 254 e 256, Estampa 45, Anexo V), bem como uma pedra rectangular polida numa das faces (nº 259, Estampa 45, Anexo V), de função indeterminada. Identificou-se igualmente uma malha de jogo fabricada em xisto (nº 255, Estampa 45, Anexo V). As malhas de jogo em xisto não são inéditas em contextos modernos, encontrando-se em locais como Castelo Branco (Boavida, 2009: 80-260). Contudo, a sua presença em Vila Franca de Xira, onde este material não é abundante, não deixa de ser invulgar. Identificou-se ainda uma pedra de amolar perfurada (nº 257, Estampa 45, Anexo V), em grauvaque, com marcas de uso visíveis. O espólio do Mosteiro de S. João de Tarouca inclui vários objectos deste tipo fabricados em diversas matérias rochosas, com cronologias atribuídas aos séculos XVIII e XIX (Sebastian *et al.*, 2004: 97-104). Estes apresentam maioritariamente formas rectangulares levemente arredondadas, sem furo, distinguindo-se assim do exemplar do AAV.

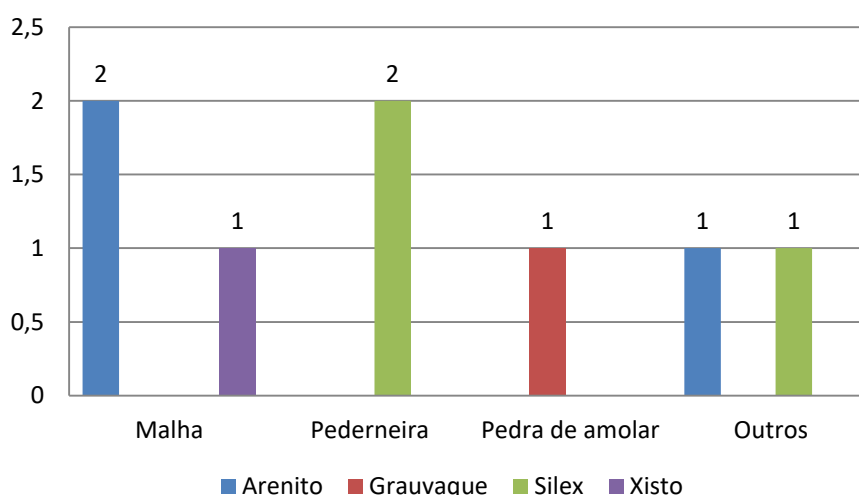


Gráfico 41. Distribuição do NMI dos líticos por objecto e tipo de rocha.

Os objectos em sílex correspondem a um núcleo (nº 259, Estampa 45, Anexo V) e duas pederneiras, uma em sílex cinzento (nº 260, Estampa 45, Anexo V) e outra em sílex branco e bege (nº 261, Estampa 45, Anexo V).

As pederneiras poderiam ter formas variáveis tal como podemos observar nos exemplares do Museu Hipólito de Cabaço em Alenquer, atribuídas ao período tardo-medieval e moderno (Raposo, 2017: 74-231), no Hospital Real de Todos-os-Santos, em níveis situados entre o século XVII e início do XVIII (Boavida, 2017c: 453-454). A forma irregular dos exemplares do AAV, nomeadamente a peça nº 260, indica poder tratar-se de uma pederneira utilizada para acender lume e não no uso de armas de fogo (Silva, Guinote, 1998: 86-87; Sebastian *et al.*, 2004: 96-97). Porém, as reduzidas proporções da peça nº 261, que não seriam ideais para a função de acender o lume de uma fogueira, sugerem que esta poderá ter sido utilizado numa arma de fogo de pequena dimensão. Observam-se pederneiras semelhantes em materiais do Mosteiro S. João de Tarouca, embora atribuídos ao século XIX (Sebastian *et al.*, 2004: 96-103). O núcleo de sílex, de coloração cinzenta, apresenta vestígios de talhe. As semelhanças de coloração entre este e a pederneira nº 260 sugerem que este núcleo poderá ter sido a matéria-prima utilizada no seu fabrico.

No conjunto de líticos registados no AAV, o arenito e o sílex são as matérias-primas mais abundantes, representando cada uma 38% do NMI (Tabela 63, Anexo VI). O artefacto mais numeroso neste conjunto é a malha de jogo (37%) (Gráfico 40).

6.1 Integração estratigráfica

O espólio lítico da UE 107 corresponde a três objectos (Tabela 64, Anexo VI): uma malha de jogo em arenito, um fragmento de sílex cinzento talhado e uma pedra rectangular polida numa das faces, de função indeterminada.

No interior do tanque UE 303 foram encontrados dois objectos em pedra que poderão ter funcionado como malhas de jogo, sendo uma em arenito e outra em xisto negro, assim como um fragmento de sílex branco e bege que deverá corresponder a uma pederneira (Tabela 64, Anexo VI).

No espólio da Recolha de Superfície foi identificada uma pedra de amolar em grauvaque, assim como um bloco de sílex cinzento (Tabela 64, Anexo VI).

7. Fauna

Os 1070 restos que compõem conjunto faunístico do AAV documentam a presença de mamíferos (51%), moluscos (35%), aves (8%) e peixes (6%) (Gráfico 42). Os restos analisados encontravam-se maioritariamente acumulados na UE 107 (n= 696) (Tabela A).

Embora geralmente bem preservado, o conjunto faunístico encontra-se fragmentado, sendo que 1070 fragmentos (NR) correspondem a 1022 elementos esqueléticos (NISP), resultado dos processos que mediaram entre a manipulação das carcaças animais para consumo e descarte, até aos próprios métodos de recuperação das faunas. A acumulação antrópica da grande maioria do conjunto recuperado é documentada pela presença de restos com marcas de cutelo (8%), corte (1%), mordido (0,1%), elementos queimados (4%), e ainda o aproveitamento de restos ósseos para a produção de objectos (0,1%) (Gráfico 43).

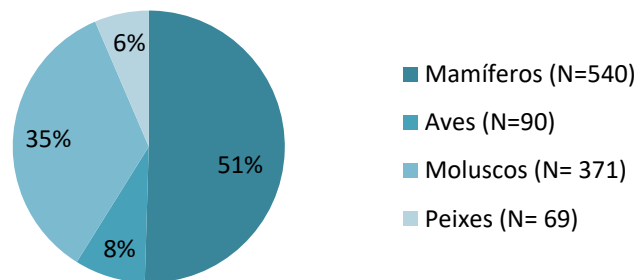


Gráfico 42. Material arqueofaunístico recuperado no AAV (NR).

UE	MAM	MOL	AV	P	TOTAL
104	21	1	2	—	24
105	1	—	—	—	1
107	372*	215	40	69	696
109	1	—	—	—	1
112	3	135	—	—	138
304	20	4	35	—	59
101/201	84	1	5	—	90
Sup.	38	15	8	—	61
TOTAL	540	371	90	69	1070

Tabela A. AAV - distribuição espacial dos restos faunísticos recuperados (NR). MAM= Mamíferos; MOL= Moluscos; AV= Aves; P= Peixes. * Inclui 22 fragmentos identificados na amostra de sedimento que poderão pertencer a mamíferos ou aves.

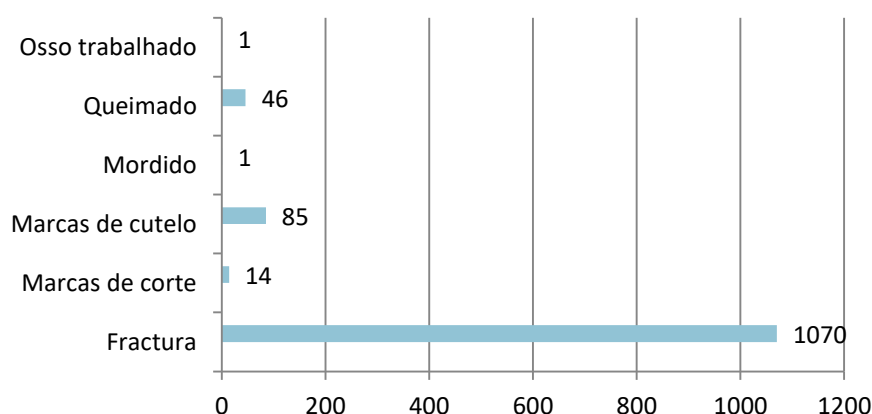


Gráfico 43. Alterações tafonómicas observadas no conjunto arqueofaunístico do AAV (NR).

7.1 UE 104

O conjunto de fauna da UE 104 é composto por um total de 23 restos que documentam a presença de mamíferos (66%, NISP= 5), aves (17%, NISP= 1) e conchas (4%, NISP= 1).

7.1.1 Caracterização dos recursos terrestres

7.1.1.a) Mamíferos

Os restos analisados documentam a presença de animais domésticos (vaca, ovicaprinos), assim como espécies que poderão ter sido obtidas através de caça (lebre/coelho) (Tabela 65-66, Anexo VI).

Ovicaprinos (Ovis/Capra sp.)

Os ovicaprinos correspondem a 20% (NISP= 1) dos mamíferos identificados, encontrando-se representados através de um rádio.

Vaca/boi (Bos taurus)

Este grupo que corresponde a 20% (NISP= 1) dos mamíferos identificados, encontra-se documentado através da presença de um dente.

Porco/javali (Sus sp.)

Os suínos correspondem a 40% (NISP= 2) dos mamíferos identificados. Estes encontram-se representados por um maxilar e um metacarpo, esse último apresentando marcas de corte associadas ao consumo.

Lebre/coelho (Leporidae)

Documentou-se um maxilar pertencente a uma lebre (cf. *Lepus* sp.) ou um coelho europeu (cf. *Oryctolagus cuniculus*), correspondendo assim a 20% (NISP= 1) dos mamíferos identificados.

7.1.1.b) Aves

No grupo das aves identificou-se o ganso-comum (*Anser anser*), que se encontra representado por um tíbiotarso (Tabela 67-68, Anexo VI).

7.1.2 Caracterização dos recursos aquáticos

7.1.2.a) Moluscos

Os moluscos encontram-se representados através de um resto correspondente a mexilhão (*Mytilus* sp.) (Tabela 69, Anexo VI).

7.2 UE 107

O conjunto de fauna recuperado na UE 107 é composto por um total de 666 restos que documentam a presença de mamíferos (52%, NISP= 346), moluscos (32%, NISP= 213), aves (6%, NISP= 39) e peixes (10%, NISP= 68). Trata-se do conjunto de fauna mais abundante recuperado no AAV e o único onde se encontra representado o grupo dos peixes.

7.2.1 Caracterização dos recursos terrestres

7.2.1.a) Mamíferos

Os restos analisados documentam a presença de animais domésticos (ovicaprinos, vaca, cavalo), a par de outros que terão sido caçados (veado, corço ou esquilo) (Tabelas 70-71, Anexo VI). Este grupo representa a maior percentagem de

restos identificados nesta UE, assim como a maior importância na alimentação da população devido à dimensão dos mamíferos em relação aos restantes animais.

Ovicaprinos (Ovis aries/Capra hircus)

Considerando em conjunto o grupo dos ovicaprinos, onde se inclui a cabra, ovelha e ovicaprinos indiferenciados, este é o mais abundante, significando cerca de 40% (NISP = 31) dos mamíferos identificados. Os restos analisados derivam sobretudo da cabeça (n= 12), dos membros anteriores (n= 10) e posteriores (n= 6).

Apesar do reduzido número de restos não permitir estabelecer padrões de processamento das carcaças, a presença de marcas de corte numa mandíbula (nº 263, Estampa 46, Anexo V) e num calcâneo (nº 266, Estampa 46, Anexo V) permitem supor a manipulação da carcaça para extracção da pele, como sugere ainda a presença de marcas de cutelo em metacarpos.

Não obstante da dificuldade em distinguir entre ovelha e cabra, a identificação de três mandíbulas esquerdas permite sinalizar a presença de pelo menos três indivíduos além de uma ovelha, esta documentada pelos restos de uma mandíbula direita e outra esquerda. Com base na idade de epifização do esqueleto, estima-se que pelo menos um indivíduo terá sido abatido antes de completar um ano de idade, possivelmente para consumo da carne, enquanto outros três terão sido abatidos antes dos dois anos de idade (Gráfico 44; Tabela 72, Anexo VI). Porém, a análise do desgaste dentário permitiu identificar um quinto indivíduo, com uma idade à morte mais avançada situada nos 3-4 anos (Tabela 73, Idem).

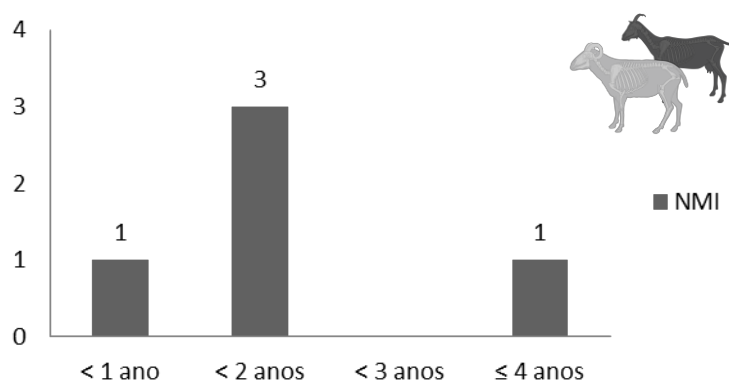


Gráfico 44. Idade à morte dos ovicaprinos identificados na UE 107 do AAV.

O predomínio dos ovicaprinos observado neste conjunto encontra-se igualmente noutros contextos modernos. Nos níveis dos séculos XV-XVI do MNR em Vila Franca de Xira observa-se uma situação semelhante sendo os ovicaprinos o grupo mais abundante, com os bovinos em segundo lugar (Detry, Pimenta, 2016-17: 248-250). Isto observa-se igualmente em depósitos dos séculos XV-XVI em Évora (Antunes, 2004: 409), no Castelo de Evoramonte (Costa, 2009: 41-46), em Silves (Gomes *et al.*, 1996: 71-72; Cardoso, Gomes, 1996: 253) e no Convento da Graça de Tavira (Lopes *et al.*, 2006: 320-322); em contexto de lixeira dos séculos XVI-XVII em Carnide (Casimiro, Boavida, Detry, 2017: 116-117); em contexto dos séculos XV-XVII em Castro Marim (Davis, 2007: 15-17); assim como no Convento de Santa-Clara-a-Velha de Coimbra, porém aqui em níveis da primeira metade do século XVII (Detry, Gambini, Corte-Real, 2014: 117-120). Neste último local observa-se igualmente idades à morte maioritariamente anteriores aos quatro anos de idade, embora se registe também uma abundância de indivíduos abatidos entre os 3-4 anos, possivelmente utilizados para a obtenção de produtos secundários e/ou reprodução (Detry, Gambini, Corte-Real, 2014: 117-120). Também em Coimbra a grande maioria dos ovicaprinos identificados corresponde a indivíduos juvenis ou subadultos, geralmente com menos de dois anos de idade (Lopes *et al.*, 2006: 320-322). Em Évora a maioria das ovelhas identificadas corresponde a indivíduos jovens, enquanto as cabras apresentam idades de abate mais avançadas, situação que evidência uma preferência pelo consumo da carne de ovelha, nomeadamente cordeiros, enquanto a cabra seria utilizada maioritariamente para a produção de leite (Antunes, 2004: 410-411). Por outro lado, em Evoramonte (Costa, 2009: 42-43) e Castro Marim (Davis, 2007: 23-25) as percentagens de indivíduos adultos são superiores.

As idades à morte observadas nos ovicaprinos do AAV, onde predominam indivíduos juvenis com menos de dois anos de idade, sugerem o abate para consumo de carne (Payne, 1973: 281-282).

Vaca/boi (Bos taurus)

Os bovinos representam 26% (NISP= 20) dos mamíferos identificados. Os elementos esqueléticos identificados resultam sobretudo da cabeça (n= 7), membros anteriores (n= 6) e posteriores (n= 6).

Com base na idade de epifização do esqueleto foi possível identificar a presença de pelo menos três indivíduos, dos quais um terá sido abatido antes dos três anos de

idade e outros dois antes dos quatro (Gráfico 45; Tabela 74, Anexo VI), o que sugere a possibilidade da utilização destes animais para a extracção de leite e/ou força de tracção (Costa, 2009: 41-46). Porém, estes não eram indivíduos idosos indicando que os recursos secundários que eles poderiam fornecer não eram essenciais para esta população, sendo a obtenção de carne provavelmente o objectivo principal.

A maioria dos restos de bovinos apresenta marcas de cutelo, nomeadamente os elementos do esqueleto apendicular. Observa-se igualmente uma mandíbula com marcas de cortes que poderão estar relacionadas com a acção de raspar para remover a pele (nº 262, Estampa 46, Anexo V).

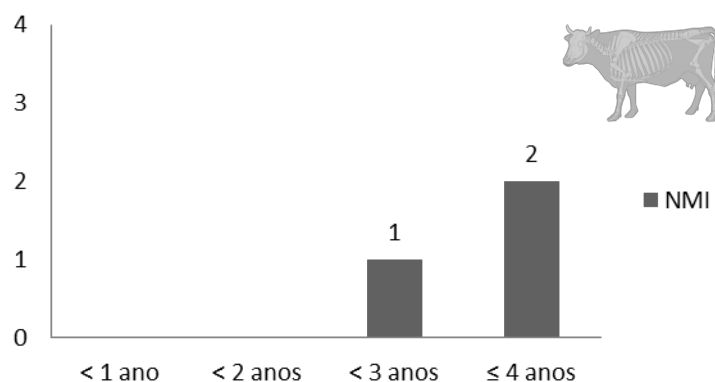


Gráfico 45. Idade à morte dos bovinos identificados na UE 107 do AAV.

Porco/javali (Sus sp.)

Representa 14% (NISP= 11) dos mamíferos identificados. Esta espécie encontra-se representada maioritariamente por elementos da cabeça (n= 8), bem como da cintura escapular e membros anteriores (n= 2). A identificação de duas mandíbulas, uma esquerda e outra direita, ambas representadas pela parte molar do corpo mandibular, permitiu estimar a presença de pelo menos um indivíduo. A sua idade de abate terá sido inferior a dois anos (Tabela 75, Anexo VI).

A reduzida presença de porco verificou-se igualmente no MNR (Detry, Pimenta, 2016-17: 249), sugerindo que durante os séculos XV-XVI este animal não seria uma das principais fontes de carne para os habitantes do núcleo urbano de Vila Franca de Xira, dando-se preferência aos bovídeos.

Cavalo (Equus caballus)

Os equídeos representam 1% (NISP= 1) dos mamíferos identificados. O único elemento reconhecido, um metatarso esquerdo, permite fixar a idade de abate nos 15 meses (Tabela 76, Anexo VI), sendo este um indivíduo jovem.

Não é raro encontrar restos de cavalos em contexto de lixeira de cronologia moderna, nomeadamente dos séculos XV-XVI (Detry, Pimenta, 2016-17: 249; Gomes *et al.*, 1996: 72; Cardoso, Gomes, 1996: 253) ou XVI-XVII (Casimiro, Boavida, Detry, 2017: 116-117), geralmente sem evidências que apontem para o seu consumo como é o caso no AAV. Porém, encontram-se marcas de corte em restos de equídeos provenientes de contextos medievais de Santarém (Davis, 2006: 26-39) e em níveis do século XV em Évora (Antunes, 2004: 401), onde foram identificadas evidências de esfolagem. É possível que o cavalo, embora não faça parte da alimentação corrente da população, fosse aproveitado para consumo após a sua morte, ou utilizado na alimentação de cães (Davis, 2006: 41). Esta última hipótese afigura-se pouco provável neste contexto, já que não foram identificados quaisquer vestígios de cães no AAV, nem marcas de mordido nos restos de cavalo. No entanto, a pele deste animal seria um recurso aproveitado após a sua morte, como sugerem as marcas de esfolagem identificadas em Évora.

Lebre/coelho (Leporidae)

Os leporídeos, que corresponderão a lebres ibéricas (cf. *Lepus granatensis*) ou coelhos europeus (cf. *Oryctolagus cuniculus*), representam 6% (NISP= 6) dos mamíferos identificados. Entre os elementos esqueléticos reconhecidos contam-se duas tíbias direitas, que permitem documentar a presença de pelo menos dois indivíduos. Considerando que o processamento de lebres e coelhos é relativamente simples, podendo ser preparados inteiros em contexto doméstico, é provável que os restos recuperados no AAV resultem do descarte de consumo e não de talhante.

Veado (Cervus elaphus)

Entre o material analisado, reconhecem-se seis fragmentos de mandíbula (8% dos mamíferos identificados) que apresentam alguma semelhança com o veado, mas cuja identificação é incerta (cf. *Cervus elaphus*) devido ao grau de fracturação dos mesmos. A ser confirmada, a presença desta espécie aponta para a caça de espécies selvagens. Esta espécie foi identificada em níveis dos séculos XIV-XVIII na Alcáçova

de Santarém, assinalando a sua presença no Vale do Tejo durante o período moderno (Davis, 2006: 11-25).

*Corço (*Capreolus capreolus*)*

O único resto identificado como corço corresponde a uma primeira falange cuja classificação permanece incerta (cf. *Capreolus capreolus*) para salvaguardar uma eventual confusão com um ovicaprimo de estatura mais grácil de que não dispomos na colecção comparativa. Confirmando-se esta identificação, também o corço sugere a prática de actividades cinegéticas. À semelhança do veado, também esta espécie foi identificada na Alcáçova de Santarém, embora em níveis dos séculos IX-XII, assinalando a sua presença no Vale do Tejo pelo menos durante a Idade Média (Davis, 2006: 19-25).

Outros táxones

Além dos táxones descritos anteriormente, provavelmente relacionados com o consumo alimentar, identificaram-se ainda restos de gato (*Felis* sp.) e esquilo (*Sciurus vulgaris*). O gato encontra-se representado por uma ulna e um fémur, enquanto o esquilo corresponde a uma tíbia. À semelhança do veado e do corço, também o esquilo sugere a exploração de zonas de bosque que existiriam nas imediações do AAV. Embora pouco documentado em sítios arqueológicos destas cronologias, a presença desta espécie pode relacionar-se, por exemplo, com o aproveitamento da pele.

Em relação ao gato, a sua presença em contextos arqueológicos é comum, encontrando-se igualmente em níveis dos séculos XV-XVI no MNR em Vila Franca de Xira (Detry, Pimenta, 2016-17: 2250) e em Silves (Cardoso, Gomes, 1996: 253; Gomes *et al.*, 1996: 71); em contexto dos séculos XV-XVII em Castro Marim (Davis, 2007: 15); e no Convento de Santa-Clara-a-Velha (Detry *et al.*, 2014: 117-120), em níveis da primeira metade do século XVII.

Os mamíferos identificados nesta UE, especialmente bovídeos, encontram-se representados maioritariamente por elementos da cabeça e do esqueleto apendicular. Contudo, a abundância de elementos do esqueleto axial, nomeadamente fragmentos de costelas e da cintura pélvica pertencentes a mamíferos de médio e grande porte indica que os bovinos, ovicaprimos e suínos identificados podem encontrar-se representados por esqueletos relativamente completos.

7.2.1.b) Aves

Nas aves encontram-se representadas espécies domésticas (galinha e pato), sendo estas as mais abundantes neste conjunto, assim como espécies que poderão ser selvagens (ganso-comum e pilrito) (Tabelas 77-78, Anexo VI).

*Galinha (*Gallus gallus domesticus*)*

A galinha representa 80% (NISP= 12) das aves identificados. Os elementos esqueléticos registados correspondem maioritariamente a elementos da cintura escapular e membros anteriores (n= 7), bem como dos membros posteriores (n= 3). A identificação de três coracóides direitos indica a presença de pelo menos três indivíduos. Dois destes apresentam ossos fusionados, sendo que apenas um corresponderá a um indivíduo juvenil.

A galinha é geralmente a ave mais abundante nos contextos arqueológicos de época moderna, nomeadamente em contextos dos séculos XV-XVI no MNR em Vila Franca de Xira (Detry, Pimenta, 2016-17: 250) e em Beja (Moreno-Garcia, Pimenta, 2010: 262-263), assim como em níveis da primeira metade do século XVII no Convento de Santa-Clara-a-Velha de Coimbra (Moreno-García, Detry, 2010: 46-51). Por outro lado, em Evoramonte, em contexto dos séculos XV-XVI, observa-se uma maior abundância de restos de galinhola do que de galinha doméstica (Costa, 2012: 816).

Outros táxones

Além da galinha, identificou-se um ganso (*Anser* sp.), representado por um fragmento de esterno, assim como um pato (*cf. Anas domesticus*), cuja presença é demonstrada por uma mandíbula. Estas espécies estão por vezes associadas a contextos mais abastados, contudo poderiam igualmente ser obtidos pelas classes mais baixas através de caça (Moreno-Garcia, Pimenta, 2010: 270-272).

Observa-se ainda um escolopácideo que deverá corresponder a um pilrito (*cf. Calidris* sp.), mantendo-se porém algumas cautelas sobre esta classificação baseada na presença de um úmero fusionado. À excepção deste, as espécies identificadas nesta UE encontram-se igualmente representadas no MNR em Vila Franca de Xira (Detry, Pimenta, 2016-17: 250).

7.2.2 Caracterização dos recursos aquáticos

7.2.2.a) Moluscos

Nos moluscos, observa-se a presença de diversas espécies marinhas (berbigão = *Cerastoderma* sp., mexilhão = *Mytilus* sp., ostra plana = *Ostrea edulis*, lapa = *Patella* sp., amêijoia = cf. *Venerupis decussata*, búzio = cf. Muricidae, e um gastrópode marinho = cf. Turritellidae), assim como uma espécie terrestre (caracol) (Tabela 79, Anexo VI). O berbigão é aqui a espécie predominante, representando 58% (NISP= 64) dos restos identificados neste conjunto, contrariamente ao que se observa no MNR em Vila Franca de Xira onde a ostra é o molusco mais abundante (Detry, Pimenta, 2016-17: 247).

7.2.2.b) Peixes

No conjunto de peixes identificaram-se espécies marinhas (sardinha = cf. *Sardina pilchardus*, besugo = *Pagellus* sp, e cação = cf. *Mustelus* sp.), assim como espécies que se podem encontrar tanto em ambiente marinho como fluvial (tainha = *Chelon* sp., e um scorpaeniforme indeterminado) (Tabela 80, Anexo VI). A sardinha é a mais numerosa representando 81% (NISP= 30) dos restos identificados neste conjunto. Porém, o NMI de cada espécie é idêntico, encontrando-se cada uma representada por pelo menos um indivíduo.

Em termos de representação esquelética, a sardinha está representada maioritariamente por escamas (n= 17), bem como vértebras (n= 4) e costelas (n= 9) (Tabela 81, Anexo VI). O besugo e a tainha foram identificados através de elementos da cabeça, enquanto o cação se encontra representado por vértebras (n= 2).

Dos peixes identificados, a tainha é a única espécie referida na documentação história relativa a Vila Franca de Xira, sendo mencionada nas memórias paroquiais como uma das espécies de peixe que se pode encontrar nesta zona do rio Tejo (Vargas, 1989-1990: 74)

7.2.3 Alterações tafonómicas

Os fragmentos de osso com vestígios de fogo provenientes desta UE, terão sofrido combustão após o seu descarte. De facto, a presença de fogo no silo encontra-se documentada através da existência no seu interior de uma bolsa de terra queimada, assim como a identificação de fragmentos de cerâmica totalmente queimados e fragmentos não queimados pertencentes à mesma peça, como vimos no conjunto de

cerâmica. Esta hipótese é corroborada pelo facto dos ossos queimados serem residuais neste conjunto (7%, NISP= 24; Gráfico 46) e encontrarem-se apenas na UE 107 (nº 267-270, Estampa 46, Anexo V) e nos materiais descontextualizados da UE 101/201 e Recolha de Superfície.

Os ossos com marcas de corte e de cutelo são pouco abundantes (12% NISP) e encontram-se apenas em mamíferos (nº 264-266, Estampa 46, Anexo V).

O único objecto em osso trabalhado do AAV foi encontrado no interior do silo e corresponde a um fragmento de cabo de faca de pequenas dimensões (nº 271, Estampa 46, Anexo V). Este fragmento, com 5 cm de comprimento, apresenta uma superfície alisada, sendo visíveis marcas de corte provavelmente provocadas pela acção de raspar. Não foi possível identificar o tipo de osso utilizado ou o animal ao qual terá pertencido, embora pareça tratar-se de um osso longo. Este objecto é o único vestígio de utilização secundária de ossos presente neste conjunto de espólio. As suas dimensões indicam tratar-se de uma faca de comer, provavelmente semelhante a exemplares identificados no Largo do Coreto em contexto situado entre o final do século XVI e meados do XVII (Boavida, 2017a: 1822-1832).

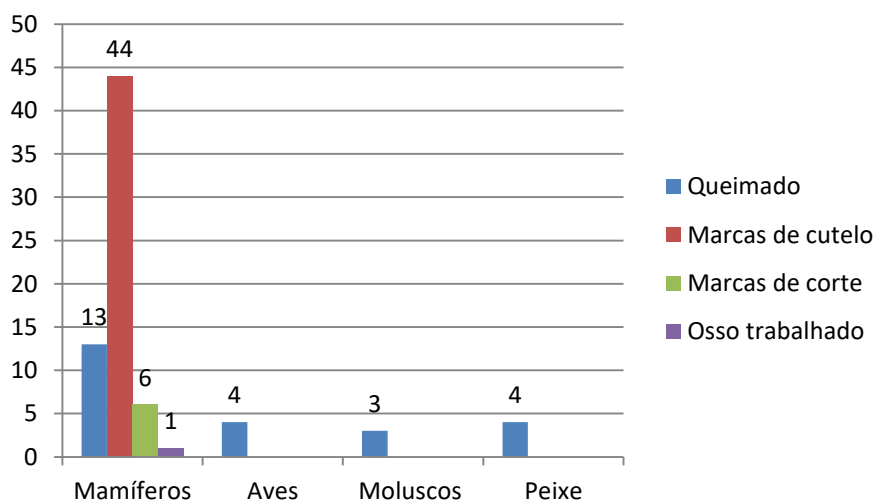


Gráfico 46. Alterações tafonómicas observadas (NISP) no conjunto arqueofaunístico da UE 107.

7.2.4 Amostra de sedimento

A análise da amostra de sedimento proveniente desta UE permitiu identificar, no crivo de 1 mm, fragmentos de peixe e de ossos pertencentes a mamíferos e/ou aves¹⁰, assim como sementes e carvões.

O sedimento continha abundância de carvões, assim como outros elementos carbonizados, indicando tratar-se de uma amostra da bolsa de terra queimada registada no interior do silo. Os fragmentos de peixe identificados, nomeadamente escamas e vértebras (nº 275, Estampa 47, Anexo V), correspondem aos restos de sardinha já referidos acima. Os restantes ossos, pertencentes a mamíferos e/ou aves, não puderam ser identificados devido ao seu estado de conservação. As sementes identificadas correspondem a cinco fragmentos, dos quais se identificaram dois elementos¹¹ (nº 272-273, Estampa 47, Anexo V). Estes correspondem a uma semente de linho (*Linum* sp.) e uma semente de azeitona (*Olea europea*).

No crivo de 0,5 mm não foi possível identificar espólio devido às dimensões muito reduzidas dos elementos e ao seu estado de conservação. Porém, é possível que alguns elementos correspondessem a fragmentos de espinhas de peixe.

A análise desta amostra de sedimento obriga-nos a reflectir sobre a riqueza de espólio que pode ser recuperada nos sítios arqueológicos quando se efectua crivagem dos sedimentos e recolha minuciosa dos materiais. Isto é particularmente importante em bolsas de terra queimada nas quais a combustão permite a conservação de material orgânico tal como sementes.

7.3 UE 109

7.3.1. Caracterização dos recursos terrestres

7.3.1.a) Mamíferos

A UE 109 contém um fragmento de costela correspondente a um mamífero de médio porte, de espécie indeterminada.

¹⁰ Trata-se de 22 fragmentos que, por não ter sido possível atribuir ao grupo de mamíferos ou aves, não foram incluídos na quantificação dos restos.

¹¹ Estas sementes foram identificadas por Patrícia Mendes, técnica de palinologia do LARC.

7.4 UE 112

O conjunto de fauna da UE 112 é composto por um total de 138 restos que documentam a presença de moluscos (98%, NISP= 135) e mamíferos (2%, NISP= 3). Destaca-se o predomínio de moluscos neste depósito, contrariamente ao que observamos nas UE anteriores.

7.4.1. Caracterização dos recursos terrestres

7.4.1.a) Mamíferos

No grupo de mamíferos foi possível identificar um fragmento de osso longo que, pela sua dimensão, deverá corresponder a um bovino (cf. *Bos taurus*) (Tabela 82-83, Anexo VI). Contudo, esse elemento não permite certezas sobre esta classificação.

7.4.2. Caracterização dos recursos aquáticos

7.4.2.a) Moluscos

As espécies de moluscos identificadas nesta UE correspondem a espécies marinhas (craca = cf. *Balanus perforatus*, berbigão = *Cerastoderma* sp., e mexilhão = *Mytilus* sp.) (Tabela 84, Anexo VI). O berbigão é a mais abundante, representando 72% (NISP= 96) dos restos identificados, situação já observada na UE 107.

7.5 UE 304

O conjunto de fauna da UE 304 é composto por um total de 56 restos que representam mamíferos (30%, NISP= 17), aves (53%, NISP= 35) e conchas (7%, NISP= 4). Destaca-se o predomínio de aves neste depósito, diferindo do que observamos nas UE anteriores.

7.5.1. Caracterização dos recursos terrestres

7.5.1.a) Mamíferos

Nos mamíferos encontram-se representadas espécies domésticas (vaca, ovelha, cavalo) (Tabelas 85-86, Anexo VI).

Ovicaprinos (Ovis aries/Capra sp.)

Considerando em conjunto o grupo de ovicaprinos, este representa 38% (NISP= 3) dos mamíferos identificados. Os restos analisados correspondem a dentes e um astrágalo que sinalizam a presença de pelo menos uma ovelha.

Vaca/boi (Bos taurus)

Os bovinos correspondem a 25% (NISP= 2) dos mamíferos identificados. Esta espécie encontra-se representada por um maxilar e um fémur que indicam a presença de pelo menos um indivíduo.

Porco/javali (Sus sp.)

Os suínos correspondem a 25% (NISP= 2) dos mamíferos identificados. Esta espécie encontra-se representada por dois metatarsos direitos que indicam a presença de pelo menos dois indivíduos.

Cavalo (Equus caballus)

Os equídeos representa 13% (NISP= 1) dos mamíferos identificados. Observa-se um metatarso, também este sem marcas de consumo.

7.5.1.b) Aves

Nas aves encontra-se representada uma espécie doméstica (galinha), sendo esta predominante, assim como uma espécie que poderá ser selvagem (ganso-comum) (Tabelas 87-88, Anexo VI).

Galinha (Gallus gallus domesticus)

As galinhas representam 97% (NISP= 30) das aves identificadas, sendo a ave mais abundante nesta UE. Esta encontra-se representada maioritariamente por elementos da cintura escapular e membros anteriores (n= 13), bem como elementos dos membros posteriores (n= 14), à semelhança do que observamos na UE 107. Esta situação pode justificar-se por questões tafonómicas e não por uma preferência alimentar. A abundância de indivíduos jovens, nos quais alguns ossos ainda não estariam totalmente formados e por isso não se terão preservado, poderá ter impactado o conjunto que chegou até nós. De facto, na UE 304 todos os ossos de galinha identificados apresentavam epífises não fusionadas, indicando que se trata de indivíduos

juvenis (Moreno-García, Detry, 2010: 52). Por outro lado, é possível que as cabeças destes animais fossem descartadas noutra local, talvez no açougue onde estes poderão ter sido procurados.

Embora as galinhas sejam uma fonte de ovos, produto secundário relevante na alimentação, é possível que a população do AAV não mantivesse estes animais em cativeiro e os adquirisse apenas para consumo de carne, o que a idade de abate dos indivíduos identificados sugere ser o principal objectivo.

Nas aves, a menor incidência de cabeças em relação aos restantes elementos do esqueleto observa-se igualmente noutros contextos de época moderna, nomeadamente em Évora em contexto do século XV (Antunes, 2004: 406-415), em Beja em contexto dos séculos XV-XVI (Moreno-Garcia, Pimenta, 2010: 265), bem como em níveis da primeira metade do século XVII no Convento de Santa-Clara-a-Velha de Coimbra (Moreno-García, Detry, 2010: 50-51).

Outros táxones

Além da galinha, identificou-se a presença do ganso-comum (*Anser anser*). Este está representado por um úmero fusionado, indicando que deverá tratar-se de um indivíduo adulto.

7.5.2. Caracterização dos recursos aquáticos

7.5.2.a) Moluscos

Nos moluscos observa-se a presença de espécies marinhas (berbigão = *Cerastoderma* sp., e um gastrópode marinho = *Littorina* sp.) (Tabela 89, Anexo VI). Tal como nas UE anteriores, o berbigão é o molusco predominante representando 75% (NISP= 3) dos restos identificados.

7.6 UE 101/201, 105 e Recolha de Superfície

O conjunto de fauna da UE 101/201 é composto por um total de 81 restos que representam mamíferos (93%, NISP= 75), aves (6%, NISP= 5) e conchas (1%, NISP= 1). Na Recolha de Superfície observa-se um total de 56 restos representando mamíferos (59%, NISP= 33), aves (14%, NISP= 8) e conchas (27%, NISP= 15). A UE 105 possui um fragmento de costela pertencente a um mamífero médio não determinado.

7.6.1. Caracterização dos recursos terrestres

7.6.1.a) Mamíferos

Os restos analisados documentam maioritariamente a presença de animais domésticos (vaca, cabra), tanto na UE 101/201 (Tabelas 90 e 91, Anexo VI) como na Recolha de Superfície (Tabelas 95 e 96, Anexo VI).

Ovicaprinos (Ovis aries/Capra hircus)

Considerando em conjunto o grupo de ovicaprinos este representa 45% (NISP= 10) dos mamíferos identificados no caso da UE 101/201 e 33% (NISP= 5) na Recolha de Superfície. Os restos analisados na UE 101/201 correspondem maioritariamente a elementos da cabeça (n= 5), da cintura escapular e membros anteriores (n= 2), assim como da cintura pélvica e membros posteriores (n= 2). Já na Recolha de Superfície observam-se elementos da cabeça (n=2) e dos membros posteriores (n= 2).

Vaca/boi (Bos taurus)

Os bovinos representam 36% (NISP= 1) dos mamíferos identificados na UE 101/201 e 33% (NISP= 1) na Recolha de Superfície. Em ambas UE os restos analisados correspondem maioritariamente a elementos da cabeça (n= 4; n= 2) e da cintura escapular e membros anteriores (n= 3; n= 3).

Porco/javali (Sus sp.)

Os suínos representam 18% (NISP= 1) dos mamíferos identificados na UE 101/201 e 27% (NISP= 1) na Recolha de Superfície. Em ambas UE os restos analisados correspondem maioritariamente a elementos da cabeça (n= 3; n= 1) e da cintura pélvica e membros posteriores (n= 1; n= 3).

Outros táxones

Na Recolha de Superfície observa-se ainda restos de uma fuinha (cf. *Martes* sp.), representada por uma primeira falange. Porém, o estado de conservação desse elemento indica que este animal deverá corresponder a uma intrusão, sendo mais recente do que o contexto em estudo.

A representação esquelética dos mamíferos destas unidades assemelha-se à situação observada na UE 107, com a presença maioritária de elementos do esqueleto apendicular e da cabeça.

Em relação às alterações tafonómicas, apenas 7% (n= 5) dos restos de mamíferos da UE 101/201 se encontram queimados e 13% (n= 10) apresentam marcas de corte. Destas somente uma corresponde a marcas de consumo, sendo as restantes marcas de cutelo. Na Recolha de Superfície observa-se apenas um osso queimado, estando as marcas de corte presentes em 21% (n= 7) do conjunto de mamíferos. Destas, quatro correspondem a marcas de cutelo e três a marcas de consumo.

7.6.1.b) Aves

Nas aves presentes na UE 101/201 (Tabelas 92-93, Anexo VI) e Recolha de Superfície (Tabelas 97-98, Idem) encontra-se representada uma espécie doméstica (galinha), sendo esta predominante, assim como espécies que poderão ser selvagens (pato-real, abetarda, pombo torcaz e maçarico/fuselo).

Galinha (Gallus gallus domesticus)

A galinha representa 33% (n= 3) das aves identificadas na UE 101/201 e 40% (n= 2) na Recolha de Superfície. Em ambas estas UE as galinhas identificadas estão representadas por elementos dos membros posteriores que se encontram fusionados, sendo esses um tíbiotarso e um fémur, sugerindo que deverão corresponder a indivíduos adultos.

Outros táxones

Na UE 101/201 foram ainda identificados restos de um pato-real (*Anas platyhrynchos*) e uma abetarda (*Otis tarda*). O primeiro encontra-se representado por uma escápula e o segundo por um coracóide.

Na Recolha de Superfície observam-se também vestígios de um pato-real (*Anas platyhrynchos*), assim como restos de um pombo (*Columba palumbus*) e de um escolopacídeo. Este último, identificado através de uma ulna, poderá corresponder a um maçarico ou fuselo (cf. *Limosa* sp.), embora não seja possível ter certezas sobre esta classificação. O pato encontra-se representado por um coracóide e o pombo por um tarsometatarso.

À exceção dos restos de abetarda, todos estes ossos se encontram fusionados, indicando que corresponderão a indivíduos adultos.

O único fragmento de osso com vestígios de mordido identificado no AAV corresponde a um fragmento de ave da Recolha de Superfície. Não foi possível reconhecer a que animal este corresponde, mas as características das mordidas indicam que terão sido produzidas por um carnívoro, possivelmente um gato, dada a sua presença comprovada neste contexto.

7.6.2. Caracterização dos recursos aquáticos

7.6.2.a) Moluscos

Nos moluscos presentes na UE 101/201 (Tabela 94, Anexo VI) e Recolha de Superfície (Tabela 99, Idem) observa-se a presença de espécies marinhas (berbigão = *Cerastoderma* sp., mexilhão = *Mytilus* sp., e ostra = *Ostrea edulis*). Na primeira foi identificada uma ostra, sendo também esta a espécie predominante na Recolha de Superfície, representando 60% (n= 9) dos moluscos identificados.

8. Urbanismo

Vila Franca de Xira formou-se através da junção de duas povoações: Vila Franca e Xira, terras que foram alvo de diversas doações ao longo dos séculos. A povoação de Xira terá origens pré-romanas, altura em que se chamaria Iera, tendo posteriormente uma ocupação islâmica até ser conquistada por D. Afonso Henriques no século XII, passando a ser conhecida como Cira ou Xira¹² (Guerra, 1998: 164-165). Este povoamento situar-se-ia na zona do actual bairro do Bom Retiro, a Noroeste do núcleo histórico da actual cidade de Vila Franca de Xira (Figura 4, Anexo I). Cira ou Xira foi inicialmente doada por D. Afonso Henriques a cruzados ingleses, sendo posteriormente cedida por D. Sancho I a D. Froila Hermigues, em 1206 (Lucas, 2003: 99-107). Quanto à povoação de Vila Franca, terá origem numa doação de terras feita por D. Sancho I a cruzados flamengos, em 1200, defendendo uns que esta se situaria na zona da actual cidade de Azambuja (Barbosa, 1995: 58, Ferro, 1996: 26), ao passo que outros consideram que esta doação se reporta a Cira (Macedo, 1992: 12-13).

Certo é que os dois núcleos se fundiram formalmente em 1212, através de carta de foral outorgada por D. Froila Hermigues aos moradores de Xira e de Vila Franca, duas terras que teria na sua posse. Desta junção resultou a nova povoação de Vila Franca de Xira (Camacho, 1985a: 157-159; 1994: 33; Lucas, 2003: 99-102). Em 1228, D. Froila Hermigues doou as suas terras à Ordem do Templo. A vila permaneceu na posse desta ordem até à sua extinção, sendo nessa época transferida para a nova Ordem de Cristo (Nunes, Silva, 2013: 59). Este primitivo núcleo medieval estaria situado entre a actual Rua Santo António, a Rua da Barroca de Cima, a Rua Comendador Miguel Esguelha, a Rua Gomes Freire e a Calçada da Fonte Nova (Amaral, 1991a: 44; Macedo: 1992: 12; Lucas, 2003: 104-111) (Figura 4, Anexo I).

Em 1510, D. Manuel I, mestre da Ordem de Cristo, outorgou a Vila Franca de Xira uma nova carta de foral (Camacho, 1985a: 160-168). Terá sido nesta época, entre final do século XV e o início do XVI, que a vila se expandiu do seu núcleo medieval para a zona ribeirinha a Sudeste (Figura 4, Anexo I) (Lucas, 2003: 104-111). A expansão urbana é evidenciada pela identificação, a Sudeste desse núcleo medieval, de diversas lixeiras domésticas datando na sua maioria dos séculos XV-XVI, eventualmente associadas a zonas de habitação. Estas situavam-se no sítio do AAV,

¹² Macedo sugere que Cira significava mata ou brenha, relacionando o nome do assentamento com a paisagem local (1992: 12).

MNR, Rua José Dias da Silva e Rua Serpa Pinto (Pimenta, Mendes, 2016: 194-197). Na Rua Comendador Miguel Esguelha foram ainda identificados níveis de aterro medievais e modernos (Pimenta, Mendes, 2010). Contudo, as intervenções arqueológicas efectuadas para a construção do MNR confirmaram a presença nesse local de níveis medievais, nomeadamente estruturas negativas preenchidas com materiais dos séculos XII a XIV, bem como um poço entulhado no século XIII, indicando que esta área já seria ocupada anteriormente à presumida expansão quinhentista da vila. De facto, é plausível que tenha existido ocupação medieval nas imediações da Estrada Real, antiga via romana *Olisipo-Scallabis* cujo troço correspondente à Rua Alves Redol foi desviado para a Rua Miguel Bombarda, a Norte, durante o início do século XV (Pimenta, Mendes, 2006: 67-79). Estes vestígios arqueológicos permitem sugerir que o núcleo medieval de Vila Franca de Xira terá abrangido uma área mais extensa do que anteriormente se pensava, estendendo-se talvez até à Rua Alves Redol. Também a localização dos principais edifícios religiosos da vila reforça esta hipótese (Figura 4, Anexo I). Segundo a localização do núcleo medieval proposta por Lucas (2003: 104-111), a Igreja Matriz situar-se-ia nas franjas desse, o que nos parece pouco provável dada a posição central que estes edifícios normalmente ocupam nos aglomerados urbanos. Contudo, o conhecimento actual não permite depreender se os níveis medievais registados no MNR correspondem a uma ocupação periurbana dessa área, eventualmente contendo algumas estruturas habitacionais, ou se esta seria utilizada apenas para despejo de lixos. Já os contextos de lixeira dos séculos XV-XVI indicam que, nessa época, a ocupação da vila já se estendia até ao rio. De facto, na Rua Serpa Pinto, situada na zona ribeirinha, registaram-se níveis de despejo de resíduos domésticos que estarão associados à presença de uma cozinha (Pinto, 2005: 61-65).

Entre os séculos XV-XVI, as vilas e cidades portuguesas foram alvo de alterações urbanísticas, que resultaram na expansão de um novo modelo de traçado regular. Os núcleos urbanos portuários expandiram-se para as zonas ribeirinhas, que ganharam protagonismo devido à importância dos cursos de água enquanto vias de comunicação para o desenvolvimento da actividade comercial. Criaram-se novos arruamentos formando uma malha perpendicular de ruas direitas e ruas travessas nas quais se concentraram os mais importantes edifícios e actividades. Nestes núcleos urbanos o traçado é influenciado pela presença do rio: as ruas direitas, paralelas ao curso de água, atravessam o núcleo urbano enquanto as ruas travessas unem a vila antiga ao cais (Carita, 2015: 31-36; Conde, 2011: 182-183; Gaspar, 1970: 95). Este

processo é visível na malha urbana de Vila Franca de Xira onde esse modelo urbanístico se manteve até hoje.

Maria Miguel Lucas avançou uma hipótese para o desenvolvimento do núcleo urbano nesta época (2003: 104-111). Segundo a autora, a Estrada Real fundiu-se no traçado urbano transformando-se na Rua Direita (actual Rua Miguel Bombarda), cortada perpendicularmente pela Corredora (actual Rua da Bélgica), a principal rua travessa deste núcleo urbano. Outras ruas terão sido criadas nesta época, paralelas à Rua Direita e à Corredora, formando um traçado regular que se estendia até ao rio. Estas são a Rua do Açougue (actual Rua Dr. Jacinto Nunes), Rua das Pedras (actual Rua Sacadura Cabral), Rua dos Mercadores (actual Rua Cândido Reis), Rua Nova (actual Rua Almeida Garret), Rua da Ribeira (actual Rua Serpa Pinto) e Rua dos Cais (actual Rua Almirante Cândido dos Reis). A maioria destas ruas, também referidas na obra de Amaral (1991a: 49-125), encontra-se representada na planta de 1786, onde vemos ainda a localização da Ribeira de Santa Sofia (Figura 5, Anexo I).

O sítio do AAV, objecto do nosso estudo, encontrava-se portanto no núcleo medieval da cidade de Vila Franca de Xira, nas imediações Estrada Real, transformada em Rua Direita aquando da expansão dos séculos XV-XVI. Em relação à Rua Direita, Amaral indica que esta se estende “desde as casas de D. Rita Perpétua até S. Sebastião ao fim da Vila” (1991a: 54). A Ermida do Mártir Santo São Sebastião terá sido mandada construir pelo rei D. Sebastião em 1576 (Pimenta, Mendes, 2016: 198; Martinho, Monteiro, 2001: 55). Porém, as intervenções arqueológicas realizadas no local apontam para a construção de um edifício anterior, nos finais do século XV, provavelmente uma primitiva ermida (Pinto, Ferreira, 2001: 12-15). Sendo estes edifícios habitualmente erguidos nas margens das vilas, podemos situar nesse local o limite Norte do núcleo urbano quinhentista (Figura 4, Anexo I). Assim, o sítio do AAV encontrou-se em época moderna num espaço central da vila. Embora afastado da Casa da Câmara, que se situava a cerca de 150 metros no Largo do Município, actual Praça Afonso de Albuquerque, este local encontrava-se implantado entre edifícios religiosos relevantes, nomeadamente a antiga Igreja Matriz, a cerca de 125 metros a Norte, e a Igreja e Albergaria do Espírito Santo, a 40 metros Sul (Figura 4, Anexo I). A antiga Igreja Matriz, provavelmente construída no século XIII, localizava-se no actual Largo Conde de Ferreira. Esta foi destruída pelo terramoto de 1755 mas encontra-se representada no desenho de Baldi (Figura 6, Anexo I), onde podemos observar a sua monumentalidade comparativamente aos restantes edifícios (Martinho, Monteiro, 2001:

39-40; Pimenta, Mendes, 2016: 198). A Igreja e Albergaria do Espírito Santo, erguidas no Largo do Espírito Santo entre os séculos XIV e XV, foram transformadas em 1563 na Santa Casa da Misericórdia e Hospital do Espírito Santo. Também estes edifícios foram destruídos durante o terramoto de 1755, embora tenham sido posteriormente reedificados no mesmo local (Lucas, 2003: 110; Martinho, Monteiro, 2001: 48-50).

A primeira Casa da Câmara de Vila Franca de Xira e o seu pelourinho terão sido erguidos no século XVI, no seguimento de um alvará de D. João III datado de 1530 (Amaral, 1991a: 47). À semelhança da Misericórdia, o edifício da Câmara Municipal foi reconstruído no mesmo local após o terramoto de 1755. Da antiga estrutura resta apenas uma pedra de armas, onde está representada a esfera armilar, a cruz da Ordem de Cristo e as armas de Vila Franca de Xira (Pimenta, Mendes, 2016: 189-192).

Assim, se as escavações arqueológicas realizadas no AAV, em 2007, permitem-nos compreender melhor este espaço, subsistem diversas questões relativamente ao seu enquadramento no seio do aglomerado urbano.

Em relação à evolução da sua ocupação, identificaram-se diversas fases:

I. Século XIII a finais do século XV

Esta fase, de datação hipotética, corresponderá à primeira ocupação do espaço representada pela utilização do silo UE 108 como estrutura de armazenamento, antes da sua desactivação e início do seu preenchimento com resíduos domésticos entre finais do século XV e inícios do XVI. O período de utilização do tanque UE 303 também deverá situar-se nesta época. Assim, coloca-se a datação desta fase entre o momento de fundação da povoação de Vila Franca de Xira, em 1212, e a desactivação do silo.

É possível que nesta fase este espaço aberto funcionasse como zona de quintal anexo a uma habitação, eventualmente nas franjas do núcleo medieval. Não se pode, porém, afastar a hipótese desta área ter então constituído uma zona periurbana dedicada ao armazenamento de víveres e à laboração agro-pastoril, sem qualquer espaço de habitação permanente.

II. Final do século XV e inícios do século XVI

Esta fase corresponde ao preenchimento da estrutura negativa UE 106, bem como dos referidos silo UE 108 e tanque UE 303, datando-se os respectivos materiais mais recentes dos séculos XV-XVI. No caso do silo UE 108, a datação dos materiais cerâmicos indica que este terá sido preenchido entre os séculos XV-XVI, embora tenham sido identificados fragmentos residuais de produções associados aos séculos

XIII-XIV. Já os objectos vítreos e metálicos apontam para uma cronologia mais estreita situada entre o final do século XV e início do XVI. A identificação de um ceitel de D. João II, sendo este o objecto de cronologia segura mais recente registado na UE 107, coloca o preenchimento dessa estrutura no final do século XV. Todavia, tendo em consideração o período de circulação dos numismas, podemos eventualmente avançar a cronologia de formação deste depósito para os inícios do século XVI. Também os objectos metálicos identificados na UE 304 apontam para a desactivação do tanque entre os séculos XV-XVI.

Nesta fase o poço UE 203 encontrar-se-ia em funcionamento, embora não tenha sido possível averiguar a sua data de construção por a estrutura não ter sido escavada em profundidade. É provável que esta fase II corresponda igualmente à utilização deste espaço aberto como zona quintal, provavelmente anexo a uma habitação. Paralelamente, esta fase poderá relacionar-se apenas com o entulhamento das estruturas no seguimento da destruição que terá sido causada pelo terramoto de 1531. Em todo o caso, dado o importante volume de detritos domésticos descartados para o interior daquelas estruturas, parece evidente a existência no entorno de habitações de carácter permanente, pelo que esta área já estaria então relativamente consolidada em termos urbanos.

III. Segunda metade do século XVI e século XVII

Fase de preenchimento da estrutura negativa UE 111, que terá ocorrido entre a segunda metade do século XVI e o século XVII, com base na datação da cerâmica mais recente identificada.

IV. Final do século XVII a final do século XVIII

Baseado na datação de um azulejo encontrado no seu interior, o preenchimento do poço UE 203 terá ocorrido entre o final do século XVII e terceiro quartel do século XVIII, antes da construção do edificado visível na planta de 1786, que o terá anulado (Figura 5, Anexo I). Algures nesta data toda a zona terá sido aterrada para dar lugar a esta construção.

A UE 101/201 e a Recolha de Superfície possuem materiais cerâmicos com cronologias situadas entre os séculos XIII e XVIII, sendo a cerâmica de Brugges a mais recuada e a faiança portuguesa a mais recente. Também os numismas identificados na Recolha de Superfície abrangem uma larga cronologia, desde o final do século XV até ao final do século XVIII. O espólio presente nestas unidades poderá corresponder a materiais que se encontravam nos níveis superficiais das estruturas identificadas, tendo

sido afectados por anteriores terraplanagens que terão espalhado o seu conteúdo pela área intervencionada. O resultado da colagem de fragmentos efectuada suporta esta hipótese. De facto, as unidades correspondentes ao preenchimento das estruturas, nomeadamente a UE 107, apenas registaram colagens com as unidades descontextualizadas e nunca entre si. Assim, podemos afirmar que cada estrutura corresponde a um depósito/contexto isolado, embora possam ter sido criados pela mesma população em momentos contemporâneos. Contudo, a identificação de uma moeda de D. Maria I, com a data de 1797, sugere que estes níveis de superfície contêm alguns materiais mais recentes que a construção do edifício patente na planta de 1786. Dado o carácter revolvido das UE 101/201 e Recolha de Superfície, esses materiais podem corresponder a intrusões ou objectos perdidos aquando de reestruturações mais recentes deste espaço.

Em relação à UE 109 não foram identificados materiais datantes que permitam aferir a sua cronologia.

V. Séculos XIX-XXI

Esta fase corresponde à demolição do edifício registado na planta de 1786 e a construção do antigo edifício do Ateneu Artístico Vilafranquense, ocorrida durante o século XIX.

No que toca à estruturas reveladas nesta intervenção, o caso do silo UE 108 é o mais claro. De facto, este é morfologicamente idêntico a um silo identificado na encosta do castelo de Evoramonte que terá sido preenchido entre o final do século XV e início do XVI (Costa, Liberato, 2007: 639). Trata-se de uma estrutura muito comum nos aglomerados urbanos portugueses medievais. Inicialmente utilizado para o armazenamento de alimentos, particularmente cereais, os silos eram entulhados quando a sua função de armazenamento se tornava obsoleta, podendo ser substituídos por talhas ou pela utilização de celeiros (Silva, 2003: 57). Terminada a sua função de armazenamento, estes serviam muitas vezes como fossa para o despejo de resíduos. O silo UE 108 poderá ter pertencido a uma estrutura habitacional localizada nas suas imediações, à semelhança do que se observa em alguns silos medievais identificados em Almada (Rosa, 2019: 74).

As restantes estruturas negativas têm função incerta. Estas apresentam uma dimensão demasiado reduzida para terem um uso prolongado enquanto fossas para despejo de lixo. Dadas as suas morfologias irregulares e muito reduzida profundidade, as UE 106 e 110 não terão sido formadas com o objectivo de armazenar resíduos, sendo provavelmente fossas aproveitadas para esse fim durante eventuais remodelações do espaço. A UE 111, de morfologia circular e perfil troncocónico, poderá corresponder ao negativo do assentamento de uma talha. Uma situação semelhante verificou-se em Leiria, na zona da antiga judiaria, onde foram registados negativos análogos “interpretadas como bases de assentamento para talhas” (Filipe, Pinto, 2012: 173-177), de cronologia moderna.

Relativamente à integração destas estruturas na malha urbana de Vila Franca de Xira, parece-nos claro que, antes da construção do edifício existente na planta de 1786, este terá sido um espaço aberto, possivelmente um pátio anexo de uma habitação. Porém, permanecem dúvidas sobre as dimensões originais desse espaço, assim como a sua pertença a um único ou diversos lotes distintos. Tendo em consideração que o sítio não foi escavado na totalidade, não é possível confirmar a existência de uma ligação entre a Área 1 e 2, se estes espaços se encontravam anexados a estruturas de habitação ou se se trata de uma zona comunitária (Figura 18, Anexo III). Em todo o caso, a inexistência de vestígios de qualquer tipo de divisão na Área 1 permite considerar que esta zona pertenceria a um mesmo espaço aberto com pelo menos cerca de 70m (10x7m). O pavimento de argamassa e lajes identificado nesta área poderá corresponder ao piso deste espaço de quintal. No entanto, este troço de pavimento encontrava-se cortado de todos os lados, sendo impossível compreender se se estendia por toda a área ou se limitava ao troço identificado (Figuras 16-17, Anexo III). A regularidade dos cortes laterais não parece compatível com uma acção de destruição de um piso que se estendesse por toda a área, sendo provável que a largura conservada seja a original, embora o comprimento permaneça incerto (Figura 9, Anexo II). Dessa forma, é possível que este pavimento correspondesse a uma zona de passeio associada à entrada de uma habitação, hipótese plausível tendo em conta as dimensões do troço conservado (Gonçalves, 1996: 91). Outro pequeno troço de pavimento lajeado, muito semelhante ao do AAV, foi identificado durante a intervenção arqueológica na Rua Serpa Pinto, em Vila Franca de Xira, sendo datado do século XVIII. Este era composto por lajes de grandes dimensões, assentes sobre um nível de argamassa e cal e, segundo os responsáveis pela escavação, poderá corresponder a “uma entrada lateral do edifício”

setecentista que se encontra lá implantado (Pinto, 2005: 50). Dessa forma, podemos propor que a Área 1 do AAV corresponda a um quintal lateral, anexo de uma habitação situada a Norte desse espaço, sobre a Travessa do Hospital (Figura 7, Anexo I).

Os espaços não construídos anexos às habitações, geralmente localizados nas suas traseiras, eram comuns nos séculos XV-XVI. Na Baixa Idade Média os quintais possuíam dimensões variáveis dependendo da densidade demográfica do núcleo urbano e consequente espaço disponível, assim como da situação económica dos proprietários. No entanto é comum apresentarem dimensões entre 50-100m . A sua função poderia ser múltipla, não sendo rara a presença de poços para o abastecimento de água e espaços de despejo de resíduos domésticos. O quintal poderia também ser utilizado para o cultivo de alimentos e criação de animais, constituindo ainda um espaço livre para a construção de futuras estruturas que poderiam ampliar a área de habitação (Conde, 2000: 107, 387; 2011: 89-97). No caso do AAV, o espaço terá sido inicialmente utilizado como área de armazenamento e abastecimento de água, sendo posteriormente convertido em local de despejo de lixos domésticos.

Os lotes de habitação no Vale do Tejo, na Baixa Idade Média, apresentam em média dimensões entre 40-60m , embora lotes com cerca de 11-30m sejam frequentes, dependendo das condicionantes já referidas anteriormente no caso dos quintais (Conde, 2000: 417-418; 2011: 105). Em Vila Franca de Xira, um núcleo urbano de reduzida dimensão, os valores deverão ter sido semelhantes, o que entra em conflito com a hipótese do AAV corresponder à área de quintal de um único lote, sendo que o espaço sobre o qual incidiu a obra de construção em 2007 corresponde a 241m .

Em relação às características das habitações vilafranquenses dos séculos XV-XVI, não possuímos muitos dados. O edificado urbano seria semelhante ao de outras vilas do Baixo Tejo, nomeadamente Castanheira do Ribatejo ou Alcochete, núcleos urbanos de dimensão semelhante, onde as casas térreas também constituíam a maioria das habitações (Beirante, 2008: 127; Catarino, 2005: 213). Com efeito, em núcleos urbanos de pequena dimensão havia um predomínio da casa térrea, com uma ou duas divisões, enquanto a casa sobradada, de dois ou mais pisos, seria mais comum nos aglomerados urbanos de média e grande dimensão (Conde, 2011: 80-100). Estas casas tinham geralmente uma planta quadrangular, que poderia ser mais ou menos alongada (Conde, 2000: 417). De facto, no desenho de Vila Franca de Xira realizado por Baldi podemos observar o predomínio de habitações térreas, assim como a presença de algumas casas sobradadas de dois pisos (Figura 6, Anexo I). Embora esta obra date da

segunda metade do século XVII, o que nela observamos não deverá divergir muito do aspecto que a vila teria nos séculos XV-XVI.

9. Quotidiano: recursos, produção e comércio

No AAV observa-se uma grande diversidade de cerâmica, com a presença de diversas produções locais e/ou regionais, assim como algumas peças importadas, como observámos anteriormente. Os fabricos de cerâmica identificados neste contexto, que atribuímos a produções do Vale do Tejo, poderão ter origem em diversos sítios, desde Lisboa (Batalha *et al.*, 2012: 951-961; Cardoso *et al.*, 2017: 1715-1719; Castro *et al.*, 2017: 1731-1749; Marques *et al.*, 2012: 126-128, Nunes, Filipe, 2012: 143-146; Paula, 2019: 97-117; Sebastian, 2010: 485-610; 2012: 943) a Alenquer (Cardoso *et al.*, 2016: 54-63; Cardoso, 2017: 114; Raposo, 2017: 86-243), sem esquecer o Barreiro (Barros *et al.*, 2012: 699-710; Carmona, Santos, 2005; Coelho, Teixeira, 2018: 261-265; Torres, 1990).

As produções que terão origem nas olarias de Lisboa representam 44% do NMI da cerâmica identificada no AAV. Neste conjunto incluem-se os fabricos de pasta micácea (fabricos F3/B3 a F5/B5, F7, V1 e V2), assim como a faiança portuguesa (fabrico E4). Mesmo a cerâmica de pasta não micácea, que não terá sido produzida em Lisboa, apresenta formas semelhantes ou idênticas às que aí encontramos, evidenciando uma certa padronização desta cerâmica a nível regional. A cerâmica que poderá ter sido produzida localmente constitui 45% do NMI. Neste grupo inserem-se nomeadamente os fabricos F1/B1 e F2/B2, bem como os fabricos F9 a F11, correspondentes a cerâmica de construção e afins que terá sido fabricada na vila.

O comércio de louça de barro entre Vila Franca de Xira e o exterior é comprovado pelo foral de 1510, porém, este não menciona a produção destes objectos, não sendo possível comprovar a existência de exportação de louça vila-franquense. Até à data, não se conhecem vestígios de nenhuma olaria desta época no interior da antiga vila. No entanto, o foral medieval de Vila Franca de Xira, concedido em 1212, refere a presença de fornos de louça, sugerindo a existência de produção oleira na vila durante o século XIII. Por outro lado, o foral de 1510 apenas refere a produção de telhas e tijolos, sendo incerto se nessa época ainda existia produção de louça de barro. Se essa produção tiver subsistido, a sua ausência neste foral pode indicar que não seria relevante na economia local face a outros produtos referidos no documento. A louça de barro seria possivelmente um complemento da produção de cerâmica de construção, à semelhança do que acontecia, por exemplo, na olaria da Porta da Lagoa em Évora (Teichner,

Schierl, 2009: 982), em funcionamento entre os séculos XIII-XV, ou na olaria do Alto do Castelo em Alcochete (Correia, 2005/07: 67-73), em funcionamento nos séculos XV-XVI, ambas oficinas focadas no fabrico de telha e tijolo mas que produziam igualmente alguma louça fosca. A produção de telha e tijolo em Vila Franca de Xira situar-se-ia na zona ribeirinha nordeste da vila, na área assinalada na planta de 1786 como “telhal” (Figura 5, Anexo I).

Dessa forma, podemos concluir que a proximidade de Lisboa teria um impacto significativo no consumo das populações das vilas próximas que tinham acesso ao seu mercado. Esta poderá ter sido tanto uma questão de gosto, devido à eventual popularidade e qualidade destes produtos face a outros, assim como de acesso aos mesmos. Acima de tudo, a região de Lisboa terá sido abastecida nesta época por múltiplos centros, de maior ou menor alcance. Embora arqueologicamente não se conheçam muitos contextos de produção oleira no Vale do Tejo, esses estariam presentes em diversos núcleos urbanos da região, particularmente nos locais onde a matéria-prima, o barro, abundava (Silva, 2003: 36).

Apesar do claro predomínio das produções locais e regionais, existem igualmente elementos exógenos que, embora em quantidades residuais, apresentam origens diversas. Estas importações provêm nomeadamente de Espanha, Itália e França, representando no seu conjunto 6% do NMI do total da cerâmica do AAV. Destacam-se as produções sevilhanas que no seu conjunto representam 5% do NMI do total da cerâmica, que correspondem à quase totalidade das importações identificadas. As restantes produções, com origem em Saintonge, Brugges e Montelupo, representam cada uma entre 0,2 e 0,4% do NMI total. As trocas comerciais com o Norte europeu apoiavam-se na exportação de sal e peixe, nomeadamente da sardinha fumada, sendo esta exportada igualmente para o Sul peninsular (Oliveira *et al*, 2017: 1530)¹³. O comércio com o Sul peninsular, particularmente com Sevilha, era frequente no século XVI. Dessa cidade importava-se particularmente peças de cerâmica que entravam em Portugal através dos portos de Lisboa e do Algarve (Teixeira, Torres, Bettencourt, 2015: 160).

A análise deste espólio, assim como as observações realizadas noutros contextos arqueológicos vilafranquenses de época moderna, sugere que esta vila tinha acesso ao comércio das importações europeias (Casimiro, Henriques, 2016/2017; Casimiro,

¹³ Recordar-se a identificação de restos de sardinha no conjunto de faunas apresentado acima.

Sequeira, 2016/2017; Cruz, 2018; Mendes, Pimenta, 2007; Pimenta, Mendes, 2006). Porém, observa-se no AAV a ausência de alguma cerâmica de importação que frequentemente se encontra em contextos arqueológicos portugueses de cronologia moderna, tais como objectos em grés oriundos do Norte da Europa ou porcelanas da China, assim como certas produções peninsulares tais como cerâmicas de corda-seca ou de reflexo metálico (Silva, Guinote, 1998: 74-87). Todavia, objectos desta natureza encontravam-se presentes noutros contextos modernos de Vila Franca de Xira (Casimiro, Henriques, 2016/2017; Cruz, 2018; Pimenta, Mendes, 2006: 27), mas não no AAV. Além disso, como vimos, os números relativos à presença de cerâmica importada no AAV são limitados. Infelizmente, esses contextos vilafranquenses carecem de estudos que analisem a totalidade dos conjuntos de espólio, não permitindo a comparação com o AAV em termos de quantificação. Eventualmente a singularidade deste sítio pode residir no tipo de contexto arqueológico, um espaço possivelmente periurbano ou nas franjas do antigo aglomerado populacional, podendo ainda estar relacionada com o poder económico dos habitantes ou questões cronológicas. Porém, essa última hipótese parece menos plausível. Enquanto as questões cronológicas poderiam explicar a inexistência de porcelanas por exemplo, sendo estas importadas maioritariamente a partir de finais do século XVI, não justificam a ausência de cerâmica de corda seca e de reflexos metálicos que se encontram nos contextos lisboetas entre a segunda metade do século XV e inícios do XVI (Silva, Guinote, 1998: 74).

A localização de Vila Franca de Xira numa importante linha de comunicação fluvial, assim como a sua proximidade ao porto de Lisboa, facilitaria o acesso aos mercados regionais e europeus. De facto, Lisboa contava, desde os séculos XII-XIII, com a presença de importações do Sul peninsular e do Norte europeu, às quais se juntam as cerâmicas italianas nos séculos XV-XVI (Bettencourt *et al.*, 2018: 152). A existência destes objectos poderá estar relacionada com a presença de mercadores e artesãos estrangeiros em Portugal durante esta época (Silva, 2003: 74-76).

Em termos formais, a análise dos materiais cerâmicos identificados no AAV indica tratar-se de um conjunto de cariz doméstico relacionado com o consumo, confecção e armazenamento de alimentos, bem como com a higiene e iluminação. A presença de malhas de jogo evidência igualmente a prática de uma actividade lúdica. Conservaram-se ainda alguns objectos relacionados com a construção, nomeadamente telhas e azulejos. Porém, observa-se neste contexto a ausência de algumas formas cerâmicas que seriam expectáveis, tais como os almofarizes, os copos de medidas ou as

botijas, geralmente presentes em contextos urbanos de cronologia moderna (Bugalhão, Coelho, 2017: 112-127). Também não se identificaram formas de cerâmica modelada, popular entre o final do século XVI e o século XVII (Silva, 2003: 79).

Embora a cerâmica de cozinha seja a categoria predominante no AAV (46%), denota-se aqui a abundância da cerâmica de mesa (34%), sendo também o grupo mais diversificado ao conter todos os tipos de cerâmica (fosca, brunida, vidrada e esmaltada). Essa abundância dever-se-á à transformação dos hábitos alimentares durante o final da Idade Média, época na qual o consumo se individualiza, multiplicando-se os recipientes tais como pratos e tigelas. O aumento de pratos aponta também para a presença de refeições mais sólidas, que ao invés dos ensopados não necessitavam de ser consumidas em recipientes fundos (Silva, 2003: 56-75). Porém, o predomínio das panelas em relação aos tachos e frigideiras (Tabelas 2-3, Anexo VI), sugere que os alimentos seriam consumidos maioritariamente sob a forma de cozidos ou ensopados (Casimiro, Boavida, Detry, 2017: 112-114).

No AAV, a cerâmica vidrada e esmaltada era utilizada maioritariamente para o consumo individual de alimentos, sendo talvez preferida pelas suas superfícies lisas e impermeabilizadas. Paralelamente, e como vimos na UE 107, em cerâmica fosca encontra-se todo o tipo de recipientes, embora sejam mais frequentes os objectos relacionados com confecção e armazenamento de alimentos, nomeadamente as peças destinadas a ir ao fogo, assim como a cerâmica relacionada com o consumo de líquidos. Também a cerâmica brunida corresponde maioritariamente a objectos relacionados com a confecção e consumo de alimentos e líquidos.

Os talheres, raramente presentes em contexto arqueológico, estão representados no AAV por um cabo de faca em osso, não se tendo conservado a parte metálica deste objecto. Já as colheres, das quais não se registam vestígios neste contexto, poderiam ser fabricadas em metal, nomeadamente em ferro ou estanho (Boavida, 2017b: 125-127), ou em madeira. Em madeira eram também fabricados recipientes, designados “louça de pau”, nomeadamente pratos e tigelas, bem como contentores de armazenamento. Porém, os objectos em madeira degradam-se rapidamente e desaparecem do registo arqueológico, encontrando-se geralmente apenas em contextos subaquáticos (Coelho *et al.*, 2017: 1631-1632). Estes objectos não seriam tão frequentes no século XVI face ao consumo de cerâmica (Silva, 2003: 39). No entanto, são mencionados no foral de 1510 de Vila Franca de Xira, indicando que teriam ainda importância na economia local dessa época (Camacho, 1985a: 165).

À semelhança do referido em relação à cerâmica, a análise do conjunto de faunas do AAV aponta para o cariz doméstico deste contexto, relacionando-o com os restos de consumo da população urbana. Neste conjunto de faunas assinala-se o predomínio dos mamíferos, que seriam o grupo mais relevante na alimentação (Tabelas 103 e 104, Anexo VI). Da sua análise, podemos deduzir que os habitantes do AAV consumiam maioritariamente carne de gado bovino e ovicaprino, sendo estas as espécies de médio a grande porte mais abundantes. Essa alimentação seria complementada por aves, peixe e moluscos, para além de outros mamíferos como o porco/javali, a lebre/coelho e, possivelmente, o corço e o veado. A existência de caça ou, pelo menos, o acesso a produtos derivados dessa actividade, é comprovada pela presença de algumas aves e de um esquilo. A confirmar-se, a identificação do corço e do veado, bem como a eventual presença de lebre, reforçam a frequência de espécies selvagens.

Contudo, as condicionantes relacionadas com a afectação e escavação parcial do sítio arqueológico dificultaram a reflexão sobre a alimentação dos antigos habitantes deste local. Além disso, não há referência ao uso de crivo durante a intervenção arqueológica, o que pode explicar a quase ausência de peixe e microfauna no conjunto de faunas recuperado, apenas presentes em reduzida quantidade na UE 107. Isto tem impacto nos resultados finais desta investigação, que podem não reflectir a realidade da época, já que a análise da amostra de sedimento revelou elementos de reduzidas dimensões tais como escamas de peixe e sementes.

A representação das espécies presentes em cada sítio arqueológico é influenciada pelas condições geográficas dos diferentes espaços, nomeadamente a presença ou não de áreas de mata e floresta nas quais subsistam animais selvagens, bem como a sua capacidade de sustentar a criação de gado. Nesta época, em certos locais, a representação dos bovinos em relação aos ovicaprinos pode ser modesta (Costa, 2009: 41-46; Detry *et al.*, 2014: 117-120), enquanto noutros, nomeadamente em Vila Franca de Xira (Detry, Pimenta, 2016-17: 248-250) ou em Santarém (Davis, 2006: 21-23), as quantidades são mais equilibradas, podendo mesmo haver um predomínio dos bovinos. A abundância de bovinos nestas regiões deve-se presumivelmente às condições propícias do Ribatejo para a criação de gado, onde ainda hoje essa actividade é importante. Também o gado ovicaprino seria criado nesta região (Catarino, 1998: 122-123), como sugere a sua abundância no conjunto de faunas do AAV.

O predomínio de espécies como o berbigão pode dever-se não apenas a questões de gosto e acesso, nomeadamente pela proximidade do mar, mas também às alterações tafonómicas, pois nem todos os moluscos apresentavam o mesmo estado de conservação. Os mexilhões, por exemplo, encontravam-se muito fragmentados comparativamente ao berbigão, sendo possível que estivessem presentes em quantidades superiores às que este contexto apresenta.

A maioria das espécies identificadas no AAV encontra-se igualmente nos níveis dos séculos XV-XVI do MNR em Vila Franca de Xira (Detry, Pimenta, 2016-17: 248-250). Também neste local os ovicaprinos constituem o grupo predominante, seguido pelos bovinos. Para além de constituírem uma fonte de carne, os ovicaprinos e bovinos poderiam ser igualmente uma fonte de produtos secundários tais como lã, peles e leite, permitindo ainda o fabrico de queijos e manteiga (Costa, 2009: 46; Detry, Gambini, Corte-Real, 2014: 120).

Os ossos com marcas de corte ou de cutelo são pouco abundantes, representando 9% dos restos analisados no AAV. Estas marcas encontram-se apenas em mamíferos, estando presentes maioritariamente na UE 107 e unidades descontextualizadas (UE 101/201 e Recolha de Superfície), o que se justifica por estas conterem o maior número de restos. Os cortes profundos de cutelo, relacionados com a divisão das carcaças em porções mais pequenas, são os mais abundantes e estão presentes apenas em animais de médio a grande porte, nomeadamente bovinos e ovicaprinos. Esta situação estará relacionada com a necessidade de separar as diferentes partes do animal que poderiam ser consumidas por grupos sociais distintos, para além de permitir ajustá-las às dimensões dos recipientes de cozinha. De facto, certas partes constituíam um direito da alcaidaria a ser cobrado no açougue, sendo essas os úberes das vacas, assim como os lombinhos, baço e rim¹⁴ dos suínos. Outros animais eram alvo de imposto, nomeadamente o boi, pelo qual se devia pagar dois reais, assim como o peixe, sendo o imposto de dez reais por ano por cada barca de pesca. Em relação aos coelhos era cobrada a dízima aos animais comercializados na vila que tivessem sido trazidos do exterior (Camacho, 1985a: 164-166). É incerto se este imposto abrangia apenas o coelho doméstico ou igualmente as espécies selvagens obtidas através de caça,

¹⁴ Tradução das expressões utilizadas no foral proposta por Antunes e Machado (1996: 136).

Existindo um açougue¹⁵ em Vila Franca de Xira, localizado a escassa distância do AAV¹⁶, é provável que as carcaças fossem preparadas nesse local. Contudo, os ossos de mamíferos identificados no AAV sugerem a presença de esqueletos relativamente completos, mesmo no caso dos animais de médio e grande porte, dada a presença de elementos da cabeça e do esqueleto apendicular nas espécies identificadas, assim como vértebras e costelas pertencentes a mamíferos indeterminados. Isto não se verifica no conjunto de aves, que se encontram representadas maioritariamente por elementos do esqueleto apendicular.

Embora encontremos referência aos bovinos, ao porco e ao coelho no foral quinhentista, os ovicaprinos não são mencionados, apesar da evidência arqueológica realçar a sua importância. Esta situação poderá indicar o valor económico superior dos primeiros em relação às ovelhas e cabras. Observa-se igualmente no foral a importância do peixe e marisco, bem como da actividade piscatória que era alvo de diversos impostos (Camacho, 1985a: 162-166). A presença de espécies marinhas no conjunto de faunas do AAV, nomeadamente a sardinha e o besugo, bem como um peixe cartilágneo, possivelmente um cação, sugere que a população vilafranquense tinha acesso a produtos alimentares provenientes do litoral marinho, não se limitando aos recursos locais.

Para além dos peixes identificados no AAV, terão sido pescadas em Vila Franca de Xira outras espécies referidas nas memórias paroquiais de 1758, nomeadamente sáveis, enguias, barbos, linguados e camarões (Vargas, 1989-1990: 74). Os sáveis e o marisco encontram-se igualmente referidos no foral de 1510, comprovando a sua abundância e importância económica (Camacho, 1985a: 162-163).

Segundo um estudo realizado por Catarino (1998: 65-70), nos séculos XIV-XV Vila Franca de Xira possuía reduzida produção agrícola quando comparado com vilas vizinhas tais como Alhandra, Alverca, Povos ou Castanheira do Ribatejo. Essa situação obrigaria a vila a recorrer ao comércio para a obtenção de cereais, produtos hortícolas e frutícolas, assim como vinho, sendo o olival a única cultura que se sabe ter existido nas imediações do núcleo urbano¹⁷. Porém, nas Memórias Paroquiais de Vila Franca de

¹⁵ Os açougues eram locais dedicados à comercialização de diversos produtos, não apenas carne (Beirante, 2008: 61).

¹⁶ Segundo a planta de 1786, o açougue localizava-se na Rua Dr. Jacinto Nunes, antiga Rua do Açougue, na margem Norte da Ribeira de Santa Sofia. O AAV situa-se a cerca de 112 metros dessa rua.

¹⁷ Contudo, é possível que a aparente ausência de cultivos em Vila Franca de Xira se deva na verdade à falta de informação sobre esta zona devido às reduzidas fontes históricas documentais que sobreviveram até aos nossos dias.

Xira refere-se o trigo, cevada e milho como sendo as maiores colheitas da vila, assim como a abundância de frutos (Vargas, 1989-1990: 72). A cultura da oliveira é atestada pela planta da vila de 1786 (Figura 5, Anexo I) onde podemos observar um olival localizado na sua periferia Este. A produção de azeite seria fundamental pois este era o principal combustível utilizado na iluminação, bem como na alimentação, nomeadamente em frituras. O foral de 1510 refere também a existência de produção cerealífera na vila, para além de outros produtos, tais como o vinho, azeite e azeitona (Camacho, 1985a: 161-175). De facto, é pouco provável que uma vila, nesta época, não possuísse no seu termo culturas com vista à alimentação da sua população. As terras cultiváveis seriam utilizadas para a produção de diversos alimentos, frequentemente em associação, destinados à subsistência dos habitantes do núcleo urbano e do seu termo (Catarino, 1998: 82-101). Também as hortas urbanas forneciam alimentos. Estas podiam encontrar-se nos quintais anexos aos lotes de habitação, permitindo a cada habitante o cultivo de alguns produtos para seu próprio consumo, ou em espaços mais amplos, possivelmente comunitários (Conde, 2011: 90-91). Em Vila Franca de Xira existia pelo menos um desses espaços situado no interior da malha urbana, assinalado no mapa de 1786 como “orta da passagem”, embora não se saiba se este seria comunitário ou privado (Figura 5, Anexo I).

Em Vila Franca de Xira explorava-se igualmente a madeira que, para além de ser comercializada, seria utilizada na construção de embarcações e outras estruturas, bem como no fabrico de louça de madeira. Também a produção de linho em Vila Franca de Xira encontra-se atestada pelo foral de 1510. A presença desta planta é igualmente confirmada pela identificação de uma semente de linho na amostra de sedimento recolhida no AAV. A existência de outras produções, tais como o vinagre, alhos e cebolas, permanece incerta pois o foral não menciona se eram produzidos localmente, referindo-se apenas ao seu comércio (Camacho, 1985a: 161-165).

O foral de 1510 refere-se à existência de padeiras na vila, que confeccionam pão pelo menos ao sábado (Camacho, 1985: 147-175). A existência desta classe profissional confirma o carácter urbano desta vila, sugerindo ainda a presença de um número significativo de habitantes. De facto, no século XVI a densidade populacional de Vila Franca de Xira superava a das vilas circundantes. No que hoje consideramos como a região de Lisboa, apenas a própria capital, Santarém e Alenquer possuíam à época população superior a Vila Franca de Xira, que registava 311 fogos na terceira década de Quinhentos (Rodrigues, 1993: 201-203).

Um estudo paleobiológico dos restos humanos provenientes do cemitério da antiga Igreja Matriz de Povos, os quais foram datados maioritariamente entre os séculos XVI e XVIII, aporta-nos mais dados sobre o quotidiano das populações desta região durante a Idade Moderna. Nesse estudo, muitos indivíduos apresentam perda precoce de dentes, assim como a presença de cáries causadas provavelmente por uma alimentação rica em cereais e tubérculos, ou seja, hidratos de carbono. Esta situação terá sido agravada pelo consumo de açúcar contido em alimentos como o mel e frutos (Cunha *et al.*, 1998: 176-177). O açúcar de cana, embora se torne mais comum na Idade Moderna, era ainda no século XV utilizado maioritariamente como produto medicinal, sendo apanágio das elites. O seu consumo desenvolve-se a partir dos séculos XVI-XVII, à medida que se torna mais acessível (Teixeira, Torres, Bettencourt., 2015: 22-24). Na população de Povos observa-se igualmente desgaste dentário causado por alimentos abrasivos tais como cereais ou outros alimentos secos (Cunha *et al.*, 1998: 177). Ademais, estas populações sofreram períodos de stress durante a infância provocados por deficiências nutricionais e minerais. Estes dados caracterizam uma população de grau socioeconómico médio a baixo com uma alimentação abundante em cereais. (Cunha *et al.*, 1998: 177-180).

Da mesma forma, a alimentação da população vilafranquense seria provavelmente rica em cereais, nomeadamente trigo, cevada e milho, sendo o pão e a carne a base da alimentação tardo-medieval. Também os frutos, hortaliças e leguminosas estavam normalmente presentes na dieta da população dessa época (Gonçalves, 2016: 227-229).

No AAV, a identificação de animais abatidos em idades relativamente jovens sugere que este contexto corresponde a uma população com algumas posses (Davis, 2007: 9). Esta hipótese é reforçada pela quantidade e natureza dos artefactos em vidro e metal identificados, embora a cerâmica importada seja escassa. A localização deste sítio nas imediações da Rua Direita, especialmente se a área intervencionada corresponder ao quintal de um único lote de habitação, também poderá ser representativa de um certo poder económico.

10. Considerações Finais

Considera-se que o principal objectivo traçado para este trabalho, que consistiu na análise do contexto arqueológico do AAV com vista ao desenvolvimento de conhecimento sobre os quotidianos dos séculos XV e XVI em Vila Franca de Xira, foi cumprido. O estudo deste contexto permitiu lançar hipóteses sobre a integração urbanística do sítio arqueológico, esclarecendo a sua cronologia de ocupação, embora a sua função não se encontre totalmente elucidada. Através do estudo dos materiais do AAV aportaram-se ainda dados acerca dos hábitos de consumo e dinâmicas comerciais em Vila Franca de Xira. Para tal foram fundamentais os dados resultantes da análise do conjunto de faunas, em conjugação com o estudo dos restantes materiais, com destaque para a cerâmica. Infelizmente, as condicionantes inerentes às intervenções no âmbito da arqueologia preventiva, nomeadamente a escavação apenas parcial do sítio e a sua anterior afectação, não permitiram esclarecer algumas questões relacionadas com a configuração deste espaço e sua contextualização no núcleo urbano. Também as conclusões acerca dos hábitos de consumo foram afectadas pelo método de recuperação empregue na intervenção, particularmente a ausência de crivagem que terá condicionado a representação das espécies animais.

Vila Franca de Xira formou-se através da junção de duas povoações que se fundiram formalmente em 1212, através de carta de foral. Embora a informação que possuímos sobre esta vila seja reduzida, a análise de iconografia do século XVII e cartografia do século XVIII, aliada aos dados arqueológicos e estudos existentes, permitiu-nos gerar algumas considerações sobre como poderá ter sido a morfologia deste núcleo urbano durante a Idade Moderna. O sítio do AAV situa-se no centro da vila, nas imediações da antiga Rua Direita e Estrada Real, encontrando-se assim numa zona de passagem relevante. A análise dos materiais, particularmente o conjunto de cerâmicas e metais, permitiu definir diversas fases de ocupação desse espaço.

Embora subsistam algumas interrogações sobre a função deste local, determinou-se que antes do final do século XV o AAV seria um espaço aberto utilizado como área de armazenamento, tratando-se provavelmente de uma zona de quintal anexo a um ou mais edifícios de habitação. Este sítio era composto por diversas estruturas negativas, das quais um poço e um silo. Neste local observou-se ainda um tanque, afastado das restantes estruturas identificadas e talvez pertencente a outro lote. O silo

UE 108 terá sido preenchido maioritariamente entre o final do século XV e inícios do século XVI, após a sua desactivação enquanto estrutura de armazenamento. Propomos a mesma cronologia para o preenchimento do tanque UE 303, mas tudo leva a crer que o espaço tenha permanecido como um quintal. Uma das estruturas negativas, a UE 111, terá sido colmatada entre a segunda metade do século XVI e o século XVII, enquanto o entulhamento do poço UE 203 ter-se-á processado entre o final do século XVII e terceiro quartel do século XVIII. Nesta época o local terá então profundamente alterado, com vista à construção do edificado visível na planta de Vila Franca de Xira de 1786.

A análise do espólio do AAV revelou uma grande diversidade de cerâmica, com a presença de várias produções regionais, assim como escassas peças importadas. Observou-se que a cerâmica regional compõe a maioria deste conjunto, sendo constituída por produções do Vale do Tejo provenientes nomeadamente de Lisboa, do Barreiro e de Alenquer, colocando-se a hipótese também de uma produção local, que carece de confirmação arqueológica. Em relação às importações, registou-se a presença maioritária de produções sevilhanas, bem como algumas peças com origem em Montelupo, Saintonge e Brugges, cerâmicas que se encontram frequentemente nos contextos portugueses de época tardomedieval e moderna. A localização de Vila Franca de Xira em importantes linhas de comunicação terrestres e fluviais, nomeadamente a Estrada Real e o Rio Tejo, assim como a sua proximidade ao porto de Lisboa, terão facilitado o acesso a estes produtos. Ressalta, porém, a sua escassez, bem como a ausência de materiais geralmente presentes em contextos desta época.

Em termos formais, constatou-se que a cerâmica identificada se relaciona principalmente com o consumo, confecção e armazenamento de alimentos, observando-se ainda alguns objectos relacionados com a higiene e iluminação. Em quantidades residuais encontram-se peças relacionadas com uma actividade lúdica, assim como cerâmica de construção. Estes dados permitem inferir o cariz doméstico deste contexto, composto por restos de consumo da população urbana. Embora a cerâmica de cozinha seja a categoria predominante neste conjunto, denota-se a abundância da cerâmica de mesa, sugerindo uma prática de consumo mais individualizada.

Neste contexto conservou-se igualmente espólio vítreo, metálico e lítico. Nestas categorias registaram-se alguns objectos de excepção, nomeadamente no conjunto de vidros, que se destacam do restante espólio. Estes materiais sugerem que a população deste local não seria de estatuto baixo, sendo este possivelmente um contexto de classe popular com algumas posses.

Através da análise do conjunto de faunas do AAV conclui-se que os mamíferos, nomeadamente os bovídeos, terão sido o grupo mais relevante na alimentação de origem animal desta população, que seria complementada por aves, peixes e moluscos. Embora a maioria das espécies identificadas corresponda a animais domésticos, observou-se ainda a presença de animais selvagens que assinalam a prática da actividade cinegética e piscatória. A primeira aporta-nos ainda dados ambientais, sugerindo a existências de áreas de bosque na zona de Vila Franca de Xira, à qual os seus habitantes teriam acesso. Contudo, é possível que esta população tenha obtido alguns destes produtos através de trocas comerciais e não directamente através de caça.

A execução deste estudo contribuiu para o conhecimento do núcleo urbano de Vila Franca de Xira na transição entre a Idade Média e Moderna. Espera-se que as informações recolhidas ajudem a compreender a região e sejam úteis para futuros estudos sobre os quotidianos dessa época, disponibilizando uma fonte para futuras comparações.

Para esclarecer as questões que permanecem, no futuro será necessário estudar os demais contextos vilafranquenses de época medieval e moderna. Dada a reduzida quantidade de informação acerca do urbanismo, seria igualmente pertinente privilegiar a investigação sobre os contextos arqueológicos identificados na sequência de intervenções no núcleo urbano.

Paralelamente, de forma a facilitar a investigação sobre os contextos desta época, seria relevante a criação de uma base de dados ou, idealmente, uma colecção de referência que agregasse a informação conhecida sobre produções e tipologias de cerâmica portuguesa do período moderno na região de Lisboa. A análise e publicação de materiais não cerâmicos, sobretudo os conjuntos de faunas, deveria ser sistemática, proporcionando assim uma melhor compreensão dos contextos arqueológicos.

Bibliografia

Fontes impressas

- AMARAL, J. J. F. S. (1991a) *Ofertas históricas relativas à povoação de Vila Franca de Xira para instrução dos vindouros*, Vol. 1, Vila Franca de Xira: Museu Municipal.
- AMARAL, J. J. F. S. (1991b) *Ofertas históricas relativas à povoação de Vila Franca de Xira para instrução dos vindouros*, Vol. 2, Vila Franca de Xira: Museu Municipal.
- CAMACHO, C. F. (Coord.) (1985a) “Fontes Documentais - Forais do concelho de Vila Franca de Xira”, In *Boletim Cultural*, nº 1, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 147-175.
- MACEDO, L. (1992) *Antiguidades do moderno concelho de Vila Franca de Xira*, Vila Franca de Xira: Museu Municipal.
- VARGAS, J. M. (1989/1990) “Memórias Paroquiais de Vila Franca de Xira”, In CAMACHO, Clara Frayão (Coord.), *Boletim Cultural*, n.º 4, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 63-74.

Fontes iconográficas

- BALDI, P. M. (1668-1669) *Viaje de Cosme de Médicis por España y Portugal (1668-1669)*, In RIVERO, A. S.; RIVERO, A. M. S. (Eds.) (1933), Madrid: Sucesores de Rivadeneyra, p. 60. In <http://purl.pt/12926/3/#/1> - Consultado dia 10/04/18.

Relatórios

- FERREIRA, M.; MACEDO, M. (1999a) *Intervenção arqueológica de emergência na Ermida do Mártir Santo e Casa da Ermitoa (Vila Franca de Xira)*, Relatório dos trabalhos arqueológicos, Lisboa: Era Arqueologia, S.A.
- FERREIRA, M.; MACEDO, M. (1999b) *Intervenção arqueológica de emergência na Ermida do Mártir Santo e Casa da Ermitoa (Vila Franca de Xira) – 2ª Campanha*, Relatório dos trabalhos arqueológicos, Lisboa: Era Arqueologia, S.A.
- FERREIRA, M.; MACEDO, M. (1999c) *Intervenção arqueológica de emergência na Ermida do Mártir Santo e Casa da Ermitoa (Vila Franca de Xira) – 3ª Campanha*, Relatório dos trabalhos arqueológicos, Lisboa: Era Arqueologia, S.A.
- FERREIRA, M. (2000) *Intervenção arqueológica de emergência na Ermida do Mártir Santo e Casa da Ermitoa (Vila Franca de Xira). Estudo cronológico dos materiais arqueológicos*, Lisboa: Era Arqueologia, S.A.

- MENDES, H. (2017) *Relatório dos trabalhos de escavação da Rua José Dias da Silva Nº 9 a 11, Vila Franca de Xira*, Vila Franca de Xira: Município de Vila Franca de Xira, Divisão de Património e Museus.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2006) *Relatório escavações do Museu do Neo-realismo (Vila Franca de Xira)*, Vila Franca de Xira: Município de Vila Franca de Xira, Divisão de Património e Museus.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2010) *Relatório de sondagens arqueológicas no Edifício nº 41 a 49 da Rua Comendador Miguel Esguelha - Vila Franca de Xira*, Vila Franca de Xira, Município de Vila Franca de Xira, Divisão de Património e Museus.
- PINTO, M. A. (2005) *Relatório Final da Intervenção Arqueológica – Serpa Pinto 65*, Torres Novas: Crivarque, Lda.
- PINTO, M. A. (2007) *Relatório Final da Intervenção Arqueológica no Ateneu Artístico Vilafranquense*, Torres Novas: Crivarque, Lda.

Estudos

- AMORES, F.; CHISVERT, N. (1993) “Tipología de la Cerámica Común Bajomedieval y Moderna Sevillana (s. XV-XVIII): I, la Loza Quebrada de Relleno de Bóvedas”, In AMORES, F. (Dir.) *SPAL: Revista de prehistoria y arqueología de la Universidad de Sevilla*, nº 2, Sevilla: Universidad de Sevilla, p. 269-235.
- ANTUNES, M. T. (2004) “O que comiam os eborenses antigos - estudo arqueozoológico do sítio da Praça do Giraldo, 56”, In RAPOSO, L. (Dir.), *O Arqueólogo Português*, Série IV, nº 22, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 393-451.
- ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (Dir.) (1998) “Protocole de quantification des céramiques”. In *La quantification des céramiques. Conditions et protocole*, Glux-en-Glenne: Centre archéologique européen du Mont Beauvray.
- BARGÃO, A. A. B. V. (2015) *Vivências do Quotidiano do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa): os contextos do poço SE do claustro NE*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Lisboa.
- BARBOSA, P. (1995) “Comércio e circulação no Tejo na Idade Média”, In *O Comércio em Vila Franca de Xira*, Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 51-61
- BARONE, R. (1976) *Anatomie comparée des mammifères domestiques. Tome I : Ostéologie*, Paris : Vigot Frères.
- BARRADAS, A. I. A. (2017) *Entre a Idade Média e a Época Moderna no Hospital Real de Todos-Os-Santos: os contextos do poço de T1 da Praça da Figueira (Lisboa)*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

- BARRADAS, A. I.; SILVA, R. B. (2017) “Cerâmicas quinhentistas vidradas de um poço medieval da Praça da Figueira (Lisboa)”, In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea (Coords.), *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1691-1702.
- BARROCA, M. J. (1989) “Sobre a cronologia dos «passadores em T», In JORGE, V. O. (Ed.), *Arqueologia*, nº 19, Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, p.147-152.
- BARROS, L.; HENRIQUES, F. (2003) “Rua da Judiaria: Um Celeiro nos arrabaldes da vila”, In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C. (eds.) *Actas das 3ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 135-144.
- BARROS, L.; BATALHA, L.; CARDOSO, G.; GONZALES, A. (2012) “A Olaria Renascentista de Santo António da Charneca – Barreiro. A Louça Doméstica”, In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (Coords.), *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*, Vol. 2, Lisboa: Centro de História de Além Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, p. 699-710.
- BATALHA, L.; CAMPÔA, A.; CARDOSO, G.; NETO, N.; REBELO, P.; SANTOS, R. (2012) “Vestígios de um Centro Produtor de Faiança dos Séculos XVII e XVIII. Dados de uma Intervenção Arqueológica Na Rua de Buenos Aires, n.º 10, Lisboa”, In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (Coords.), *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*, Vol. 2, Lisboa: Centro de História de Além Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, p. 951-961.
- BATALHA, L.; CARDOSO, G.; LUNA, I. (2017) “Cerâmicas Quatrocentistas e Quinhentistas do Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras”, In *Al-Madan Online*, II Série, nº 21, tomo 2, Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 11-27.
- BEIRANTE, M. A. (2008) *O Ar da Cidade. Ensaio de História Medieval e Moderna*, Lisboa: Edições Colibri.
- BETTENCOURT, J.; COELHO, I. P.; FONSECA, C.; LOPES, G. C.; CARVALHO, P. C. S. D.; SILVA, J. T. P. D. (2018) “Entrar e sair de Lisboa na época moderna: uma perspectiva a partir da arqueologia marítima”, In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; CAESSA, A.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I. (Eds.), *Meios, vias e trajetos...entrar e sair de Lisboa: Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/Direção Municipal de Cultura/Departamento de Património Cultural/Centro de Arqueologia de Lisboa Sociedade de Geografia de Lisboa/Secção de Arqueologia, p. 146-161.

- BINFORD, L. (1981) *Bones: ancient men and modern myths*, New York: Academic Press.
- BLUMENSCHINE, R.; SELVAGGIO, M. (1988) “Percussion marks on bone surfaces as a new diagnostic of hominid behavior”, In *Nature*, nº 333, p. 763-765.
- BOAVIDA, C. M. P. (2009) *Castelo de Castelo Branco. Contributo para o estudo de uma fortificação da Raia Beirã*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- BOAVIDA, C. (2017a) “Dos objectos inúteis, perdidos ou esquecidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa)”, In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. (Coords.), *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1821-1834.
- BOAVIDA, Carlos (2017b) “Preparar, servir e comer – Vestígios arqueológicos metálicos do que se usava na cozinha e à mesa na Lisboa da Idade Moderna. Uma primeira abordagem”, In SENNA MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; MELO, A. A.; CAESSA, A.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I. (Eds.), *Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da cidade. Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 1*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, p. 122-130.
- BOAVIDA, C. (2017c) “Objectos do Quotidiano num Poço do Hospital Real de Todos-Os-Santos”, In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B. (Eds.), *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*, Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa/Departamento de Património Cultural/Direção Municipal de Cultura/Câmara Municipal de Lisboa, p. 441-457.
- BOAVIDA, C.; CASIMIRO, T. M.; SILVA, T. (2013) “Silos medievais da Travessa das Capuchas (Santarém): estruturas e cultura material”, In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (Coords.), *Arqueologia em Portugal – 150 anos. Actas do Iº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 937-945.
- BOAVIDA, C., MEDICI, T. (2018) “Da Importação à Inspiração. Os Vidros do Largo do Coreto, Carnide (Lisboa)”, In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; CAESSA, A.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I. (Eds.), *Meios, vias e trajetos...entrar e sair de Lisboa: Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/Direção Municipal de Cultura/Departamento de Património Cultural/Centro de Arqueologia de Lisboa Sociedade de Geografia de Lisboa/Secção de Arqueologia, p. 178-196.
- BOESSNECK, J. (1969) “Osteological differences between Sheep (*Ovis aries* Linné) and Goat (*Capra hircus* Linné)”, In BROTHWELL, D.; HIGGS, E. (Eds.), *Science in Archaeology*, London: Thames and Hudson, p. 311-358.
- BUGALHÃO, J.; COELHO, I. P. (2017) “Cerâmica Moderna de Lisboa: Proposta Tipológica”, In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B. (Eds.),

Iº Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 107-145.

CALADO, M.; PIMENTA, J.; REGALA, F. (2000) “Olive Jars Encontradas no Tejo”, In *al-madan*, IIª série, nº9, Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 206-207.

CAMACHO, C. F. (1985b) “De Alverca à Castanheira – Cinco vilas da Estremadura através das corografias setecentistas”, In *Boletim Cultural*, nº 1, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 97-106.

CAMACHO, C. F. (1994) “A região de Vila Franca de Xira no tempo dos Descobrimentos”, In *Histórias do Tejo*, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu Municipal, p. 25-41.

CARDOSO, G. (2017) “Análise de Pastas de Cerâmica Através de Recozedura”, In *al-madan online*, II série, nº21, Tomo 3, Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 108-114.

CARDOSO, G.; BATALHA, L.; REBELO, P.; ROCHA, M.; NETO, N.; BRITO, S. (2017) “Uma olaria na Rua das Portas de Santo Antão (Lisboa) – séculos XV e XVI”, In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. (Coords.), *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1715-1719.

CARDOSO, G.; BATALHA, L. (2015) “Evidências de produção oleira dos finais do século XVI a meados do século XVII no Largo de Jesus (Lisboa)”, In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B. (Eds.), *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*, Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa/Departamento de Património Cultural/Direção Municipal de Cultura/Câmara Municipal de Lisboa, p. 147-181.

CARDOSO, G.; BATALHA, L. (2018) “Silos de Francos e Portugueses em Vila Verde dos Francos – Alenquer”, In *Musa*, nº5, Setúbal: Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)/Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS), p. 101-114.

CARDOSO, J. L.; GOMES, M. V. (1996) “Contributo para o estudo das faunas encontradas no poço-cisterna de Silves (séc. XV-XVI)”, In *Xelb: revista de arqueologia, arte, etnologia e história*, nº3, Silves: Museu Municipal de Arqueologia de Silves, p. 207-268.

CARDOSO, G.; GOMES, J. J. F.; RODRIGUES, S.; BATALHA, L. (2016) “Produção Oleira Renascentista na Bacia Hidrográfica do Baixo Tejo: a produção de cerâmicas vidradas em Alenquer, durante o século XVI”, In *al-madan online*, II série, nº 20, Tomo 2, Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 54-63.

- CARDOSO, G.; LUNA, I. (2012) “Fragmentos do quotidiano urbano de Torres Vedras, entre os séculos XV e XVIII. Um olhar através dos objectos do poço dos Paços Do Concelho”, In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (Coords.), *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*, Vol. 1, Lisboa: Centro de História de Além Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, p. 163-172.
- CARDOSO, G., RODRIGUES, S. (1999) “Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais”, In *Arqueologia Medieval*, nº6, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 193-212.
- CARDOSO, G., RODRIGUES, S. (2008) “As cerâmicas de Poço Novo (II) – Cascais”, In DIOGO, J. M., *Actas das 4ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 95-108.
- CARITA, H. (2015) “Lisboa: da cidade medieval à cidade manuelina”. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B. (Coords.), *Lisboa 1415 Ceuta. Historia de dos ciudades - história de duas cidades*, Ciudad Autonoma de Ceuta/ Câmara Municipal de Lisboa, p. 31-36.
- CARMONA, R.; SANTOS, C. (2005) *Olaria da Mata da Machada. Cerâmicas dos séculos XV-XVI*, Barreiro: Camara Municipal do Barreiro.
- CASIMIRO, T. M. (2011) “Estudo do espólio de habitação setecentista em Lisboa”, In RAPOSO, L. (Dir.), *O Arqueólogo Português*, Série V, Vol.1, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional-Casa da Moeda p. 689-726.
- CASIMIRO, T. M. (2013) “Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística”, In FARIA, A. M., *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 16, Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural, p. 351–367.
- CASIMIRO, T. M.; BOAVIDA, C.; DETRY, C. (2017) “Cozinhar e comer: cerâmicas e alimentação em Carnide (1550-1650)”, In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B. (Eds.), *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*, Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa/Departamento de Património Cultural/Direção Municipal de Cultura/Câmara Municipal de Lisboa, p. 110-121.
- CASIMIRO, T. M.; BOAVIDA, C.; MOÇO, A. M. (2017) “Louça “de fora” em Carnide (1550-1650). Estudo do consumo de cerâmica importada”, In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B. (Eds.), *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*, Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa/Departamento de Património Cultural/Direção Municipal de Cultura/Câmara Municipal de Lisboa, p. 50-67.
- CASIMIRO, T. M., BOAVIDA, C., SILVA, T.; NEVES, D. (2018) “Ceramics and cultural change in Medieval (14th-15th century) Portugal: the case of post-Reconquista Santarém”, In *Medieval Ceramics*, nº 37, p. 21-35.

- CASIMIRO, T. M.; HENRIQUES, J. P. (2016/2017) “Da China ao fundo do Tejo. Fragmentos de porcelana dos Séculos XVI e XVII”, In *CIRA Arqueologia*, nº5, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 274-281.
- CASIMIRO, T. M.; HENRIQUES, J. P. (2018) “Pelo Tejo acima: dois séculos de porcelana em Vila Franca de Xira” In *CIRA Arqueologia*, nº6, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 254-269.
- CASIMIRO, T. M.; SEQUEIRA, J. (2016/2017) “Faiança Portuguesa dos Séculos XVI-XVIII recuperada no Tejo”, In *CIRA Arqueologia*, nº5, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 260-273.
- CASTEEL, R.W. (1976) *Fish Remains in Archaeology and Paleoenvironmental Studies*, London: Academic Press.
- CASTRO, A.; PAULA, N. A.; TORRES, J. B.; CURADO, T.; TEIXEIRA, A. (2017) “Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa)”, In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. (Coords.), *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1731-1749.
- CATARINO, M. M. (1998) *Na Margem Direita do Baixo Tejo: Paisagem Rural e Recursos Alimentares (sécs. XIV e XV)*, Dissertação de Mestrado em História Medieval, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- CATARINO, M. M. (2005) “Fontes Documentais na 're-construção' da paisagem. Em torno da vila da Castanheira no início dos Tempos Modernos”, In *Paisagens Rurais e Urbanas. Fontes, Metodologias, Problemáticas, Actas das Primeiras Jornadas*, Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, p. 207-223.
- CLAASSEN, C. (1998) *Shells*, Cambridge: Cambridge University Press.
- COELHO, I. P.; CARVALHO, P.; TEIXEIRA, A. (2017) “a cozinha e a mesa a bordo da fragata portuguesa santo António de taná (mombaça, 1697): estudo de objectos metálicos e em madeira”, In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. (Coords.), *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1627-1640.
- COELHO, I. P.; TEIXEIRA, A. (2018) “Glazed pottery production from Mata da Machada, Barreiro (Portugal)”, In LITTLE, T. G.; KARAKAYA, D. (Eds.), *Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics*, Ankara: Koç Üniversitesi VEKAM, p. 261-265.
- CONDE, M. S. A. (2000) *Uma Paisagem Humanizada. O Médio Tejo nos finais da Idade Média*, Vol. II, Cascais: Patrimonia Historica.

- CONDE, M. S. A. (2011) *Construir, Habitar: A Casa Medieval*, Braga: CITCEM: Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».
- CORREIA, M. (2005/2007) “Um forno de produção cerâmica dos séculos XV-XVI, em Alcochete”, In *Musa*, nº2, Setúbal: Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)/Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS), p. 67-73.
- CORREIA, M. (2014) “Testemunhos dos inícios da Idade Moderna na vila de Alcochete”, In *Setúbal Arqueológica*, Vol. 15, p. 373-382.
- COSTA, C. (2009) “A fauna mamalógica do silo 1 do Castelo de Evoramonte (Estremoz)”, In *Vipasca. Arqueologia e História*, 2ª série, nº3, Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel, p. 39-49.
- COSTA, C. (2012) “A exploração de aves no Alentejo tardo-medieval o caso do silo 1 do Castelo de Evoramonte”, In *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Almodôvar, p. 803-819.
- COSTA, T.; LIBERATO, M. (2007) “Intervenções arqueológicas no Castelo de Evoramonte. Síntese dos resultados”, In *Vipasca Arqueologia e História*, n.º 2, 2ª série, Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel, p. 632-642.
- CRUZ, I. M. L. R. (2018) *A Faiança Portuguesa na Rua Serpa Pinto 65 (Vila Franca de Xira) e as vivências do quotidiano da Época Moderna no Vale do Tejo*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- CUNHA, E.; ARAÚJO, T., MARRAFA, C. (1998) “A população de Povos do Ribatejo nos séculos XVI a XIX, análise paleobiológica”, In CAMACHO, C. F.; CALAIS, A. C.; LUCAS, M. M. (Coords.), *Boletim Cultural Cira*, nº7, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu Municipal, p. 169-182.
- DAVIS, S. J. M. (2006) *Faunal remains from Alcáçova de Santarém, Portugal*, Trabalhos de Arqueologia 43, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- DAVIS, S. J. M. (2007) *Mammal and bird remains from the Iron Age and Roman periods at Castro Marim*, Trabalhos de Arqueologia 107, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- DETRY, C.; GAMBINI, L. I.; CORTE-REAL, A. (2014) “At table with the nuns: the mammals of 17th century Santa-Clara-a-Velha Monastery (Coimbra, Portugal)”, In *Proceedings of the First Zooarchaeology Conference in Portugal*, Oxford: Archaeopress, p. 117-128.
- DETRY, C.; PIMENTA, J. (2016/2017) “Animal remains from medieval and modern Vila Franca de Xira, Portugal: Excavations at the Neo-Realism Museum”, In *CIRA Arqueologia*, nº5, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 238-259.

- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1998) “Intervenção Arqueológica na Rua João do Outeiro, nº 36/44, na Mouraria, em Lisboa”, In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C. (Eds.), *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 257-265.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2003) “Cerâmicas de Barro Vermelho da Intervenção Arqueológica na Calçada de São Lourenço, nº 17/19, em Lisboa”, In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C. (Eds.) *Actas das 3ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 203-213.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2008) “Cerâmicas de barros vermelhos provenientes de entulhos dos terramotos de 1531, em Lisboa”, In DIOGO, J. M. (Coord.) *Actas das 4ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 171-185.
- DRIESCH, A (1976) *A guide to the measurement of animal bones from archaeological sites*. Peabody Museum of Archaeology and Ethnology Bulletin 1, Cambridge: Harvard University.
- DUPONT, C. (2006) *La malacofaune de sites mésolithiques et néolithiques de la façade atlantique de la France: contribution à l'économie et à l'identité culturelle des groupes concernés*, BAR International Series 1571, Oxford: Archaeopress.
- FELÍCIO, C.; SOUSA, F.; GUIMARÃES, R.; GADANHO, A. (2017) “A cerâmica italiana dos séculos XV e XVI do Largo do Jogo da Bola em Carnide, Lisboa”, In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. (Coords.), *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1809-1820.
- FERREIRA, M. A. (2003) “Vidro arqueológico na Região de Sintra (séculos XV e XVII)”, In *Arqueologia Medieval*, nº8, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 279-291.
- FERNANDES, I. M. G. (2012) *A loiça preta em Portugal: Estudo histórico, modos de fazer e de usar*, Tese de Doutoramento em História, Especialidade de Idade Contemporânea, 2 Vols., Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.
- FERNANDES, I. C. F.; CARVALHO, A. R. (1992) “Cerâmicas Baixo-Medievais da Casa nº4 da Rua do Castelo (Palmela)”, In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C. (Eds.), *Actas das 1ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 77-96.
- FERNANDES, I. C. F.; CARVALHO, A. R. (1998) “Conjuntos Cerâmicos Pós-Medievais de Palmela”, In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C. (Eds.), *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 211-255.

- FERNANDES, L.; MARQUES, A.; TORRES, A. (2008) “Ocupação Baixo Medieval do Teatro Romano de Lisboa. A propósito de uma estrutura hidráulica, as cerâmicas vidradas e esmaltadas”, In *Arqueologia Medieval*, N.º 10, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 159-184.
- FERRO, J. P. (1996) *Alenquer medieval (séculos. XII-XV). Subsídios para o seu estudo*, Cascais: Patrimonia Historica Estudos.
- FERREIRA, M.; MACEDO, M. (2000) “A sequência estratigráfica da Ermida do Mártir Santo, V. F. De Xira”, In *Era Arqueologia*, nº1, Lisboa, Era-Arqueologia Lda, p. 69-86.
- FERREIRA, M.; MEDICI, T. (2010) “Mould-blown decorative patterns on medieval and post-medieval glass beakers found in Portugal (14th-18th century)”, In FONTAINE, C. (Ed.), *D'Ennion au Val Saint-Lambert. Le verre soufflé-moulé. Actes des 23^e Rencontres de l'Association française pour l'Archéologie du Verre (Scientia Artis 5)*, Bruxelles : Institut royal du Patrimoine artistique, p. 401-409.
- FILIPE, I.; PINTO, M. (2012) “A modernidade em Leiria: imagens da vida pública e privada na antiga Judiaria”, In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (Coords.), *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*, Vol. 1, Lisboa: Centro de História de Além Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, p. 173-188-
- FISHER, W; SCHNEIDER, M; BAUCHOT, M-L (1987) *Fiches FAO d'Identification des Especies pour les Besoins de la Peche. Mediterranee et Mer Noire (Zone de Peche 37). Révision 1. Volume 1: Vegetaux e Invertébrés*, Roma : Organization des Nations Unies pour l'Alimentation et l'Agriculture.
- GASPAR, A.; GOMES, A.; MENDES, H. C.; PINTO, P.; GUERRA, S.; RIBEIRO, S.; PIMENTA, J., VALONGO, A. (2009) “Cerâmicas do século XV-XVI da Casa do Governador – Castelo de S. Jorge, Lisboa”, In ZOZAYA STABEL-HANSEN, J.; RETUERCE VELASCO, M.; HERVÁS HERRERA, M. A.; DE JUAN GARCÍA, A. (Eds.), *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo (Ciudad Real-Almagro, del 27 de febrero al 3 de marzo de 2006)*, Vol. 2, Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval, p. 653-672.
- GAUTIER, A. (1987) “Taphonomics groups: How and Why?”, In *Archaeozoologia*, vol. 12, p. 47-52.
- GASPAR, J. (1970) “Os portos fluviais do Tejo”, In *Finisterra*, vol. 10, Lisboa, p. 153-216.
- GOMES, A.; GASPAR, A.; VALONGO, A., PINTO, P., GUERRA, S.; RIBEIRO, S.; MENDES, H. C.; PIMENTA, J. (2009) “Cerâmicas medievais provenientes do Beco do Forno – Castelo de S. Jorge”, In ZOZAYA STABEL-HANSEN, J.; RETUERCE VELASCO, M.; HERVÁS HERRERA, M. A.; DE JUAN GARCÍA, A. (Eds.), *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica*

Medieval en el Mediterráneo (Ciudad Real-Almagro, del 27 de febrero al 3 de marzo de 2006), Vol. 2, Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval, p. 955-962.

- GOMES, M. V., GOMES, R. V. (1996) “Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV a XVI, do Poço-cisterna de Silves”, In *Xelb: revista de arqueologia, arte, etnologia e história*, nº3, Silves: Museu Municipal de Arqueologia de Silves, p. 143-206.
- GOMES, M. V., GOMES, R. V., CARDOSO, J. L. (1996) “Aspectos do quotidiano numa casa de Silves, durante o século XV”, In *Xelb: revista de arqueologia, arte, etnologia e história*, nº3, Silves: Museu Municipal de Arqueologia de Silves, p.33-78.
- GONÇALVES, A.; MÓRAN, E.; SILVA, R. C. (2017) “Breve apontamento sobre a cerca (“velha”) medieval de lagos”, In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. (Coords.), *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1581-1593.
- GONÇALVES, I. (1996) “Posturas Municipais e vida urbana na Baixa Idade Média: o exemplo de Lisboa”, In *Um Olhar Sobre a Cidade Medieval*, Cascais: Patrimonia Historica. Estudos, p. 77-95.
- GONÇALVES, I. (2010) “A alimentação”, In MATTOSO, J. (Dir.), *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média*, Lisboa: Círculo de Leitores, p. 226-259.
- GONZALEZ, C. (2012a) Os novos espaços da cidade moderna. Uma aproximação à Ribeira de Lisboa através de uma intervenção no Largo do Terreiro do Trigo”, In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (Coords.), *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*, Vol. 2, Lisboa: Centro de História de Além Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, p. 85-94.
- GONZALEZ, C. (2012b) “Majólicas italianas do Terreiro do Trigo (Lisboa)”, In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (Coords.), *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*, Vol. 2, Lisboa: Centro de História de Além Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, p. 847-854.
- GRANT, A. (1982) “The use of tooth wear as a guide to the age of domestic ungulates”, In WILSON, B; GRIGSON, C.; PAYNE, S. (Eds), *Ageing and sexing animal bones from archaeological sites*, Oxford: Archaeopress, p. 91-108.
- GUERRA, A. (1998) “A respeito do nome de Vila Franca de Xira”, In CAMACHO, C. F.; CALAIS, A. C.; LUCAS, M. M. (Coords.), *Boletim Cultural Cira*, nº7, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu Municipal, p. 155-167.

- GUTIÉRREZ-ZUGASTI, I. (2009) *La Explotación de Moluscos y Otros Recursos Litorales en la Región Cantábrica Durante el Pleistoceno Final*, Santander: Universidad de Cantabria.
- HAGGARTY, G. (2006) “A gazetteer and summary of French pottery imported into Scotland c. 1150 to c. 1650 a ceramic contribution to Scotland's economic history Ceramic Resource”, In *Tayside and Fife Archaeological Journal*, nº 12 (Disc. 3), p. 117-118.
- HILLSON, S. (1992) *Mammal bones and teeth: an introductory guide to methods of identification*, London: Institute of Archaeology.
- LEVINE, M. (1982) “The use of crown height measurements and eruption-wear sequences to age horse teeth”, In WILSON, B.; GRIGSON, C.; PAYNE, S. (Eds.), *Ageing and Sexing Animal Bones from Archaeological Sites*, BAR British Series 109, Oxford: B.A.R., p. 223-250.
- LIBERATO, M. (2006) “Imagens de Evoramonte tardo-medieval. Materiais e quotidianos”, In *Cadernos de Estremoz*, nº1, Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz, p. 3-43.
- LIBERATO, M. A. A. (2011) *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- LOPES, G., COVANEIRO, J.; CAVACO, S. (2006) “Claustro do Convento da Graça. Análise dos materiais cerâmicos e faunísticos provenientes de dois contextos fechados”, In *Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Vol. I, Silves: Câmara Municipal de Silves, p.311-326.
- LUCAS, M. M. (2003) “Vila Franca de Xira: História, Urbanismo e Identidade”, In *Vila Franca de Xira: Tempos do Rio, Ecos da Terra*, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 99-106.
- MARQUES, A.; LEITÃO, E.; BOTELHO, P. (2012) “Rua do Benfornoso 168/186 (Lisboa – Mouraria/Intendente). Entre a nova e a velha cidade, aspectos da sua evolução urbanística”, In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (Coords.), *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*, Vol. 1, Lisboa: Centro de História de Além Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, p. 123-134.
- MARTINHO, M. J.; MONTEIRO, P. (2001) “O Património Religioso de Vila Franca de Xira. Igrejas, Ermidas e Hospitais da Cidade – sua origem, funcionamento e extinção”, In *Núcleo Museológico de Arte Sacra: Igreja do Mártir Santo, S. Sebastião*, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira /Museu Municipal, p. 37-66.
- MARTINGIL, M. (2015) “Testemunhos Arqueológicos na Rua do Jardim do Regedor nº 10 a 32, Lisboa”, In CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B.

(Eds.), *Iº Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 426-439.

- MARTINS, C. M. B. (2001) “A cronologia dos “passadores em T” e um conjunto cerâmico dos sécs. XV/XVI (Escarigo, Figueira de Castelo Rodrigo)”, In *O Arqueólogo Português*, Série IV, nº 19, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 247-258.
- MEDICI, T. (2005) “The glass finds from Rua da Judiaria, Almada, Portugal (12th-19th century)”, In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 8, nº 2, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 535-569.
- MEDICI, T. (2014a) *Vidros da Terra. O vidro tardomedieval e moderno em Portugal (séculos XIV-XVII). O contributo da arqueologia*, Vol. 1, Tese de doutoramento em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- MEDICI, T. (2014b) *Vidros da Terra. O vidro tardomedieval e moderno em Portugal (séculos XIV-XVII). O contributo da arqueologia*, Vol. 2, Tese de doutoramento em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- MENDES, H.; PIMENTA, J.; VALONGO A. (2002) “Cerâmicas medievais provenientes da escavação da Travessa da Lameira nº 21. Centro Histórico de Santarém”, In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 5, nº1, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 259-276.
- MENDES, H.; PIMENTA, J. (2007) *Contexto quinhentista das escavações do Museu do Neo-Realismo*, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
- MENDES, H.; PIMENTA, J. (2015) “Uma colecção de púcaros quinhentistas de Vila Franca de Xira”, In *CIRA Arqueologia*, nº4, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 187-208.
- MORENO-GARCÍA, M.; DAVIS, S.; PIMENTA, C. (2003) “Arqueozologia: estudo da fauna no passado”, In MATEUS, J.; MORENO-GARCÍA, M. (Eds.), *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*, Trabalhos de Arqueologia 29, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 190-234.
- MORENO-GARCÍA, M., DETRY, C. (2010) “The dietary role of hens, chickens and eggs among a 17th-century monastic order: the Clarisse of Santa Clara-a-Velha, Coimbra (Portugal)”, In PRUMMEL, W.; BRINKHUIZEN, D. C. (Eds.), *Birds in Archaeology. Proceedings of the 6th Meeting of the ICAZ Bird Working Group in Groningen*, Groningen Archaeological Studies, Vol. 12, Groningen: Barkhuis.
- MÜNZEL, S. C. (1988) “Quantitative analysis and archaeological site interpretation”. In *ArchaeoZoologia*, nº 2 (1/2), p. 93-110.
- NICHOLSON, R. A. (1993) “A Morphological Investigation of Burnt Animal Bone and an Evaluation of its Utility in Archaeology”, *Journal of Archaeological Science*, nº 20, p.411-428,

- NUNES, T.; FILIPE, I. (2012) “Quarteirão dos Lagares. Contributo para a História económica da Mouraria”, In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (Coords.), *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*, Vol. 2, Lisboa: Centro de História de Além Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, p. 141-150.
- NUNES, G. S.; SILVA, P. (Coords.) (2013) *800 anos do foral 1212-2012*, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu Municipal.
- OLIVEIRA, F.; SILVA, R. B.; BARGÃO, A.; FERREIRA, S. (2017) “O comércio medieval de cerâmicas importadas em Lisboa: O caso da Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28”, In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. (Coords.), *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1523-1538.
- PAYNE, S. (1973) “Kill-off Patterns in Sheep and Goats: The Mandibles from Aşvan Kale”, In *Anatolian Studies*, Vol. 23, Ankara: British Institute at Ankara, pp. 281-303.
- PAYNE, S. (1987) “Reference codes for wear states in the mandibular cheek teeth of sheep and goats”, In *Journal of Archaeological Science*, nº14, p. 609-614.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2007) “A escavação de um troço da via romana “Olisipo-Scallabis” (Vila Franca de Xira)”, In FARIA, A. M., *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 10, nº 2, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 171-210.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2016) *Carta Arqueológica de Vila Franca de Xira*, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- PINHEIRO, H. I. H. (2015) *Arqueologia Urbana em Lisboa: o Convento do Carmo entre os séculos XIV e XIX*, Relatório de Estágio de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- PINTO, M. P.; FERREIRA, M. M. (2001) “Os materiais datantes da Ermida Mártir Santo (Vila Franca de Xira)”, In *Era Arqueologia*, nº3, Lisboa: Era Arqueologia, S.A., p. 5-17.
- PLEGUEZUELO, A.; LAFUENTE, M. P. (1995) “Cerâmicas de Andalucía Ocidental (1200-1600)”, In GERRARD, C. M.; GUTIÉRREZ, A.; VINCE, A. G. (Eds.), *Spanish medieval ceramics in Spain and the British Isles. Cerámica medieval española en España y en las Islas Británicas*, BAR International Series, 610, Oxford: Tempus Reparatum, 217-244.
- PLEGUEZUELO, A.; LIBRERO, A.; ESPINOSA, M.; MORA, P. (1999) “Loza Quebrada” Procedente de la Capilla del Colegio-Universidad de Santa María de Jesús (Sevilla)”, In *SPAL: Revista de prehistoria y arqueología de la Universidad de Sevilla*, nº 8, p. 263-294.

- PONCE, M.; OLIVEIRA, F.; NUNES, T.; PINTO, M.; LOURENÇO, M. (2017), “O sítio dos Lagares (Lisboa): um espaço pluricultu(r)al”, In ARNAUD, J. Morais; MARTINS, A. (Coords.), *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1703-1714.
- RODRIGUES, T. F. (1993) “As estruturas populacionais”, In MATTOSO, J. (Dir.), *História de Portugal, No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)*, Vol. 3, Círculo de Leitores. p. 197-241.
- RAPOSO, R. D. C. (2017) *Castelo de Alenquer: ensaio sobre a Coleção Hipólito Cabaço*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- ROSA, S. M. P. (2019) *Os Silos Medievais de Almada. Morfologia e dinâmicas de utilização*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- REITZ, E. J.; WING, E. S. (2008) *Zooarchaeology – Cambridge Manuals in Archaeology*, United Kingdom: Cambridge University Press.
- SABROSA, A. (2008) “As faianças da Casa Côrte-Real, Largo do Corpo Santo, Lisboa”, In DIOGO, J.M. (Coord.) *Actas das 4ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 109-142.
- SANTOS, P. A. (2008) “Cerâmicas de cronologia moderna do edifício do Aljube em Lisboa”, In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 11, nº 2., Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 325-345.
- SCHMID, E. (1972) *Atlas of Animal Bones. For Prehistorians, Archaeologists and Quarternary Geologists*, Elsevier Publishing Company.
- SEBASTIAN, L. (2010) *A Produção Oleira de Faiança em Portugal (séculos XVI-XVIII)*, Dissertação de Doutoramento em História com especialidade de Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- SEBASTIAN, L. (2012) “Faiança Portuguesa. Centros produtores, matérias, técnicas de fabrico e critérios de distinção”, In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (Coords.), *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*, Vol. 2, Lisboa: Centro de História de Além Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, p. 937-950.
- SEBASTIAN, L. (2015) *A Faiança Portuguesa de Olaria na Intervenção Arqueológica no Mosteiro de São João de Tarouca*, Lamego: Direcção Regional de Cultura do Norte/Vale do Varosa.

- SEBASTIAN, L.; CATARINO, L.; CASTRO, A. S. (2004) “Utensílios líticos no quotidiano do Mosteiro de S. João de Tarouca”, In BICHO, N. F.; CARVALHO, A. F. (Eds.), *As Épocas Medieval e Moderna na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, Promontoria Monográfica 13, Faro: Núcleo de Arqueologia e Paleoecologia, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade do Algarve, p. 91-109.
- SIMÕES, J. M. S.; OLIVEIRA, E. G. (1997) *Azulejaria em Portugal no século XVII. Tomo I – Tipologia*, 2ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SILVA, R. C. (2012) “Primeira abordagem a um depósito moderno no antigo Paço Episcopal de Coimbra (Museu Nacional de Machado de Castro) a cerâmica desde meados do século XV à consolidação da renascença”, In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (Coords.), *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*, Vol. 2, Lisboa: Centro de História de Além Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, p. 877-890.
- SILVA, R. B. (2003) “Olaria medieval e dos Descobrimentos do Vale do Tejo: um enquadramento”, In *Olaria portuguesa: do fazer ao usar*, Lisboa: Assírio & Alvim, p. 35-61.
- SILVA, R. B.; GUINOTE, P. (1998) *O Quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos. Roteiro dos lugares e objectos*, Lisboa: Ministério da Educação.
- SILVA, R. B.; MIRANDA, P.; VIEIRA, V. N.; VICENTE, A. M.; LOPES, G. C.; NOZES, C. (2012) “Largo do Chafariz de Dentro”, In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (Coords.), *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*, Vol. 2, Lisboa, Centro de História de Além Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, p. 71-84.
- SILVER, I.A. (1969) “The aging of domestic animals”, In BROTHWELL, D.; HIGGINS, E. (Eds.), *Science in archaeology*, New York: Thames and Hudson, p. 283-302.
- TEICHNER, F.; SCHIERL, T. (2009) “A olaria medieval da Porta da Lagoa em Évora (Alto Alentejo, Portugal), In ZOZAYA STABEL-HANSEN, J.; RETUERCE VELASCO, M.; HERVÁS HERRERA, M. A.; DE JUAN GARCÍA, A. (Eds.), *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo (Ciudad Real-Almagro, del 27 de febrero al 3 de marzo de 2006)*, Vol. 2, Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval, p. 975-986.
- TEIXEIRA, A.; TORRES, J. B.; BETTENCOURT, J. (2015) “The Atlantic Expansion and the Portuguese Material Culture in the Early Modern Age: An Archaeological Approach”, In FUNARI, P. P. A.; SENATORE, M. X. (Eds.), *Archaeology of Culture Contact and Colonialism in Spanish and Portuguese America*, Switzerland: Springer International Publishing, p. 19-28.

- TEIXEIRA, A.; TORRES, J. B. (2015) “O abastecimento e comércio de Ceuta portuguesa”, In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B. (Coords.), *Lisboa 1415 Ceuta. historia de dos ciudades - história de duas cidades*, Ciudad Autonoma de Ceuta/Câmara Municipal de Lisboa, p. 157-161.
- TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B. (Coords.) (2015) *Lisboa 1415 Ceuta. historia de dos ciudades - história de duas cidades*, Ciudad Autonoma de Ceuta/Câmara Municipal de Lisboa.
- TEIXEIRA, A. ; EL-BOUDJAY, A.; TORRES, J. B. ; GONZÁLEZ TINTURÉ, A. ; EL-BALJANI, K. ; GABRIEL, S. (2016) “L’évolution de l’habitat domestique à Ksar Seghir à la fin du Moyen Âge : étude archéologique et conservation, d’une maison mérinide – portugaise”, In TEIXEIRA, A. (Coord.), *Entre les deux rives du Détroit de Gibraltar: Archéologie de frontières aux 14-16e siècles - En las dos orillas del Estrecho de Gibraltar: Arqueología de fronteras en los siglos XIV-XVI*, *ArqueoArte*, n.º5, Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores, p. 29-126.
- TEXEIRA, A., TORRES, J. ; EL-BOUDJAY, A., VILLADA PAREDES, F. (2016) “Les Grandes Jarres et Conteneurs de Transport dans les Place Portugaises du Détroit de Gibraltar (XVe-XVIe siècles)”, In *Actes du Ier Congrès International Thématique de l’AIECM3, Jarres et grands contenants entre Moyen Âge et Époque Moderne*, Aix-en-Provence : AIECM3, p. 175-184.
- TORRES, C. (1990) “Um Forno Cerâmico dos Séculos XV e XVI na Cintura Industrial de Lisboa”, In Bazzana, A.; Amigues, F. (ed.), *Fours de potiers et «testares» médiévaux en Méditerranée occidentale. Méthodes et résultats*, Madrid: Casa de Velázquez, p. 131-141.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (2003a) “Cerâmicas de um Silo da Alcáçova de Santarém”, In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C. (eds.) *Actas das 3ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 145-150.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (2003b) “Cerâmicas de Barro Vermelho de Entulhos do Terramoto de 1755 Provenientes da Sondagem 14 da Rua dos Correeiros, em Lisboa”, In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C. (eds.) *Actas das 3ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 285-293.
- WHEELER, A.; JONES, A. K. G. (1989) *Fishes*, Cambridge: Cambridge University Press.
- WHITE, T. (1992) *Prehistoric Cannibalism at Mancos 5MTURM-2346*, Princeton: Princeton University Press.

Trabalhos académicos

- ANTUNES, C. A. P.; MACHADO, L. M. (1996) *Estudo dos Forais de Vila Franca de Xira*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- BRITO, L. (s.d.) *Louças do quotidiano das casas de época Moderna de Vila de Cira*, trabalho apresentado no âmbito da disciplina de Arqueologia Colonial, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.